

CAUSOS CUBATENSES

Arlindo Ferreira



Posso aumentar... Jamais inventar!

Obra produzida com o apoio da

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



MINISTÉRIO
DA CULTURA

Cubatão
Edição do Autor
2009

Copyright © 2009 Arlindo Ferreira

Pesquisa Iconográfica Francisco Rodrigues Torres
Capa: Design & Print
Projeto Gráfico: Design & Print
Ilustração: Lindolpho Silvério de Freitas Pereira
Digitação de Texto: Carlos Pimentel Mendes
Edição e Editoração: Design & Print
Revisão: Fábio Gonçalves Ferreira
Coordenação Editorial: Welington Ribeiro Borges

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Ferreira, Arlindo
Causos cubatenses : posso aumentar -- jamais inventar! / Arlindo Ferreira. -- Cubatão, SP : Ed. do Autor, 2009.

Obra produzida com o apoio: Ministério da Cultura.
ISBN 978-85-909215-0-9

1. Cubatão (SP) - Crônicas brasileiras
I. Título.

09-02393

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Crônicas Cubatense : Literatura brasileira
869.93

Arte Capa: Dilson Silva Mato Grosso, baseada em quadro de Renato Borges.

*Primeiramente agradeço a Deus
por ter me dado uma memória privilegiada;
À família, pelo incentivo incondicional;
Ao Avelino Ruivo Junior, pela idéia;
Aos amigos do Jornal Acontece;
Aos amigos da TV Pólo;
Aos funcionários da Terracom
e, especialmente, seu Diretor-Presidente,
Antonio Diniz; e, finalmente,
a todos que colaboraram direta e
indiretamente na produção deste livro.*

Dedico aos netos:

Amanda, Dryele, Leandro, Maria Luiza e, em especial, Natalia, Nicolas e Livia pela colaboração.

APRESENTAÇÃO

A figura do contador de causos está ligada às tradições remotas de nossa sociedade cubatense.

Antes do advento da tecnologia dos registros impressos, o contador funcionava como guardião do saber coletivo e, assim, difundia seu conhecimento ao narrar suas histórias a outros. Essa iniciativa implicava na formação de nossos contadores de causos.

As histórias coletadas, no presente livro, compreendem um lapso de tempo considerável e foram resgatadas através do ouvir ou participação direta do autor. Arlindo Ferreira contribui um pouco mais ao adicionar sua criatividade em vários momentos, pois como expressa seu mote, ele "pode aumentar, jamais inventar".

O Grupo Terracom se sente honrado ao contribuir para a difusão do trabalho desse memorialista, cujos antepassados participaram diretamente na construção de nossa história local.

Antonio Diniz
Diretor-Presidente Grupo Terracom

Índice

A boa melancia	15
A bolha quase assassina	15
A capa azul	15
A catraia da Catarina	17
A cobra cipó	17
A cor do amor	17
A entrevista completa	17
A era do rádio - I	17
A era do rádio - II	18
A era do rádio - III	18
A escolta enganada	18
A festa foi em outra praia	18
A fraqueza do almofadinha	19
A fuga das galinhas	19
A Fuga do coelho	19
A fuga errada do valente	20
A gelada da geladeira	20
A infeliz cabrita	20
A ingenuidade da mula	21
A lambreta assassina	21
A máscara voadora	21
A mulher-tocha	22
A ponte que não caiu	22
A prisão da autoridade	22
A queda da Edna	23
A vitória será nossa	23
Acabou o lucro	23
Aconteceu no Acontece	24
a) O tamanho da máquina	24
b) Sequestro	24
c) Treze é hoje	24
d) Só jornal que voa	24
Água salgada... santo remédio	24
Ajuda em boa hora	25
Ajudante enrolado	25
Almoxarifado quase organizado	25
Anjo malcriado	26
Antena diferente	26
Apelido da sorte	26
Aprendiz de macumbeiro	26
Arranhando o violinista	27
Árvore do milagre	27
Assim pega melhor	27
Atentado ao pudor	27
Ator sem fala	28
Atraso de padres	28
Audiência adiada	29
Aulas incompletas	29
Aviso falso	29
Aviso falso de morte	30
Azar do chapéu	30
Balas neles	30
Balas para acalmar o chefe	30
Barulho diferente	31
Bate-papo indevido	31

Bebedeiras	32
Bem acompanhado	33
Bengala elétrica	33
Bichinho de estimação	34
Bigode teimoso	34
Bloco da Mulinha	34
Boca do Lixo só pode cheirar mal	35
Bomba caseira	35
Brinde ao dono do galo	36
Busca-pé inteligente	36
Bússola humana	36
Cachaça obediente	36
Cachorro voador	37
Cadê a chave?	37
Cadê meu fusca?	37
Café amargo	37
Caixa d'água cheia de lenha	38
Caixa de fumaça	38
Caminhada vira-lata	39
Capacidade do saco	39
Capota mas não breca	39
Caranguejo ao ponto	39
Carga mais que pesada	40
Carregador de pasta	40
Carros modernos	40
Casa sem queijo	42
Causos da Junta Militar	42
Cheirinho ruim	43
Cheque borrachudo... e "roubado"	43
Cheque frio	44
Cheque nominal não endossável	44
Cheques imprestáveis	44
Chicote molhado dói mais	45
Chocolate no Diamante Negro	45
Chute na pedra	46
Cigarro em pé sagrado	46
Cinquenta tá bom demais	46
Cofre humano	47
Comícios	47
1) Apoio do Waldick	47
2) Conforto é muito bom	47
3) O choque charmoso	47
4) No Tabuleiro da Campanha do Doutor	47
5) Falem mal, mas falem de mim	48
6) Pavimentação	48
Compressor mágico	48
Computador de barriga	48
Convidadas indecentes	49
Correio... o rápido e o demorado	49
Dá uma, estou nervoso	50
Dedão automático	50
Dentadura que não sabe perder	50
Dentaduras	51
Dentro do trem lotado, pum... é fogo	52
Dinheiro com cheiro de defunto	52
Doação de um cabrito	52

Doce amargo	53
Dois carros sumidos	53
Dois erros ... duas medidas	54
Dois filhos do Francisco	54
Dr. Pinto malcriado	55
Eleitor que não vota	55
Em pé na maca	55
Engenheiro ganha pouco	55
Era uma vez... um paletó	56
Espumou, mas não sarou	56
Esqueceram de mim	56
Esquecimento	57
Estacionamento em local impróprio	57
Ex-pão duro	57
Expulsos à bem da disciplina	58
Falso diploma	58
Falta de habilitação	58
Falta de inspiração	58
Falta inexistente	59
Farofa açucarada	59
Fascista cubatense	59
Feijoada explosiva	59
Foguetes de madrugada	60
Forró da Vaquejada	60
Fumar é prejudicial a atores	60
Funcionário padrão	61
Gaguinho apaixonado	61
Gansos de estimação	61
Garagem apertada	62
Gol no tranco	62
Goleiro bom de frango	62
Gramma especial	63
Greve furada	63
Histórias de um caçador	63
Holerite com defeito	64
I.B.M. em Alfenas	65
Incentivo ingrato	68
Infeliz passeio do galo	68
Irene I e Irene II	69
Joga a toalha	69
Judas, o Carioca	70
Juiz comprado e recomprado	70
Leitão em domicílio próprio	70
Leitão enfeitado	71
Leitão roubado... porém... bento	71
Leite inseticida	72
Lindolpho na TV Pólo	72
Macarrão na hora errada	72
Macumbeiro amigo	72
Madeiras	72
Malhação do Judas	73
Máquinas modernas	73
Mata o rato	74
Matinho pouco milagroso	74
Mestre de Cerimônia atrapalhado	74
Meu pé de cachimbino (brincando de faroeste)	74

Minto.. mas tenho testemunha	75
Modernidade	75
Motorista sem lenço e sem documento	75
Mudei muito	75
Muitas emoções	76
Muito esforço com o bucho cheio	76
Na UTI a serviço	76
Na vala comum	76
Números romanos confusos	77
O acerto do erro	77
O acidentado era outro	77
O acordo que deu certo	78
O aluno aplicado	78
O armário cheiroso	78
O azar do Moacir	79
O barulho do pneu	79
O bicho da banana	79
O bode do Hildebrando	79
O busto enfeitado	80
O cabeção entalado	80
O cabeçudo azarado	80
O cálculo ingrato	81
O carro era dele	81
O castigo do frango	81
O choro da meia noite	82
O convite das almas do outro mundo	82
O deficiente azarado	82
O descanso cancelado	83
O enfermeiro enjoado	83
O engenheiro Colibri	83
O escorregão do macarrão	84
O estouro de um boi só	84
O Eugenio era outro	84
O falso chá milagroso	84
O fantasma com cor de barriga	85
O fantasma se diverte.....	85
O fiel soldado	85
O filho não amado	86
O foguete malcriado	86
O garoto sapeca	86
O goiaço do Brahma	87
O golpe da menina bonita	87
O medroso da Light	87
O medroso do D.E.R.	87
O medroso da TV Pólo	88
O menino escondido	88
O morto bem vivo	88
O novo gerente não tomava banho	89
O paletó	89
O passeio do defunto	89
O patativo enganado	90
O peixe-dentadura	90
O peru que não morreu na véspera	90
O porteiro caxias	91
O poste marginal	91
O prêmio esquecido nas bocas	91

O presidente empolgado	92
O pulo sem cálculo	92
O segredo do padre	92
O sensor e o sushi	92
O sentimento do Moacir	93
O sono do policial	93
O teste do carbono	93
O treinador atleta	93
O troco é teu	94
O um que virou cinco	94
O uso das anotações	94
O vermelho do D.E.R.	95
O Zap do celular	95
Olha o túnel aí, gente!!!	95
Olimpíadas dos salgadinhos	96
Onde há fumaça... há comida	96
Ordem ao pé da letra	96
Ouvido afinado	97
Pacote misterioso	97
Parecia milagre	97
Pegou... se mandou	98
Peixe bota-polvo	98
Pelado em Santos	98
Penas personalizadas	98
Peruca no restaurante	99
Peruca no salão	99
Pés molhados do vendedor de sapatos	99
Pescarias.....	100
Pescarianoturna na praia	100
Placas trocadas	100
Plantas em exposição	101
Por via das dúvidas... ..	101
Prefeito herói	101
Presente de turco	102
Presente trocado	102
Quando a maré subiu foi fogo	102
Quase três em um	102
Questão de pronuncia	103
Rádio Peão	103
Reclamação ao travesseiro	103
Relógio atrasado não adianta	104
Repelente duvidoso	104
Réveillon ao relento	104
Roubar padre é pecado grave	104
Roubaram meu carro	105
Salve Sacadura e Coutinho	105
Sapato apertado	105
Saudades da Zulmira	105
Segurança	106
Segurança de Cristo	106
Sem barulho, porém cheiroso	106
Serventia do ventilador	107
Simão muito bêbado	107
Sorte pequena	107
Sorteio do juiz	108
Sou juiz, mas, não tanto	108

Strogonoff do dia	108
Suicídio cancelado	109
Sujo não entra	109
Tá bom pra cachorro	109
Ta na hora	109
Telefone elétrico	110
Telefone mágico	110
Telefone mudo	110
Tem bobo pra tudo	110
Tem gato e jornal na tuba	110
Ter crédito às vezes é ruim	111
Teste do celular	111
Tiro de fumaça	112
Tô altamente perdido	112
Tô fora	112
Três lágrimas	112
Troca de carros	113
Um caso de polícia	113
Um golaço do animal	113
Um leitão com mais sabor	114
Um quilo e meio que ficou marcado	115
Uma cacetada de milhões	115
Uma multa esquisita	115
Urubu voando baixo	116
Vai cantar, Valtemir	116
Vai que a folha vai junto!!!	116
Velhinho sofredor	116
Visual ingrato	117
Vitamina não faz milagres	117
Viva o Corinthians	117
Viva o Lula Lá!!!	117
"Windows"	118
Zoando na Noite de Autógrafos	118

A boa melancia

Trabalhando na chefia da Limpeza Urbana, recebi uma incumbência do secretário Dr. Pedro Tosta, para visitar uma usina de compostagem na cidade de Salto, perto de Itu. Escalei o Antonio Santana (Bocão) para junto com o gerente ambiental, engenheiro Geraldo Maranhão, seguirmos para a tal cidade.

Como era dia de pagamento, fomos ao Banespa da cidade tirar dinheiro para algumas compras. Eu saquei, Bocão sacou, o motorista João Alfredo também, menos o Maranhão, que não conseguiu por problemas “técnicos”.

Compramos vinho, uva, cachaça, só o engenheiro que não comprou nada, porque estava com pouco dinheiro no bolso. Na volta, já na Imigrantes, paramos perto de uma barraca de frutas para o Maranhão comprar melancia, única fruta que ele dizia gostar.

- Moço, essa melancia é boa???

- Deve ser – respondeu o barraqueiro. Ela está aí nesse solão todo, desde a manhã, e não reclamou nada até agora...

O engenheiro Maranhão não gostou da resposta, perdeu o gosto pela melancia, e acabou não comprando nada.

A bolha quase assassina

Por estar envolvido na coluna Causos Cubatenses, no jornal Acontece, contando a história folclórica de Cubatão, fui convidado pela jornalista cubatense da TV Tribuna, Morgana Monteiro, para uma entrevista em homenagem ao aniversário da cidade. A intenção era fazer a matéria na Fabril, na estação ferroviária, e em frente ao Paço Municipal.

Como eu ia ser filmado, procurei me vestir bem e calcei um sapato novo, para melhor apresentação. Acontece que o sapato, por ser novo, começou logo a me incomodar, formando uma bolha d’água no calcanhar, que doía muito.

Carlos Abelha, o câmera, me explorava, me fazendo andar pra lá, pra cá, subir a ponte da estação, descer a ponte, pular a rampa, subir na rampa.

A bolha estava crescendo e a dor também. Quando a jornalista Melissa Paiva, muito simpática por sinal, me perguntou sobre o que eu estava achando, a dor era tanta que na hora nem lembrava mais nada, quanto mais o que eu estava “achando”. Felizmente, na edição, acabei me saindo bem, muito cumprimentado quando o programa foi ao ar.



A capa azul

Quando Armando Campinas, em 1979, foi eleito presidente da Câmara, fui convidado pelo mesmo a trabalhar em sua assessoria, como oficial de gabinete.

Ivo Antonio Ferreira, da banca de jornal sabendo que toda semana eu ia a São Paulo, a serviço da Casa, conseguiu do presidente autori-

zação para ir junto, para comprar suas revistas e quinquilharias, para revender na banca.

Na volta, criou-se uma tradição de passar na loja Makro em São Bernardo, recentemente inaugurada e, por ser novidade, pois vendia de tudo e barato. Cheio da grana, em um desses dias, Ivo achou linda uma capa azul, para frio e chuva, um pouco cara, mas muito bonita. Sem pestanejar, comprou a capa, e como bom brasileiro não se preocupou em guardar a nota fiscal.

Um mês após, fomos novamente a São Paulo, eu, Ivo e desta vez também o presidente Armando. Na volta, novamente a tradição de passar pelo Makro, e o Ivo vestindo galhardamente sua capa azul, paga trinta dias antes... porém sem a nota fiscal.

Ao passar pelo balcão em que foi comprado o tal capote, baixou em mim o espírito de porco: retirei de uma capa "irmã gêmea" a etiqueta de preço e coleí nas costas do Ivo.

Ao perceber a brincadeira, e vendo que a etiqueta estava mal colada e prestes a soltar-se, Armando, com ligeiro tapa, evitou sua queda.

A cada lugar que Ivo se deslocava, percebemos que uma balconista da loja o seguia, sem nada dizer. Ivo pra lá... Ivo pra cá... e lá estava a moça totalmente muda, em sua marcação.

Ao nos dirigirmos para o Caixa, já de saída, a moça interpelou o Ivo:

- Senhor, para levar a capa, é necessário emitir uma nota, para o devido pagamento...

Ivo ficou vermelho, depois amarelou. Desnecessário dizer que sua pressão subiu, bravo conosco, porque, apesar da situação, não parávamos de rir.

Em minutos, acercaram-se de Ivo o gerente da loja, o subgerente, o chefe da segurança, um policial e mais a moça balconista.

Pagou... Não pagou... foi sugerido que se levantasse no estoque o número existente, para chegar-se a uma conclusão.

Meia hora após, tudo esclarecido, fomos liberados, sem sequer um pedido formal de desculpas por parte da loja, o que deixou o Ivo mais revoltado ainda.

A catraia da Catarina

De poeta e de louco, um bancário tem um pouco. Antonio Carlos Cruz, que é guitarrista, historiador, também foi compositor. Quando sua colega Catarina foi transferida para a agência do Itaú em Vicente de Carvalho, antes conhecido como Itapema, Carlinhos, inspirado, compôs a seguinte canção:

Na barca do Itapema

Não viajo mais

Encontrei a Catarina

No banco de trás

Ninguém sabe o grito que dei

Me arrepiei, na água me joguei

To indo pro Itapema

Pra não mais voltar

Pra turminha tão bacana

Do lado de lá

A água tava fria

Quase me afoguei

Pra cima da catraia

Logo eu voltei

A Katy me deu seu lugar

E em seguida comecei a cantar:

Na barca do Itapema

Não viajo mais

Encontrei a Catarina

No banco de trás

BIS

A cobra cipó

Maria do Socorro, atendente do PAMOS da Vila Natal, morava nas casas do D.E.R. no Curtume, às margens da Via Anchieta. Após o expediente, pra encurtar caminho e chegar em casa mais cedo, Socorro atravessava um túnel improvisado por debaixo da estrada.

Certo dia, passando pelo túnel, já anoitecendo, esbarrou em alguma coisa, na saída do túnel. Pensando ser um cipó de árvore imediatamente meteu a mão na coisa, quebrando-a no meio e depois em vários pedaços.

Vermelho, seu marido, aposentado do D.E.R., ficou sabendo da história, tão logo ela chegou em casa. No dia seguinte, Vermelho foi verificar o tal cipó dilacerado. Era uma cobra que, coitada, morreu esfaqueada.

A cor do amor

A responsável pelo refeitório da Ultragás, Elis Regina, hoje está casada e muito bem casada com o Jorge. Quando ela o conheceu, a única bronca da Elis era a camisa cor-de-abóbora que o Jorjão usava. Logo após o casamento, uma das primeiras providências da jovem esposa foi tentar jogar no lixo a tal camisa.

- Não faça isso, mulher...

- Jorge, essa cor é muito brega!!!

- Foi com essa camisa brega que você me conheceu, e hoje somos felizes para sempre.

Tá guardada dentro do armário, porém ele não a veste mais... é só lembranças.

A Entrevista Completa

Para uma boa entrevista para o Jornal Acontece, Pedro Ilhosa deslocou-se para a delegacia do Guarujá, onde estavam presos diversos componentes de uma quadrilha de traficantes que agiam em Cubatão. Solicitou autorização ao delegado para entrevistar os presos, porém não conseguiu.

- Espere só um pouco, que depois eu autorizo...

Pedro reparando que delegado havia saído, após esperar muito tempo, vendo a delegacia sem nenhuma autoridade, invadiu o setor das grades, e começou a entrevista. Tão empolgado estava que não reparou a volta do delegado.

- Me desobedeceu senhor repórter, agora vai ficar aí junto com os outros presos até segunda ordem.

Seis horas mais tarde, com pena é que o Doutor Delegado liberou o moço, agora com uma matéria mais completa.

A era do rádio - I

Antigamente, funcionava na Prefeitura comunicação através de rádio transceptor, o walkie-talkie. Todo chefe ou subchefe tinha um. Celestino, voltando de São Paulo, entrava no ar:

- Atenção, gabinete... é Celestino, estou voltando de São Paulo, e estou na Cota 400.

Cinco minutos depois:

- Atenção, gabinete... é Celestino, estou na Cota 200.

Mais cinco minutos:

- Atenção, gabinete, estou na Cota 95.

Logo em seguida:

- Atenção, gabinete, estou no Trevo do Pereirinha.

Finalmente:

- Atenção, gabinete, estou no estacionamento da prefeitura... CHE-GUEI...

A era do rádio - II

Quando da implantação na Prefeitura da comunicação através do rádio., havia alguns fanáticos em falar só pra mostrar serviço. Bocão, Miguel Rivau, Beto Lima, Celestino, Amintas e outros menos ouvidos. Quem não gostava do negócio era o Engenheiro Antonio Domingos Carneiro, porém não tinha outro jeito, ele tinha um rádio.

- Atenção Conservação! É Carneiro... CÂMBIO.

- Fala, engenheiro Carneiro. É da Conservação.

- É o seguinte, o material da EMEI Minas Gerais chegou certo... CÂMBIO FINAL

A era do rádio - III

O responsável pelo radiocomunicador do Almojarifado Central da Prefeitura era o Zeonil Guedes. Seu irmão, José Alves Guedes, estava como chefe na Conservação e, lógico, tinha direito a um rádio.

- Atenção Almojarifado, Guedes, chamando Guedes...

- Fala Guedes... é Guedes.

- Guedes, chegou a areia?

- Chegou sim, Guedes.

- Obrigado, Guedes.

- Por nada, Guedes...

A escolta enganada

Dirigindo uma ambulância do D.E.R., Nicanor Neves retornava de Pedro de Toledo a toda velocidade, abrindo caminho com a sirene ligada, como manda o regulamento. Ao atingir a cidade de Itanhaém, dois guardas rodoviários do posto do Trevo, observando a preocupação do motorista, saíram com suas motos à frente da ambulância, também de sirenes ligadas, fazendo a escolta para abrir caminho com mais facilidade. Ao chegarem à curva do "S", os guardas se despediram, alegando que não poderiam mais prosseguir, por respeito à jurisdição.

Chegando à unidade em Cubatão, Nicanor abriu as portas da ambulância e distribuiu a carga com seus amigos. Tinha cachos de bananas, caixas com laranjas, sacos de abacaxis, legumes... A única coisa que não tinha, era alguém doente...

A festa foi em outra praia

Aproveitando a comemoração na Praia Grande da festa de Iemanjá, Geraldino e seus genros Milinha e Aluizio se mandaram na famosa Brasília Azul 1970 para essa comemoração, totalmente aprovada pelas respectivas esposas, Nardina, Suzete e Silvana. Só que, no meio do caminho, mudaram de idéia e se mandaram pro Maracá.

Quando chegaram às 6 horas da madrugada, Suzete foi conferir no carro se tinha areia, prova que estiveram nas praias da festa de Iemanjá. Em vez de areia, encontrou foi muito perfume, nas camisas

dos três aventureiros. Suzete catou a primeira arma que encontrou e saiu na direção do Milinha, quando ouviu de sua mãe:

- Com a minha tesoura, não!!!

A fraqueza do almofadinha

Trabalhava e residia na Light um senhor muito educado, muito polido, almofadinha, muito chegado a dar educação a seus colegas de trabalho, repreendendo sempre por um gesto errado ou palavra falada de modo irregular. Era Mário Bittencourt, pessoa muito respeitada não só pelo seu modo de ser, bem como seu modo de vestir-se, sempre de paletó e gravata.

Certo dia de verão, seu Mário e toda a sua família, não resistindo ao calor muito forte, também não resistiram à tentação de se banharem nas águas limpas e transparentes da cachoeira, que ficava no morro, de onde a Cia. Light captava o líquido que, após armazenar em sua caixa-d'água, distribuía para seus funcionários residentes no bairro, através de tubulação muito bem cuidada.

Santiago Garcia Diegues, ao saber da imprudência de seu "exemplar" colega, no dia seguinte colocou no centro da mesa do Mário o seguinte poema:

"Senhor Mário Bittencourt
Eu até não posso crer
Lavando seu saco sujo
Na nossa água de beber..."

A fuga das galinhas

Na padaria do Zé Joaquim na Fabril, todo sábado era festejado com uma galinhada que, normalmente, era roubada, tudo sempre regado com cerveja e cachaça. Sérgio Ribeiro, o motorista particular do Chico Cunha, tinha o maior receio quando chegava a sua vez de fornecer as galinhas, se atrapalhando todo. É que o seu Sérgio ganhava pouco, tinha família grande e, por azar, era muito educado, incapaz de roubar galinhas e matá-las.

Mas, o rodízio tinha que ser cumprido, então o coitado do motorista pedia ao Alfredo Portela um pouco de milho e se preparava para o bote. Espalhava perto de algum galinheiro e, quando as galinhas fugiam para comer o milho, ele ia pro carro, fechava os olhos e atropelava as coitadas. Cumpria sua obrigação, mas passava a semana toda com remorso...

A Fuga do Coelho

Como presente de aniversário, minha neta Natália queria porque queria um coelho, animalzinho muito simpático, quando ainda filhote.

Meu filho Fabio recomendou ao Leandro para comprar dois, um para a Natalia e outro para a Lívia, irmã da Natália. Organizadas, elas logo "batizaram" os animaizinhos por Nick e Miley. Para não haver ciúmes por parte dos outros netos, comprei mais dois coelhos que também foram "batizados" de Manchinha e Neguinho. A Manchinha da Malu era comportada, porém o Neguinho do Nicolas aprendeu a passar pela cerca e fugia sempre, me fazendo algumas vezes a sair de madrugada ao quintal para recolhê-lo. Certo dia, Neguinho fugiu sem que nin-

guém percebesse. Tocaram a campainha de casa e Fernanda, minha filha foi atender. Antes de abrir o portão, Fernanda notou o Neguinho mais uma vez fugindo, escondido no jardim. Quem estava tocando a campainha era um rapaz que no meio futebolístico tinha o apelido de Neguinho. Ouvi Fernanda gritar:

- Pai, O Neguinho tá aqui...

- Uai... perguntou o rapaz... teu pai me conhece?

A fuga errada do valente

Em um baile do E. C. Cubatão, na década de 70, na sede social da Avenida Miguel Couto, Ademar Otero Neves era o porteiro. Rígido, bravo, boca-dura, não deixava nenhum penetrar sem pagar. O conjunto era o Blow-Up, de santistas que estavam fazendo sucesso já naquela época. Junto com a turma do conjunto, vieram alguns bicões, alguns parentes dos músicos.



- Bicão não entra... - disse bravo o Ademar.

- Mas nós somos do conjunto!!!

- Quem era do conjunto já entrou, bicões não entram...

Entra não entra, era bicão, não era bicão, quebrou o maior pau. Ademar, sentindo-se sozinho contra três, saiu correndo, só que na direção errada: em vez de correr para a diretoria, correu para o palco onde estavam os parentes dos bicões.

O baterista, irmão de um dos briguentos, levantou um surdo de tamanho razoável e tacou na cabeça do Ademar, furando a pele do instrumento, atravessando-o até a cintura. Providenciado outro surdo, seguiu o baile, só que o Ademar não ficou mais na portaria.

A gelada da geladeira

Os prêmios do Baú da Felicidade eram acertados sempre no fim do ano. Olímpio de Almeida, sabedor que seu vizinho, Manoel Figueiredo, estava pensando em comprar uma geladeira nova, convidou o Toninho Martins e o Dr. Luiz para uma gozação. Telefonaram da loja da Dona Rosa, mãe do Olímpio, para o bar, e mandaram chamar o Maneco. Toninho Martins anunciou:

- Sr. Manoel Figueiredo, o senhor foi contemplado com uma geladeira... Parabéns...

Maneco, correndo, chamou o Ayres e se mandou pra Santos, buscar a geladeira "ganha" no Baú. Dr. Luiz, Olímpio e Toninho ficaram bebendo na Padaria Princesa, até a volta do feliz contemplado. Veio sem geladeira e ainda teve que pagar o Ayres, que de raiva cobrou mais caro.

A infeliz cabrita

Chefe da oficina mecânica da Santista de Papel, José Tacon morava na Fabril, em uma casa confortável, com um grande quintal. Deu de presente para suas filhas Jaci e Irani uma cabritinha, não só para

distração das meninas, bem como para tomar leite no futuro. A cabritinha virou animal de estimação, atração da casa, era o maior xodó com o animalzinho.

Plínio Soares e Luiz Faustino Alvarenga (Lica) tiraram e esconderam a coitadinha da cabrita com a intenção de devolvê-la mais tarde, era só por gozação, só para assustar as garotas.

Na casa do Tacon, era só choro, inclusive de dona Ana Tacon, mãe das meninas. Não achando maneira adequada para devolvê-la, Plínio e Lica pediram ao Alfredo Portela que tomasse conta da cabrita, até arrumarem um jeito de devolvê-la. Alfredo esperou os dois saírem, matou a cabrita, tirou a pele e pendurou no frigorífico de seu açougue, conservando a cabeça do animal inteira.

No dia seguinte, dona Aninha mandou sua filha Jaci comprar carne no açougue do Alfredo. Ao abrir a porta do frigorífico, Jaci reconheceu a cabritinha e aprontou o maior berreiro, criando um tremendo escândalo.

- Vou contar pro meu pai, seu safado...

Alfredo em seguida chamou o Plínio e o Lica, para os três enfrentarem o Tacon, que era um tremendo valentão. Dona Elisa, mãe do Alfredo, assou a cabrita, que foi devolvida inteira.

A Ingenuidade da Mula

Trabalhava no sítio do Belmiro Pinho, um português de nome Francisco Pereira. Conduzindo uma mula carregada de bananas, a mula talvez com raiva empacou... Chico puxava as rédeas e nada, a distinta não saía do lugar. Depois de mais de meia hora nessa briga, Chico já enfezado, tacou um sôco na cabeça da mula reclamando:

- Tu és forte, mas eu sou BRUTO!!!

A mula arregalou os olhos e tombou no barranco. Daí em diante o Seo Francisco ficou conhecido como CHICO BRUTO.

A lambreta assassina

Quando Manau, o Aldomiro, comprou uma lambreta, aumentou o tamanho de seu coração. Toda vez que vinha da Fabril ao centro de Cubatão, dava carona para alguém.

Certo dia, deu carona para o jardineiro Zé de Almeida, que, após o susto na garupa, saltou perto da Rua São Paulo, gritando e excomulgando o Manau.

Outro dia, o carona foi o Nelsinho Peru. Ao passar em lombada perto da porteira da Light, o tranco foi tanto que o Nelson caiu da lambreta. Em função do barulho do veículo, Manau só percebeu que o carona tinha caído quando parou perto da farmácia do Sinval, já no centro de Cubatão.

A Máscara Voadora

Em um baile de carnaval na sede do Comercial, da Fabril, Argemiro Cascardi e Arturito, postados à entrada do salão, se divertindo dando tapas e empurrões em todas as pessoas que entravam. Quando chegou o bloco dos foliões, todos fantasiados, todos mascarados, alguns com a cabeça encoberta também. Dando a seqüência à brincadeira, Miro e Arturito aplicavam golpes, alguns fracos e alguns mais fortes. Arturito, empolgado, escolheu uma vítima e sapecou-lhe um tranco mais forte jogando-o longe e também seu disfarce. A pessoa que apa-

nhou, levantou-se bravo e foi procurando seu agressor. Arturito preocupado falou:

- Miro, vamos embora, este ultimo que acertei é o meu pai...

A mulher-tocha

Em um dia de Finados,



foram ao cemitério, para as orações tradicionais, Bernardino e sua esposa Hilda Patrício. A moda feminina dessa época era vestido bem comprido e rodado, mais anágua e outras combinações.

Após acenderem velas nos túmulos dos parentes, Hilda dirigiu-se ao monumento da Cruz das Almas para as derradeiras homenagens. Ao tentar colocar uma vela em um lugar mais privilegiado, não reparou que seu longo vestido cobriu as velas já colocadas no lugar. Seu vestido se incendiou, e somente com a ajuda do seu marido e alguns visitantes é que conseguiram apagar o incêndio.

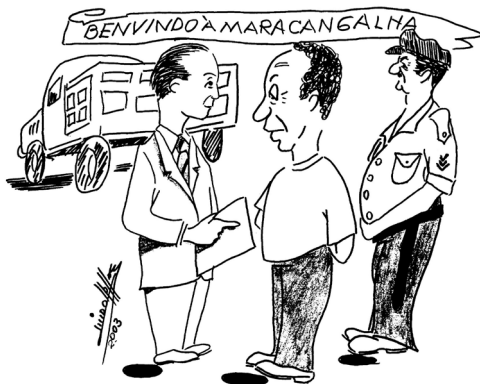
Nos Finados seguintes, Hilda somente ia vestida de calça comprida, por medida de segurança...

A Ponte que não caiu

Na inauguração da ponte nova, ao lado da ponte de arcos, perto da Estireno, na presença do governador Paulo Egydio e do Prefeito Campos, Eduardão ordenou ao Hildebrando para tomar conta dos rojões para solta-los na hora certa, isto é após os discursos. Paulo Laranjeira, aprontando com o fogueteiro, deu ordem para ascender os fogos. Atrapalhou todo discurso do governador, era muito foguete e muito barulho. O prefeito então desapontado ordenou ao Aurélio Cuqui que junto com o Eduardo, descobrissem o autor da confusão para demiti-lo. Laranjeira se mandou para o Maraca, preparando um álibi que acabou funcionando, Ninguém foi punido.

A prisão da autoridade

Recebendo denúncia de que em Cubatão jogavam sinuca a valer dinheiro, o que por lei era proibido, o sargento Leão, novo na cidade,



programou uma batida com seis soldados em um caminhão da Polícia Militar. Ao adentrarem o Berimbau Lanches, na Avenida Nove de Abril, foram direto ao salão das mesas de sinuca e prenderam todos os que estavam jogando. Quem tinha documentos era liberado, quem não tinha ia direto pra cima do caminhão.

O proprietário do bar era Valdir do Nascimento, na época vice-prefeito da cidade, que no momento também estava jogando e, lógico, esta-

va em sua casa, não portava documentos.

- Mas, senhor sargento, sou o dono do bar...

- Não quero papo, tá preso, pra cima do caminhão...

A pedido do Valdir, seus amigos que estavam no bar, Agenor de Macedo e Jurandir Silva (o Manga), foram à casa do Dr. Edgard e contaram os fatos. Edgard foi até a delegacia e soube pelo delegado que o caminhão se encontrava naquela hora lá no Maraca. Na época, Maraca era o bairro da zona do meretrício, muito mal visto então. Dr. Edgard, muito católico, todo certinho, muito respeitado pela sua reputação, não teve outro remédio: se mandou pro Maraca. Lá chegando, reconheceu por amigos, escutava:

- Ô, doutor, veio se divertir? Vem pra cá, aqui tá cheio de mulheres...

Mais em frente, ouviu:

- Dr. Edgard, que prazer em vê-lo, vem beber comigo...

Para alívio não só do Valdir, bem como do Edgard, o problema foi logo solucionado, com o encontro do caminhão, e os dois se mandaram daquele inferno rapidinho...

A queda da Edna

Diariamente a Kombi do Camp subia a São Paulo, para levar funcionários estudantes para aulas na Faculdade FMU. Quem dirigia era o Dida irmão da Cida que também estudava. Em um fim de aula, só faltava subir ao carro a Edna que caminhava lentamente. O Dida para agilizar foi andando devagar com a porta aberta assustando a moça para suas providencias. Edna tentou subir assim mesmo, escorregou e levou o maior tombo. Nos dias seguintes Edna foi sempre a primeira a chegar no estacionamento.

A vitória será nossa

Ademar Otero Neves estudou na Liga de Futebol Amador de Cubatão, um curso para juiz de futebol. Formou-se, porém seu coração verde-cubatense não conseguia ser imparcial, como requeria o bom senso. Quando apitava algum jogo de seu clube do coração, em todas as saídas de bola pela lateral, favorecendo o Cubatão, dizia:

- É nossa...

Em um jogo que apitava entre o E. C. Cubatão e o Anchieta, um torcedor recém-chegado à cerca do campo perguntou ao juiz:

- Ademar, quanto está o jogo?

- Dois a um pra nós!!!

Acabou o lucro

Para usar sua Kombi, Amaury Fontes, sempre inventava uma forma de arrecadar um dinheirinho a mais. Em um jogo do Corinthians contra o Santos no Morumbi, Amaury organizou uma excursão para o jogo onde com certeza levantaria pelo menos o dinheiro para o ingresso. Estacionou o carro sem marcar onde era a rua e se mandou para o estádio. No fim do jogo, não achou a Kombi no local onde pensava estar estacionada. Anda pra lá, anda pra cá, o jeito foi alugar um motoqueiro para correr as redondezas do Morumbi. Achou seu veículo, meia hora depois, assustado, cansado, e em um local que jamais se lembraria. Pagou o motoqueiro e o lucro da excursão foi pras cucuias.

Aconteceu no Acontece

a) O tamanho da máquina

Quem tirava fotos para o jornal era o Eryly. Sempre com a mesma câmera fotográfica. Quando Andréia viu pela primeira vez uma foto ampliada, de tamanho maior que as de costume, perguntou, totalmente desligada:

- Eryly, você comprou uma máquina grande?

b) Sequestro

Por falta de pagamento de precatório, um advogado solicitou da Prefeitura seqüestro de saldo bancário. Para se inteirar dos detalhes, Eryly seguiu para a Prefeitura, levando consigo a Andréia, que, após uma hora de espera no gabinete, soltou a pérola:

- Gente... quem foi seqüestrado?

c) Treze é hoje



Jaqueline só não é mais distraída porque tem pouco espaço. Levou um cheque pré-datado para 13 de fevereiro para depósito, e empacou na fila, atrapalhando toda a movimentação dos outros clientes. Após dez minutos, pensando, foi alertada por uma moça da fila:

- Menina, deposita logo esse cheque, hoje é dia 13...

d) Só jornal que voa

Jaqueline pediu pra sua amiga Tati ajudá-la a levar jornais para a banca do Arlindo do Carmo, que fica em frente à Drogeria São Paulo, na Avenida 9 de Abril. Com uma penca de jornais debaixo de cada braço, antes tiveram que passar na agência do Banco do Brasil. No saguão do banco, ao avistar o Eryly, Tati, levantando os braços, exclamou, gritando:

- Eryly, você por aqui!!!

Os jornais esparramaram-se, chegando até ao pé de um segurança, que ameaçou tirar o revólver da cintura...



Água salgada... santo remédio

Acácio Domingos, funcionário da Prefeitura, tremendo pão-duro, após anos de economia, comprou com a ajuda materna um Corcel zero quilômetro. Para testar o carro, convidou seus amigos de trabalho Edson Gonçalves e Arício para no primeiro domingo irem à praia de Santos. Somente Arício aceitou o convite, e lá foram logo cedo em direção à praia.

Para melhor apresentação, Arício (outro tremendo pão-duro) comprou calção novo, guarda-sol, esteira e alguns frascos de bronzeador.

Tiveram dificuldade em estacionar, porque era mês de temporada e os paulistanos lotavam as praias santistas nessa época. Após longo

tempo de procura, conseguiram a tal vaga para estacionar, um pouco distante da avenida da praia. Arício se preparava para sair, quando Acácio, surpreendentemente, pediu-lhe para não sair do carro, pois voltaria em seguida.

Cinco minutos depois, Acácio voltou com uma garrafa de “água salgada” do mar, ligou o carro e voltaram para Cubatão.

Arício, indignado, perguntou...

- Acácio, e a praia???

- Outro dia a gente volta – respondeu Acácio -, hoje somente fui buscar água salgada para minha mãe usar como remédio.



Ajuda em boa hora

Rochinha estacionou seu fusca branco 64 na Avenida Nove de Abril, para comprar remédio na drogaria do Antonio Duarte. Estacionou bem atrás, por coincidência, um fusca branco igualzinho ao seu.

Já com as compras na mão, tirou a chave do bolso para abrir o carro. Por mais que tentasse, não conseguia, levando nessa brincadeira mais de dez minutos. Quando já estava pensando em chamar o Balula para abrir o carro, ouviu uma voz:

- Posso ajudar?

- Era o dono do carro... o fusca do Rocha era o da frente...

Ajudante enrolado

Escalaram Paulão para representar Simão Cirineu em uma das peças da Paixão, da Cotac. Cirineu é aquele cidadão que, compadecido do sacrifício de Cristo ao carregar a cruz, tenta ajudá-lo. Deram ao Paulão um feixe de lenha, para melhor brilhantismo do seu personagem.

Como o Cristo (Reginaldo Ramos) ia demorar aproximadamente 60 minutos até o local onde deveria ser ajudado por Simão, Paulão, já caracterizado, escondeu seu feixe de lenha pesado atrás do muro do terreno, onde hoje está o prédio da Caixa Econômica Federal, na Avenida Nove de Abril. No momento de entrar em ação, Paulão foi buscar seu feixe de lenha e não o encontrou, pois, por brincadeira, Jurandir Silva o Manga tirou do lugar.

Procura daqui e de lá, o tempo passou e Cristo passou direto, sem ajuda de Simão Cirineu.

Almoxarifado quase organizado

Costinha era um funcionário do Banco Itaú, muito organizado. Tudo que fazia era feito com muito capricho. Em função de sua capacidade de organização, foi escolhido para tomar conta do almoxarifado da agência. Para provocá-lo, todos os funcionários, ao retirarem impressos para o expediente diário, propositadamente bagunçavam toda a arrumação.

Certo dia, Costinha subiu ao alto da prateleira na intenção de arrumar os impressos lá de cima, que ele considerava também importantes. Vande e Nelson Sartori, não percebendo a presença do colega, avacalharam a organização, completando:

- Depois o Costinha arruma!

Lá de cima, Costa jogou um pedaço de pau, na intenção de assustá-los, porém errou o alvo, acertando a cabeça do Vande, abrindo um corte razoável. Depois disso, o almoxarifado passou a ser o local mais organizado da agência.

Anjo malcriado

Morava na Fabril um senhor cujo nome era José Códia, e seu apelido, que lhe provocava tremenda raiva, era Anjinho. Era seu Anjinho pra cá, pra lá, provocando no velho a maior revolta.

Certo dia, seu Zé Códia, cumprindo ordens do seu Bernardo, na melhor das boas intenções e respeito, foi à casa da D. Tereza, avisar da morte de seu marido, o Dito Cabrita.

- Eu vim avisar dona Tereza da morte de seu querido marido...

- Eu já estou sabendo, mas muito obrigada pelo conforto, seu Anjinho.

- Anjinho é a Puta Que te Pariu, bradou revoltado o seu Zé.

Antena diferente

A única diversão da minha avó, dona Rosa Pereira da Cunha, era ver novelas na TV. Contando com mais de 80 anos, sentava à frente da telinha e só levantava para as refeições. Certo dia, após um tremendo vendaval, percebi que a antena não resistiu ao forte vento e tombou, dobrando o cano que a segurava até o chão.

Preocupado com sua única alegria, sem nada avisar, fui até sua casa e imediatamente fui subindo no muro, já tentado colocar a antena no lugar, quando escutei um grito de dentro de casa:

- Não mexas na antena..

- Estou só arrumando – respondi.

- Não mexas, assim tá pegando “milhore”...

Apelido da sorte

Na A. A. Vila Nova, o técnico de futebol era o Filhinho. O centro avante titular era o Jose de Aquino. Filhinho chamava o Aquino de Zé Onça o que o deixava muito bravo. No festival esportivo do São Manoel, onde a prova de honra foi contra o Palmeirinha de São Vicente, Zé Onça pediu para o João Tavares:

- Avisa teu cunhado que, se na escalação constar o apelido Zé Onça eu não jogo.

Como o Zé era também um bom centro avante e fazia muitos gols, era preciso ter cuidado na relação da escalação. Filhinho esqueceu e tacou na chamada o apelido do cara. Joga... não joga... Zé acabou jogando, fazendo 3 gols, dando a vitória e a taça para o clube. Daí em diante aceitou o apelido que lhe deu muita sorte.

Aprendiz de macumbeiro

Acompanhando uma namorada, que tinha queda por macumba, Aldomiro de Oliveira Pereira, o Manau, foi incorporando o gosto pela matéria. Em um passeio até à Xiboca na Fabril, junto com seu amigo Edenir, deparou com o Bernardo Preto deitado no chão totalmente alcoolizado. O cidadão por estar bêbado, não falava coisa com coisa evidentemente. Manau, incorporando um benfeitor, mandou ver:

- Você aí... Quem sois vóis???
- Quem sois vóis... é a puta que pariu !!!

Arranhando o violinista

No Triângulo das Chefias da Cia. Santista de Papel, na Fabril, moravam três famílias: seu Cássio, que tinha um cachorro chamado Rex; seu Bonch, que tinha um violino; e seu Fleury, que tinha uma tremenda paciência.

Seu Bonch, sem nenhum estudo musical, pegava todo dia seu violino e infernizava os ouvidos dos seus vizinhos. Tocava tão mal que, certo dia, Lina, filha do seu Cássio, com três anos de idade na época, perguntou:

- Papai, porque o "lex" tá "cholando" tanto???

Certo dia, a paciência do seu Fleury esgotou-se, foi até a casa do violinista e perguntou:

- Seu Bonch, o senhor toca violino?
- Arranho um pouco...
- Então porque o senhor não vai arranhar a bunda da tua mãe?!!

Árvore do milagre

Em frente à sede social do Esporte Clube Cubatão formava-se uma rodinha de associados do clube, discutindo sobre potência sexual. Cada um falava ser mais forte que o outro, aumentando sempre o valor de sua força.

Quietinho num canto, João das Neves Jr. (Boquinha) escutava calado. A força dos debatedores cada vez era mais valorizada, até que Boca, não agüentando mais tamanhas baboseiras, humildemente pediu a palavra:

- Vocês que são felizes, eu pra poder completar uma, só consigo após fazer um chá de vinte folhas desta árvore aqui plantada em frente ao clube. Porém, posso garantir que esse chá funciona...

No dia seguinte, a árvore amanheceu pelada, sem uma única folha pra contar a história.

Assim pega melhor

Tentando ajudar seu genro Pezão a instalar uma antena nova de televisão, Lupércio Lara, motorista da Prefeitura, segurava no quintal de sua casa, com muito sacrifício, uma antena de TV, pé-de-galinha, presa a uma barra de cano de seis metros de comprimento. Para captar a melhor imagem, Pezão na sala, em frente à televisão, gritava para o sogro:

- Mais pra cá, mais pra lá, levanta um pouco, agora abaixa um pouco...

Lupércio, com toda essa movimentação, foi se cansando e, não agüentando mais o peso do equipamento da antena, se estatelou no chão.

- Fica parado aí, assim tá pegando melhor - disse o Pezão.

Atentado ao pudor

Para uma conferência que seria realizada no Atlântico Hotel, em Santos, o prefeito Abel Tenório de Oliveira convocou seu motorista Chorão para levá-lo. O prefeito tinha como mania também dirigir o carro oficial, guardando em seu bolso uma chave reserva.

Era verão, bastante calor e, como conferência é demorada, Chorão

resolveu dar um mergulho na praia, deixando no carro parte de suas roupas. O prefeito Abel não gostou da conferência e, enjoado com a palestra, resolveu sair mais cedo. Não encontrando seu motorista, não se afobou, com sua chave reserva tocou ele mesmo o carro para Cubatão, deixando na praia Chorão somente de cuecas. Teve que pedir roupas emprestadas para voltar pra casa... “de ônibus”.

Ator sem fala

Salim atuava sempre como galã nas peças do Grupo de Teatro Amador de nossa cidade. João Farah, seu irmão, queria porque queria, participar do grupo. Após algum tempo, com tanta insistência, deram ao João um papel de figurante, porém com uma ordem expressa.

- Você entra, atravessa o palco e não fala nada.

Repetiram com veemência:

- João, não esqueça, você entra, atravessa o palco e “não fala nada”.

Na hora marcada, lá vem nosso futuro galã, sacudindo os ombros, cabeça erguida, nariz empinado. Galhardamente olhou para o público e disse:

- Você entra e não fala nada... – seguindo para fora do palco.

Em virtude da situação criada, os outros atores não pararam de rir, sendo a peça interrompida para a expulsão do João.

Atraso de padres

I) Em um casamento na matriz Nossa Senhora da Lapa, estavam no altar os padrinhos, os pais, o noivo e até a noiva, só faltava o padre. Após algum tempo, um dos padrinhos resolveu sair à procura do pároco, na época padre Baltazar. Foi encontrá-lo batendo papo no bar do Zé de Souza, na Cota 200.

- Seu padre, tem um casamento marcado para as 18 horas!!!

- Ô, meu filho, perdão, me esqueci...

II) No casamento do Renatinho, o horário marcado era para as 18 horas. A igreja estava lotada de convidados, no altar os pais, os padrinhos, os coroinhas, os fotógrafos, até a Lígia já tinha chegado, só faltava o padre Joaquim, pároco da Matriz naquela época.

O pai da noiva, revoltado com a ausência do padre, telefonou para a Cúria, reclamando. O bispo ficou de providenciar outro celebrante, porém ia demorar um pouco. Eis que em seguida surgiu a figura ausente.

- Seu padre, já são 21h30, agora que o senhor aparece???

- Eu estava na Light, rezando uma missa, acabei esquecendo!!!

A cerimônia teve início exatamente às 22 horas.

III) Na Fabril, no casamento do Faria, todo mundo no altar, incluindo a noiva Conceição, só faltava o padre Leão. Com a demora do celebrante, Faria, sentindo-se mal, se mandou, deu no pé.

Antonio Cunha, que era um dos padrinhos, mais Guilherme, irmão da noiva, saíram à procura do noivo e foram encontrá-lo no escritório do D.E.R., na Gota de Leite, na Alemoa. Com o retorno do Faria e a chegada do padre, casaram-se, e foram felizes até que a morte os separou...

Audiência adiada

Recebendo um grupo de professoras na ante-sala de seu gabinete, o prefeito Dr. Luiz de Camargo da Fonseca e Silva ouviu da líder do grupo:

- Senhor prefeito, nós “viemos” aqui conversar com V. Excia. sobre a situação do ensino no nosso município.

(O certo, no caso, seria “vimos”, que é presente. “Viemos” é passado).

Dr. Luiz, com bastante ironia, respondeu sorrindo:

- Que pena, senhoras professoras, “vieram” e não me encontraram. Em seguida se mandou para sua sala.

Aulas incompletas

Pretendendo possuir a Carteira de Motorista, Seo Martins, para fazer economia, pediu ao seu filho Toninho que lhe ajudasse. Após várias aulas de volante, Toninho considerando que seu pai já sabia dirigir disse-lhe:

-Pai, entra no Fusca, liga a chave e sai devagarzinho...

Seu Martins atendeu o filho ao pé da letra, entrou no carro, ligou a chave, abriu a porta e... saiu bem devagarzinho.

- E agora meu filho, o que faço???

Aviso falso

Valdemar Manzale levou a Santos, mais precisamente ao hospital da Beneficência Portuguesa, seu sogro Galdino Vicente, que havia sofrido um problema e saúde. O mal-estar do Seu Galdino foi por volta das 14 horas, e até 20 horas não tinham voltado ainda, deixando preocupada sua família, além de seus amigos também.

Quando o comentário do mal súbito, sofrido pelo Seu Galdino, já estava preocupando, toca o telefone no Bar do Dinho e este prontamente atende. Do outro lado da linha era Valdemar, pedindo ao Dinho o favor de avisar sua sogra (era o telefone mais perto da casa do Seu Galdino) que estava tudo bem, que foi só um susto, e que em breve, tão logo fossem liberados pelo médico, estariam voltando com o sogro, muito bem de saúde, graças a Deus.

Desligando o telefone, o “espírito de porco” baixou no Dinho. Estavam no bar Lindoro Couto, Antonio Martins, José Peres, além dos fregueses de costume. Dinho pediu ao Lindoro:

- Por favor, vá à casa do Seu Galdino e avisa pra esposa dele que infelizmente ele morreu...

Para alívio de sua empreitada, Lindoro pediu ao Toninho Martins que fosse junto, pois a missão não era nada fácil. Os dois mensageiros saíram, e logo em seguida saiu também o Dinho, para em cima da hora do trágico aviso, desmentir, gozando os trouxas que nele acreditaram.

Era muito comum em Cubatão, naquela época, falta de luz, apagão, ou black-out, como outros preferiam. Desta vez, até nos postes da rua faltou força, provocando então uma escuridão total, fazendo com que Dinho não visse os caras. Quando a luz foi restabelecida, Lindoro e Toninho já tinham dado a notícia à Dona Maria, que, outrora apreensiva, agora estava totalmente inconsolável, com o aviso recebido.

Dinho então providenciou o desmentido, porém não tinha jeito de fazê-lo, pedindo então ao Lindoro que voltasse e cancelasse o que

tinha falado. Não só não consegui, como escutou dos mensageiros os palavrões conhecidos, só faltando saírem no tapa. Lindoro ficou um ano sem freqüentar o bar do Dinho; quanto ao Toninho, a raiva passou logo...

Aviso falso de morte

Ivonete, telefonista da prefeitura, chegou cedo para o trabalho, avisando suas colegas Iraci, Terezinha e Antonia Audetalia da morte do cabeleireiro Hugo. Acontece que o cabeleireiro não havia morrido coisa nenhuma, era falsa a noticia da morte do moço que Ivonete ingenuamente havia avisado. Dora a única irmã de Hugo, residente no interior do estado, por mera coincidência telefonou para a prefeitura perguntando pelo irmão.

- Seu irmão morreu, respondeu a Audetalia do lado de cá...

Pelo telefone nossa telefonista escutou um tremendo baque e não ouviu mais nada. Somente a tarde é que a filha da Dora avisou do ocorrido, sua mãe estava internada, havia sofrido um desmaio com a falsa notícia.

Azar do chapéu

Freqüentava a Casa Brasil para jogar bingo, em promoção do Cotac, um baiano muito bacana, o Chapéu de Couro, muito amigo do pessoal da casa, e colaborador ímpar do Fued Farah na encenação anual da Paixão de Cristo pelo Cotac. Não tinha sorte no jogo, gastava quase todo o lucro do dia e não conseguia bater uma única vez sequer.

Teve um dia melhor, quando conseguiu bater uma rodada. Seria uma alegria total se, lá no fundo, um arataca não gritasse também: BIN-GO.

O organizador Fued propôs então a divisão em partes iguais, já que foram dois os ganhadores. Era uma grana razoável, e Chapéu não quis divisão. Ganancioso, queria ganhar tudo sozinho. Propôs então chacoalhar o saco, e quem tirasse a pedra menor seria o vencedor.

Chapéu enfiou a mão no saco e veio com a pedra número 2, ficando todo contente e já programando gastar por conta, achando difícil sair uma pedra mais baixa que o número 2.

Para sua surpresa, quando o arataca tirou a pedra, surpresa, gozação geral, o número retirado era o 1. Chapéu de Couro ficou muito tempo sem pisar na Casa Brasil para jogar bingo...

Balas neles

Em um jogo de futebol entre E. C. Cubatão contra o Light aconteceu uma tremenda briga envolvendo o Mauricio Cuqui. Na beira do campo seu irmão o Quita mostrando na palma da mão três balas de revolver, calibre 38, ameaçava:

-Quem mexer com meu irmão, leva bala...

- É a arma Quita, perguntou ao lado o Moacir?

-Tá em casa.

Balas para acalmar o chefe

Na admissão dos 330 funcionários feitos pelo prefeito Passarelli em 1980, estavam o Marcelo André e o Zenildo Ramos. Suas provas de fogo no emprego, foi pintarem a casa do Parque Ecológico na Serra

do Mar. Carregando as latas de tintas, era tamanha a displicência que deixaram cair duas latas de tinta que acabaram borrando toda a pista. Para tentar enfeitar, com o rolo de tinta pintaram um pedaço da estrada provocando tremenda bronca do chefe Zé Luis. Zé Luis acabou mandando os dois para o Eduardão para serem demitidos. Revoltados foram recolhendo todos os doces e balas que encontraram em despachos de macumbas e deram para o Chefe Zé Luis afim de fazer média. Zé aceitou, gostou e cancelou a demissão dos dois, perdoando-os.

Barulho diferente

Na Vila Fabril, a Santista de Papel contratou, para pintar suas casas, Felisberto dos Santos, um português mal-educado que tinha como ajudantes seus filhos, Antonio e Roldão. Felisberto era rico, um dos poucos cubatenses proprietários de casas de aluguel e de um Fordinho Bigode 1929. Como bom português, ao voltar para casa, usava seu Fordinho como táxi, carregando até o Cruzeiro alguns boêmios, que pretendiam farrear, e acabavam aumentando o lucro do pintor.

Certo dia, como estava sozinho, resolveu cortar o cabelo e fazer a barba no salão do Armando Milone. Escondidos, Celso Neves Pereira, Antonio Cunha e Alves Rabelo levantaram o carro, calçaram e deixaram as rodas traseiras livres.

Quando Felisberto resolveu partir, lotando o carro com alguns fregueses, lógico que o carro rodava em falso e não saía do lugar. Levantou as tampas do motor, viu que tudo estava em ordem, abaixou os bigodes do veículo, meteu a mão na manivela... o carro funcionava, mas não saía do lugar.

Após quinze minutos nessa agonia, Seu Felisberto foi avisado pelo barbeiro do motivo porque o carro não andava. Apesar dos palavrões do motorista, tudo estava agora correndo bem, apesar do Fordeco provocar mais de duzentos barulhos motivados pelo tempo de uso.

Na altura da Light, Felisberto parou, deitou-se debaixo do carro e foi inspecionar.

Cinco minutos de espera, Nôca gritou lá do fundo:

- Vamos, Felisberto, que está havendo?

- É que estou escutando um "barulhito" diferente!!!

Bate-papo indevido

Vinha eu, pela Avenida Nossa Senhora de Fátima, em Santos, quando ao parar em um semáforo à altura da divisa de São Vicente, escutei:

- Senhor, onde fica Cubatão?

Era o Tico Barbosa, que queria comentar que naquele dia seguia para o Rio de Janeiro, para desfilar na Escola de Samba de Padre Miguel. Só que o semáforo abriu, e lá se foi o Tico. Cem metros à frente, outro semáforo. Parei ao lado e perguntei:

- Vai quando?

Abriu o semáforo, me mandei na frente. Mais duzentos metros, Tico encostou ao meu lado:

- Vou hoje, de ônibus, desfile na segunda-feira, liga a TV pra ver a gente...

Novamente abriu o semáforo, agora foi o Barbosa que saiu na frente.

À altura do Atacadão, novo semáforo e novo bate-papo:

- Vou jogar a muleta pra cima, só pra ser filmado...

Tico Barbosa entrou à esquerda no sentido da marginal da Via Anchieta e eu segui em frente. No semáforo seguinte, escutei um desconhecido, buzinando ao meu lado e reclamando:

- Vocês têm merda na cabeça, cara, estavam segurando o trânsito desde São Vicente. Por que não vão os dois pros quintos dos infernos...

Bebedeiras...

1) Aduar Farah e Djalma Bellentani estavam no salão de bailes do Grêmio Recreativo Química, dançando, bebendo com muita animação. Certa hora, Djalma percebeu a ausência do Adua. É que deu no Farah vontade de "tirar água do joelho" e como o mictório do salão estava repleto, sem se apertar ele foi para o terreno em volta da sede e começou o "serviço".

Como era difícil de se equilibrar, em função das bebidas, Adua segurou-se em uma planta chamada lírio, de raiz muito fraca, abundante naquele pedaço. Lógico que o lírio não iria suportar o peso do Adua, acrescido do peso de sua cabeça cheia de cerveja. Djalma foi encontrá-lo desacordado, caído em uma vala, segurando um lírio na mão...

2) Paulão, no baile da baixinha em Santos, bebeu tanto que, evidentemente, necessitava "aliviar-se". Olhou para os lados e, não vendo ninguém, foi logo desabotoando o cinto. Com o cinto na mão, achando-se já em condições, começou o "serviço", molhando toda a calça...

3) João Leal, diariamente, na venda do seu Alberto Costa, no Curtureme, encostava no balcão às 17 horas e só saía na hora de fechar. Bebia sempre mais do que devia. Ao retornar para sua casa, não conseguia subir os 20 degraus até a porta, ficando sentado no primeiro, gritando o nome de seus filhos: Lúcio, Nora, Neco, Orlando, Olívia, venham me ajudar, e tragam a dona Lúcia, para me benzer, pois não consigo subir, estou com "mau olhado"...

4) No velório de um cubatense ilustre, Zé Dias, tão bêbado estava, que cismou que o morto havia piscado. Criou uma baita confusão, atrasando o enterro, porque a viúva, acreditando no Zé, não deixou o corpo sair, sem a presença de um médico para atestar o óbito.

5) Joaquim Martins certo dia chegou em casa tão bêbado que fez questão de um banho frio, para ver se melhorava. Tirou a roupa, abriu o registro da caixa d'água, tombou para trás, caiu e assim ficou até de manhã.

Quando, cedinho, sua mãe foi fazer o café, notou que não tinha mais água na torneira. Procurando o motivo, foi descobrir o Joca, dormindo debaixo do chuveiro, e o banheiro todo inundado...

6) Euclides morava na Light e, para variar, chegava em casa todos os dias totalmente "travado". Certo dia, além de bêbado, estava com fome. Procurou um bife na geladeira, ligou seu fogão elétrico, colocou o bife na frigideira e foi para o banheiro tomar uma ducha fria, para "curar-se". A ressaca era tanta que não conseguiu nem abrir a torneira. Caiu sentado com roupa e tudo e ali ficou. Sua esposa acordou com o barulho do bife fritando, levantou-se, porém não conseguiu sair do quarto, tanta era a fumaça que vinha da cozinha...

7) Pedro Hope, toda sexta-feira, baixava no Bar do Dinho e tomava quase todas. Certo dia, abusou da quantidade e do horário, perdendo o último ônibus da Fabril, já que residia no acampamento da Light. Tomou a saideira e resolveu seguir para sua casa a pé, mesmo. Chegando à última curva da estrada, já perto de sua casa, resolveu fumar.

Riscou o fósforo, porém com o vento que batia em seu rosto, não conseguia acender o cigarro. Mais um fósforo, outro, e outro mais, e ainda estava sem fumar. Teve uma idéia brilhante, virou-se e, protegendo-se do vento, desta vez conseguiu, dando seqüência à sua caminhada. Só que, tão bêbado estava, que não percebeu que voltava novamente para o Centro.

Na altura da Estireno, notou sua mancada, mas como estava mais perto do Centro que de sua casa, voltou ao bar e continuou bebendo, até as 6 horas da manhã, quando pegou o primeiro ônibus, agora mais travado ainda.

8) A rapaziada do Cortume, todo fim de semana, frequentava os clubes aqui do Centro, à procura de diversão... Para maior comodidade no transporte, eles apanhavam o trolinho da City e se mandavam pela linha férrea existente na hoje Avenida Martins Fontes, linha única do Cortume à Estação da então Estrada de Ferro Santos a Jundiáí.

Certo dia, escalaram o Zé de Almeida como timoneiro (pessoa que viaja na frente, com o ouvido colado ao chão, para sentir a aproximação de outro trole em sentido contrário. Só não perceberam que o Zé já "ia" totalmente bêbado.

Na escuridão, sem nada ver à frente, e contando com o ouvido do Zé, por sinal totalmente travado, se deram mal, chocando-se com outro trole que vinha à toda no sentido inverso.

Dez minutos depois, foram encontrar o Zé de Almeida com a cabeça enterrada na vala, já desacordado, perguntando depois se a batida foi "na ida ou na volta"...

Bem acompanhado

Compareceu para almoçar no luxuoso restaurante Diplomata, Francisco Vicente Ferreira, o Chicão. Junto com o Chicão estava uma leitoa já bem grandinha, que era seu animal de estimação.

- Essa porca não pode entrar... - disse o seu Mário Jorge, dono do restaurante.

- Lógico que ela entra, ela não me larga nunca...

Não teve jeito, Chicão almoçou e ainda jogou no chão os restos de comidas para a porquinha, fazendo uma tremenda sujeira...

Bengala elétrica

Pelo grupo de teatro amador de Cubatão, estava sendo encenada no Esporte Clube Cubatão a peça sacra Canção de Bernardette. No texto da peça consta a história de um cego que seria milagrosamente curado por Nossa Senhora de Lourdes.

Lucas Gouvêa dos Santos interpretava muito bem, e com todo o respeito, o papel de cego.

Deram ao Luquinhas uma bengala bonita, toda envernizada, com ponta metálica dourada, para melhor encenação do papel.

Na preparação do palco, pregaram à frente um sarrafo contendo 20 soquetes para as 20 lâmpadas iluminarem melhor o cenário. Por falha do electricista, uma lâmpada queimada não foi substituída, ficando li-

vre o soquete energizado.

Quando Lucas “ainda” era cego, sem querer, tacou a bengala no soquete sem a lâmpada, e provocou o maior barulho em função do curto-circuito provocado, gritando: FILHO DA PUTA!!!

Cortina fechada, peça encerrada, não havia mais clima para a sequência, porque o palavrão do Lucas não combinava com uma peça religiosa...

Bichinho de estimação

Na administração Passarelli de 93, o Eng^o Álvaro Pereira Barbosa Neto, recebeu a incumbência do prefeito para inspecionar as casas da Vila Natal cumprindo ordem da Secretaria Estadual do Meio Ambiente, que havia recebido denuncia de comercio ilegal de animais silvestres no bairro. Foram recolhidos diversos pássaros, jabutis, macacos, araras e outros. O Eng^o Alvaro recebendo denuncia de um morador local sobre um animal estranho na casa do Severino Silva foi conferir.

- Pois não doutor engenheiro, o referido animal tá dentro daquela caixa, pode pegá...

Ao abrir a caixa, o engenheiro saiu correndo, o animal de estimação do morador era uma jibóia de mais de três metros...

Bigode teimoso

Na sede do XV de Piaçaguera, o Grupo de Teatro Amador de Cubatão encenava uma peça em que seu Belarmino Amaral interpretava um fazendeiro, chapelão grande, botas e bigode grande, para maior respeito. Como seu Amaral não tinha bigode, colaram em seu rosto um bigode postiço, para melhor aparência de grande fazendeiro.

Em certo momento, o “fazendeiro” teve uma crise de tosse e, tossindo muito, tirou o lenço de seu bolso, para cumprir os preceitos de boas maneiras, levando-o a seu rosto. Em função deste ato, seu falso bigode descolou de seu rosto, e ficou grudado ao seu lenço, sem que o seu Amaral percebesse. Como a falta do bigode mudava a aparência de grande fazendeiro, o diretor da peça, Lindoro Couto, tentou avisá-lo.

Após entender o aviso do diretor, seu Belarmino, disfarçando, rodou por todo o palco à procura da peça que faltava em seu rosto, jamais imaginando que o bigode encontrava-se em seu lenço.

Desistiu de atuar, pois fazendeiro sem bigode não tem graça alguma, interrompendo assim bruscamente o andamento da peça.

Cortina fechada, assunto resolvido, mas ninguém convenceu mais seu Belarmino Amaral a seguir na carreira de ator!!!

Bloco da Mulinha

Por ocasião do carnaval, alguns moradores da Fabril montavam o Bloco da Mulinha, que desfilava pelo bairro, percorrendo o acampamento da Light, indo parar no centro de Cubatão.

Seu Paulino Soares, caprichoso em sua fantasia de urso, com extrema paciência confeccionava peça por peça, isto é, costurava com linha reforçada, folha por folha de árvores, evitando que em dia de chuva as folhas se descolassem.

Para essa empreitada, seu Paulino levava praticamente o ano inteiro, caprichando com seu urso, que por sua vontade seria sempre a melhor fantasia.

Serafim tinha um bode verdadeiro, e também o enfeitava, amarrando-o a uma carroça, que também servia no transporte dos instrumentos musicais... e das bebidas, lógico.

Em um dos desfiles, o Bloco parou no monumento do Cruzeiro, para descanso, para em seguida entrar apoteoticamente no centro da cidade.

Cansados e quase todos já devidamente travados, não se preocuparam em separar o falso urso do seu Paulino do verdadeiro bode do Serafim. Com fome, o bode devorou todas as folhas do "urso", para desespero do seu Paulino, que levou um ano confeccionando sua fantasia.

Para ilustração do fato, Raul compôs uma marcha carnavalesca, que se tornou música oficial do bloco, nos carnavais seguintes:

Bloco da Mulinha

*O Bloco da Mulinha era gozado,
Quá, quá, quá, quá, quá,...
Saía sempre, sempre animado,
E a mulinha não parava de pular!*

*Tinha tudo no bloco,
Tinha um urso de capim,
Tinha um bode de verdade
Que era do Serafim...*

*A fome bateu no bode,
Vejam só que triste fim,
Acabou com todo o urso,
Que era feito de capim, oi...*

Boca do Lixo só pode cheirar mal...

A zona das boates em Santos era chamada de Boca do Lixo, bem como em São Paulo e em outras cidades. Certo dia, vinha de Santos para Cubatão, junto com minha mulher e meu filho Fábio, na época com cinco anos de idade. Passando pelo bairro da Alemoa, na altura da ponte do Rio Casqueiro, no depósito de lixo de toda a cidade de Santos, Arlete exclamou:

- Nossa, que cheiro ruim!!!

- Mãe, aqui deve ser a boca do lixo... – respondeu prontamente o Fábio.

Bomba Caseira

Na Farmácia Americana, Paulo Zaidam encarregou seu auxiliar, José Rocha, para preparar um formicida caseiro, para acabar com um formigueiro, que já estava complicando o estoque de remédio. Rochinha juntou em um irrigador de inseticida álcool, acetona, ácido muriático e amoníaco, veneno pra ninguém botar defeito.

Para não passar pelo balcão de atendimento, Rocha colocou o "cocktail Molotov" na janela e deu a volta. Chegando lá, onde estava o formigueiro, não encontrou nem parte da janela, quando mais seu preparado.

A mistura entrou em reação química, provocando uma tremenda explosão, quebrando todos os vidros da janela. Assustado, o proprie-

tário da farmácia, Sinval Duarte Pereira, mandou pra casa o cientista maluco. O formigueiro ficou intacto, para alegria das formiguinhas.

Brinde ao dono do galo

Perto da ponte de arco na Av. 9 de abril havia dois prédios comerciais importantes. Era a lavanderia do Hilário de Souza e ao lado a oficina de bicicletas do Seu Rocha. Certa noite, reunidos na lavanderia estavam o prefeito Dr. Luiz Camargo, Hilário, Abílio, Arivaldo e completando o grupo, o filho mais velho do seu Rocha, o Rochinha.

O motivo era festivo, tratava-se do jantar especial com um galo assado, roubado nas vizinhanças. Antes de começar a comer, um brinde. Todos de copos cheios de cerveja na mão, foram em direção do Rochinha e gritaram:

- Um brinde ao doador do galo!

Rochinha, bravo se mandou da festa, foi ao seu galinheiro conferir e procurou seu pai para avisar do ocorrido. Não o encontrou porque Seu Rocha também estava devorando o galo que ainda não sabia, era seu.

Buscapé inteligente

No Bar do Dinho, logo cedo, Eduardão pediu um café com leite e um pão com manteiga.

- Pão não tem... a padaria ainda não entregou.

Cinco minutos depois, Maria Jorge, que morava em frente, voltava da padaria com um pacote cheio de pães, sua família era muito grande.

Era época junina, Dinho pegou um buscapé, amarrou a um barbante e soltou na direção da Dona Maria. Prevendo o estouro, o pacote foi pro ar, espalhando os pães pela calçada, e Dona Maria se mandou, assustada.

- Carlinhos, corre lá... o pão chegou!!!

Bússola humana

No último encontro das TVs Comunitárias do Estado de São Paulo, representando a TV Pólo de Cubatão foram diretores Chico, Marcelo André e Serafim. O diretor Marcelo se autodenominou "Chefe da Delegação" e era o que ditava as normas. Dentro do metrô, indo na direção da sede das reuniões, Marcelo disse:

- Serafa. Vamos descer na próxima estação.

- Não é aqui Marcelo – contestou Serafim.

- Lógico que é. Sei tudo. Sou uma bússola humana.

Desceram na estação errada, do lado errado e tiveram que subir uma passarela para o outro lado. Da manhã, no hotel, Marcelo disse:

- Vamos para o salão de conferência. É por aqui. Sou uma bússola humana.

Errou novamente. Tiveram que voltar e, em consequência, chegaram atrasados à reunião.

Cachaça obediente

Na Light, para tranquilidade de seus moradores, os vigilantes das porteiros tinham como obrigação impedir a entrada de bebidas alcoólicas no acampamento. Jaú, morador do pedaço, voltando para casa,

bolou um plano para enganar o vigilante. Comprou um litro de pinga, embrulhou com bastante jornal, amarrou no gargalo um barbante bem comprido e foi entrando pela porteira, puxando a cachaça, que estava dez metros atrás. O esperto vigilante, verificando a malandragem do moço, não se conteve:

- Que é isso, Jaú???

- É que eu gosto tanto dela, e ela gosta tanto de mim, que veio me seguindo, uai...

Cachorro voador

Disse-me o engenheiro Guimarães que um motorista da garagem da Prefeitura morava em uma casa térrea na Vila São José. Seu cachorrinho de estimação passava a tarde toda na sala deitado em um tapete, junto com os filhos desse motorista, que ficavam sentadinhos no sofá, vendo televisão.

As 17h15, mais ou menos, quando o motorista chegava em casa, ainda no portão, através de um assovio, o cachorro pulava a janela e corria para receber seu dono com todo afeto e carinho.

Com a construção dos prédios no Acampamento B3, esse motorista foi contemplado com um apartamento em um desses prédios, só que no terceiro andar. No primeiro dia após a mudança, o mesmo ritual, às 17 e 15 mais ou menos, lá embaixo o mesmo assovio. O coitado do cachorro correu, pulou a janela e foi se estatelar lá no chão.

Cadê a chave?

Foram passear no Shopping Praiamar, Marco Aurélio Cuqui, sua esposa Eliana, suas filhas Natália e Lívia e a avó Alice. Na hora de voltar cadê a chave do carro? Procura daqui, procura dali e nada de achar. Sem jeito, Marco teve que pedir para o seu sogro ir até o Shopping pegar a chave de sua casa, voltar à Cubatão levando a chave reserva para solucionar o problema. Acontece que seu sogro pegou uma chave errada e quando voltou ao Shopping chegaram à conclusão de que tinham que fazer toda a operação novamente. Demorou tanto, que as filhas Natália e Lívia dormiram e não aproveitaram nada do passeio.

Cadê meu fusca?

Chegando ao seu escritório na Avenida 9 de Abril, o Dr. Edson Gonçalves de Carvalho, aproveitou a oferta do Pinguinha, lavador de carros e mandou lavar e encerar seu Fusca. Em seguida foi ao Fórum. Ao retornar seu carro não estava estacionado no lugar de sempre, lógico. Tomou logo providências que o caso requer, foi à Delegacia e registrou queixa do pseudo-roubo. Ligou para sua esposa anunciando a desgraça, passou no banco tentando financiar outro carro e passou 4 horas lamentando sua falta de sorte. No fim do dia apareceu o lavador com o carro limpinho e brilhando.

-Onde você foi com o meu Fusca Pinguinha?

-Fui lavar o senhor não lembra Doutor?

Pagou em dobro de tanta alegria.

Café amargo

Em visita à Câmara Municipal de Cubatão, em 1974, Seu Castro, incorporador do edifício que leva seu nome foi, como não poderia

deixar de ser, muito bem recebido pelo então presidente José Edgard da Silva. Como complemento da visita, Edgard solicitou das recém-contratadas copeiras um cafezinho esperto, como sempre fazia.

Bernadette preparou o café, cabendo à Rosa adoçar e servir. Por brincadeira de colegas, no lugar do pote de açúcar, colocaram sal, que para uma funcionária nervosa, de primeiro dia, pouca diferença fazia.

Rosa somente estranhou que o café borbulhava, mas não ligou, achando que era novidade implantada pela Bernadette. Quando Seu Castro tomou o café, cuspiu, tossiu, engasgou, agradecendo, porém rejeitando o café totalmente amargo.

Rosa imaginou que seu primeiro dia de serviço seria também o último, porém as duas funcionárias foram perdoadas por José Edgard, que, no entanto pediu mais atenção.

Caixa d'água cheia de lenha

Aldomiro de Oliveira Pereira (Manau) trabalhava na Farmácia Santa Terezinha, na Fabril, propriedade de Paulo de Souza Nogueira. À noite, por não ter recebido o pagamento prometido pelo patrão, resolveu vingar-se. Ao avistar uma caixa d'água de concreto encostada em um canto, convidou seus amigos Renato, Amauri, Índio e Aguinaldo, para arrastá-la até a porta da farmácia, para dificultar sua abertura no dia seguinte.

Como a caixa era feita de concreto, ficaram até parte da madrugada transportando-a, na maior dificuldade. Não contentes em somente bloquear a porta, encheram a caixa com toda a lenha estocada da padaria do Zé Joaquim, tornando um arranjo até bonito.

No dia seguinte, com a chegada do Paulinho, Manau, obedecendo ordem do patrão, foi obrigado a tirar sozinho a lenha colocada na caixa. Para retirar a caixa d'água, foram convocados o Siqueira e o Portela, e mais vinte peões da Santista. Mesmo assim, o expediente da farmácia só começou após o meio-dia. Sem quase um dia de faturamento, o pagamento acabou atrasando mais um dia...

Caixa de fumaça

No alto da serra pela estrada de ferro, no bairro de Paranapiacaba, existia um clube, o S.E.R. União Lira Serrano, dono de completo campo de futebol. O estádio tinha um belo gramado, arquibancada, ótimos vestiários, um forte time de futebol e também muita neblina. É que o campo ficava no alto de um morro, e todo fim de tarde, por ser uma cidade muito alta, baixava uma cerração que impedia a visão até dos moradores locais.

Só uma pessoa "enxergava" bem, era o juiz que apitava os jogos do Serrano. Em uma partida do E. C. Cubatão, contra o time local, o jogo estava equilibrado até o fim do primeiro tempo. Na volta dos vestiários, já ficou difícil achar o gramado, tanta era a neblina que caía.

Aí que o árbitro enxergava bem. Entrosado com a torcida, o juiz, de dez em dez minutos, apitava forte e a torcida, já acostumada, gritava gol... Além do campo, nós do Cubatão não viamos nada, nem o juiz, nem a bola e nem o placar. Perdemos de cinco a zero sem entender nada...

Caminhada vira-lata

O meu amigo engenheiro Nelson Bonfim dos Santos, da Prefeitura Municipal, comendo bastante, acabou engordando muito. Após sugestão do Miguel Rivau, consultou um médico, que lhe orientou para longas caminhadas diárias, a fim de perder peso.

Só que o Nelsão tinha um cachorro que pelo jeito também estava muito gordo. Em vista disso, de manhã bem cedo era muito comum ver pelo trajeto das caminhadas o engenheiro e seu cachorrinho.

Após trinta dias de intenso exercício, nenhum dos dois emagreceu, nem o Nelson, nem o seu vira-latas.

Capacidade do saco

Moises Amin, cliente do Banco Itaú - Cubatão freqüentava diariamente o banco para conferir os juros que havia lucrado do dia anterior. Perguntava o saldo, conferia os juros e ia embora todo satisfeito. Só que era um cliente diário, sempre às 9 horas, horário da abertura do expediente, sempre antes do café matinal. Era o tipo do cliente chato. Passava primeiro na padaria comprava o pão e o leite daqueles embalados em sacos plásticos, entrava na filha para cumprir seu ritual chato do dia. Certa vez Carlinhos Cruz com um alfinete furou o saco de leite sem que o nobre cliente percebesse. Por ser um furo pequeno o esguicho do leite era muito fino, passando quase despercebido, inclusive pelos outros clientes. Moisés só percebeu a brincadeira em casa, quando foi tomar seu café.

Capota mas não breca

Se tem uma bronca danada do Engenheiro Antonio Guimarães Neto é assumir o passar dos tempos. Assume a idade. Mas não gosta de ser chamado de velho. Ao entrar no Barateiro da avenida, por causa da chuva, escorregou na calçada e levou o maior tombo. Levantou-se rapidamente e continuou a caminhar. Dentro da loja, a gerente preocupada com o chão escorregadio naquele momento, avisou ao Guima:

- Cuidado senhor... o chão está molhado... lá fora agora a pouco um "velhinho" escorregou e caiu ...

Guimarães bravo deu meia volta largou as compras, e em sinal de protesto foi comprar no Krill.

Caranguejo ao ponto

Sob a direção de Chiquinho Pereira, produção de Lindoro Couto, o Grupo de Teatro Amador de Cubatão encenava na sede do Esporte Clube Cubatão uma peça em que o assunto era praia. Como Cubatão não tem praia, para melhor brilhantismo do cenário, foram ao Casqueiro e encheram um saco de caranguejos, que foram soltos no palco, dando maior autenticidade à peça.

Funcionava como "ponto" (pessoa que soprava o texto para os atores durante a encenação), em uma armação de madeira ao nível do palco, José dos Santos, mais conhecido por Vigésimo.

A mocinha (Cida Guimarães), no momento de sua entrada em cena, se recusava a fazê-lo, com medo dos caranguejos. Já no palco, o mocinho, interpretado por Salim Farah, cansado de esperar pela mocinha, providenciou logo a solução. Chutou todos os bichos para fora do palco.

Só que o nosso galã errou alguns chutes e meia dúzia de caranguejos foi parar no local onde estava instalado Vigésimo como “ponto”, que saiu correndo, com um dos crustáceos instalado dentro de sua camisa.

Carga mais que pesada

Escondido de seu pai, Jose Rocha saiu com o barco e a espingarda de carregar pela boca, no intuito de caçar alguns pássaros. Ao deparar com um Jacú, Rochinha rapidamente carregou a arma, sem saber que seu irmão Artur já tinha carregado anteriormente. Em pé no barco, mirou... atirou... e com o tranco muito forte da carga dupla foi jogado dentro do rio. Sem caça nenhuma teve que retornar rapidinho pra limpar a arma e se refazer do susto.

Carregador de pasta



Lindolpho, enfermeiro aposentado do D.E.R., fotógrafo nas horas vagas, necessitava ir a São Paulo para receber um pagamento que teria de ser na agência da Caixa Econômica. Foi de carona comigo, pois em função de visita semanal à Junta Comercial, ia de carro, para maior facilidade.

Como o dinheiro que Lindolpho recebeu era muito, este achou por bem guardá-lo em minha pasta 007, cheia de requerimentos e livros para serem carimbados na Junta Comercial, o que a tornava muito pesada.

Lindolpho justificou, dizendo que na pasta o dinheiro estava mais seguro. Só que, sem que ele percebesse, tirei todo o dinheiro da pasta e coloquei em meu bolso, achando eu mais se-

guro ainda.

Ao ver meu desleixo com a pasta, toda vez que parávamos para o cafezinho, Lindolpho se apoderou da mesma, apesar de muito pesada, carregando-a. Percebendo que sua preocupação era pelo seu dinheiro, não o avisei da verdade, ficando bem quieto, pois assim arrumei um carregador para a pasta.

Ao chegarmos a Cubatão, sua primeira providência foi retirar a grana. Não achando, ficou muito bravo, e quando soube que carregou aquela pasta pesada, sem nenhum dinheiro que lhe pertencia, ficou mais bravo ainda...

Carros modernos...

1) Raimundo, funcionário da Alba S.A., estava procurando um carro para comprar. Albino, também funcionário da Alba, tinha um Renault Dauphine, carro já vaiado de tantos defeitos que apresentava.

Albino tinha o carro mas não tinha guarda-chuva. Raimundo tinha guarda-chuva e queria o carro. Trocaram “elas por elas”. Quando apertaram Raimundo, pela diferença de valores, este respondeu:

- Pô, o guarda-chuva é muito bonito, importado; é italiano...

2) Raul Caldeira, representante em Cubatão das bebidas Antarctica, comprou um Gordini, zero quilômetro, carro que vinha com a novidade

de quatro marchas. Acostumado com carro de somente três marchas, rodava toda a região, sempre usando até a terceira marcha, nunca a quarta. Indagado sobre o motivo, respondeu:

- Não preciso da quarta marcha, em terceira este carro anda muito bem.

Em seis meses estourou o motor do Gordini "zero".

3) Alfredo, após uma reunião do Rotary Club, no Restaurante Aviz, percebeu que os quatro pneus de seu carro estavam totalmente vazios, zerados mesmo, armação provocada por arruaceiros.

Altas horas da noite, somente funcionava o borracheiro do Auto Posto Paulínia, na Vila Parisi, a dez quilômetros de distância. Em vez de aceitar carona de algum amigo, resolveu consertar a situação no mesmo dia. Pegou um táxi e levou um pneu até o borracheiro, voltou, levou mais um, e depois outro, até completar os quatro, quando já eram quatro horas da madrugada. Perguntado porque agiu dessa maneira, respondeu:

- Porque só tinha um macaco, não tinha outro jeito...

4) Ofereceram ao Júlio, mecânico de autos que trabalhava na Santista de Papel, um DKW-Vemag. O carro estava bonito. Tinha rádio, pneus novos, estofamento novo, impecável.

Dono da verdade, metido a sabido em sua profissão, pegou o carro, subiu e desceu a Via Anchieta, achou-o em bom estado, fechou negócio.

No dia seguinte, desfez o negócio, porque na caixa de câmbio não tinha a marcha-à-ré, coisa que somente descobriu em casa, quando foi guardar o carro na garagem.

5) Em frente à Panificadora Vila Nova encontrava-se o carro oficial do presidente da Câmara Municipal de Cubatão. Zezinho, Cabeça e Edu da Guarda esvaziaram os quatro pneus, retirando a válvula vedadora, para que a brincadeira ficasse completa.

Ao sair do restaurante, Gino, presidente da Câmara na ocasião, topando a cena, esbravejou:

- É um abuso de autoridade, vou chamar a polícia.

Alertado por freqüentadores do local, recuou. Eram três horas da madrugada, hora em que nenhum "carro oficial de autoridade" deveria estar estacionado à porta de um bar..

6) Em férias, Evaristo juntou mulher e três filhos, para uma viagem ao Rio de Janeiro. Para maior segurança no passeio, equipou seu Gordini com quatro pneus novos, trocando também as lonas de freio. A ida foi uma maravilha, mas a volta...

Apesar de bem equipado, o carro não conseguia deslanchar, o que achou normal, porque voltava com presentes, aumentando o peso do carro. Após 100 quilômetros de estrada, notou pelo espelho uma fumaça saindo de um pneu traseiro, porém não deu maior importância.

No km 200, a fumaça aumentou tanto que, além de incomodar seus filhos no banco traseiro, chamava a atenção dos outros usuários da estrada, que sinalizavam avisando.

A altura de Aparecida, praticamente no meio da viagem, um motorista lhe avisou, gritando desesperado:

- Foooogo!!!

Parando no borracheiro, constatou que havia queimado os dois pneus traseiros, duas câmaras de ar, gastando totalmente as lonas de freio,

bem como fundindo uma das rodas.

Desse dia em diante, Evaristo nunca mais viajou, sem antes destravar o freio de mão...

Casa sem queijo

Certo domingo fomos, eu, o Wilson Amado, o Vianinha, mais meu neto Nicolas, que tinha na época três anos de idade, à casa do Miguel Rivau, no Jardim Casqueiro, para uma caipirinha regada a churrasco. Antes do almoço, a Rose, esposa do Miguel, colocou na mesa o famoso tira-gosto composto de salame, presunto, mortadela, porém nada que fosse do gosto do Nicolas.

Com vontade de comer e sem nada na mesa do seu gosto, Nicolas, apesar de sua pequena idade, com muita coragem intimou, gritando:

- Ô Miguel, na tua casa não tem queijo, não?

O pior é que não tinha, mas Michelle, a filha do casal, teve que ir à padaria comprá-lo, para atender à cobrança de um pirralho de três anos de idade...

Causos da Junta Militar...

1) O patrulheiro Fábio, que atuava na Junta Militar, em um dia de muita chuva chegou atrasado ao serviço. José Carlos dos Santos deu-lhe uma bronca:

- Isso são horas, cara???

- Sabe o que é, chefe Carlos... O motorista do ônibus é novo na linha, não sabia o percurso e se perdeu.

- Mas porque você não foi lá pra frente do ônibus orientar o motorista, já que você conhece o caminho?

- Tá louco, chefe... Tava chovendo muito, correndo "lá na frente" do ônibus eu ia me molhar muito...

2) Compareceu à Junta o jovem Lací, hoje motorista da Prefeitura, e foi atendido pelo Renato Machado.

- Pois não... fala.

- Vim aqui pra tirá o "tropocolo de reselvista"...

3) Atendido por Jurandir Silva, o Manga:

- Moço, vim aqui "pra modess" de me alistar.

- Moço... Modess é o que a mulher usa todo mês.

4) Após preencher quase todo o questionário, Reinaldo perguntou ao futuro soldado:

- Qual é a religião?

- Sou de Touro...

5) Vindo de uma região muito fria, o jovem compareceu à Junta, muito agasalhado. Graça atendeu-o e disse:

- Tira a cobertura, aqui dentro não chove...

O alistando tirou o boné, as luvas e o casaco, ficando tremendo de frio.

6) Uma senhora foi justificar a falta do filho no alistamento. Eliete lhe avisou:

- Seu filho tinha que vir ontem, que foi o último dia.

- Sabe o que é, mocinha... a baratinha pegou ele.

Lá no fundo, Manga esbravejou:

- Marmanhão de 18 anos, tem medo de barata???
- Não, moço... é a baratinha da polícia, ele tava fumando maconha em cima do muro..

7) Trabalhavam na Junta Militar da Cubatão José Carlos, Jurandir Silva (o Manga), Maria da Graça e o Marcelo André. Certo dia chegou um jovem dizendo:

- Eu quero me alistar-me...
- Pois não moço, atendeu prontamente o Carlinhos. Necessito de sua Certidão de Nascimento e duas fotografias.
- Tenho não senhor.
- Como é que você quer se alistar sem documento?! – gritou o Manga lá do fundo.

Após algum tempo, e o impasse criado, a Graça achou um solução:

- Moço. Você tem registro e retrato?
- Ah! Isso eu tenho, retrato eu tenho e registro tenho também.

Cheirinho ruim

Na garagem da prefeitura municipal quase no fim de um expediente de uma sexta-feira, Paulo Kaiser colocou na mesa dois pacotes pesados de sardinhas e foi conferir a escala para o fim de semana. O Edson do Som, por gozação escondeu os dois pacotes e se mandou. O Paulo quando procurou as sardinhas foi avisado que o Edson havia levado os embrulhos para casa. Na segunda feira, era insuportável o cheiro de peixe podre na sala dos motoristas. Ao confrontar com o Edson cobrou:

- Meus peixes cara???
- Estão atrás do armário, não tá sentindo o cheiro, é só pegá-los...

Cheque borrachudo... e "roubado"

À beira da Via Anchieta, no Curtume, funcionava um restaurante, dirigido pela Lourdes, apelidado de "poirão". Comia-se bem e barato, motivo da alta frequência dos funcionários da Semam da Prefeitura, João Carlos, Miguel, Wilson, eu e às vezes o Vianinha.

Na sua vez de pagar o almoço, Viana, por falta de prática em preencher cheques, pediu-me para fazê-lo. Fui preenchendo o valor, R\$ 30,00, o valor por extenso, data e, na sequência, distraído, acabei assinando o cheque, que pertencia ao talão do Viana. Trocamos o cheque errado por um válido, porém inadvertidamente acabei ficando com o cheque errado, sem valor algum, para rasgar e jogar fora posteriormente.

Wilson Amado, necessitando fazer dinheiro para seu fim de semana, pegou o cheque e negociou com o João Carlos Silva (Carlinhos do Casqueiro), pelo valor de R\$ 20,00.

Este, por sua vez, alegou que pagou o cheque para preparar uma brincadeira com o Zé Carlos. Procurou o Zé e lhe propôs:

- Zé Carlos, este cheque é do Arlindo, no valor de R\$ 30,00, como você está vendo; te passo por R\$ 20,00, só pra não ter o trabalho de ir ao banco, e assim você, na moleza, ganha R\$ 10,00.

Negócio fechado, recibo passado, todo mundo satisfeito...

Para aumentar a brincadeira, montei uma intimação da delegacia de Polícia, convocando o portador do cheque para depor, alegando que o cheque era roubado, e haviam prestado queixa-crime na delegacia.

Só que, ao montar a "intimação", por erro de cálculo, não percebi que a convocação para 3 dias expirava exatamente no dia 2 de novembro, dia de Finados, portanto feriado nacional.

Quando percebi a confusão que iria causar, liguei para o Carlinhos para cancelar a brincadeira da intimação junto ao Zé Carlos. Não foi mais possível, porque o Zé não foi mais encontrado.

Dias depois, o Zé Carlos, revoltado, queria saber quem havia sido o autor da brincadeira, que fez com que ele ficasse a manhã inteira de Finados na delegacia, pois o escrivão de plantão não conseguiu encontrar o "inquérito" referente àquela "intimação".

Para amenizar um pouco a bronca, Zé Carlos foi reembolsado pelo Carlinhos, só que até hoje Wilson tá devendo R\$ 20,00 não sei pra quem...

Cheque frio

Quando em 1979 trabalhei na Câmara Municipal, em uma hora de folga o então presidente Armando Campinas me convidou para irmos à copa tomar o tradicional cafezinho. Não havia no local nenhuma funcionária. Pegamos as xícaras, o café, e ao tomá-lo avistamos na mesa um talão de cheques do Banespa, pertencente a Rosa Maria de Moraes, na época funcionária do setor.

Por brincadeira, resolvemos "guardar" o talão, por motivo de segurança. Na copa, o local mais adequado acabou sendo o freezer da geladeira. Rosa procurou o talão por todos os lugares, só o encontrando no dia seguinte, totalmente congelado.

Ficou por dois dias sem emitir cheque algum, com medo da "temperatura" do talão...

Cheque nominal não endossável

Quando da construção da Praça Portugal, pela Prefeitura, a colônia portuguesa da cidade resolveu homenagear um dos seus filhos mais ilustres, Luiz de Camões, escritor e poeta.

Para a construção da estátua que hoje enfeita a praça, foi organizada uma lista, para angariar recursos, encabeçada pelo seu. Mário Jorge de Oliveira, comerciante cubatense, dono do Bar do Aviz e Hotel Apolo.

Em visita à Terracom, além de bem recebido pelo seu diretor presidente Antonio Diniz, recebeu também um cheque de valor considerável.

Tão empolgado ficou seu Mário que, emocionado, não reparou que Toninho, em brincadeira, emitiu o cheque nominal, só que em nome de Luiz de Camões. Ao perceber o "lapso", voltou à Terracom e ouviu do Toninho:

- Seu Mário, é só pegar o endosso do homem...!!!



Cheques imprestáveis

Catarina Augusta Pereira, como teste do primeiro dia do Banco Itaú-Agência Cubatão, recebeu como primeiro serviço a incumbência de

somar todos os cheques da compensação. Antigamente, a compensação era feita de forma diferente de hoje, era necessário que fosse feito um mapa para levar ao Banco do Brasil, junto com a soma, é lógico, de todos os cheques.

- Costinha, já somei, o que faço agora? – perguntou Catarina.

- Leva a tira da soma para o tesoureiro. Quanto aos cheques, não prestam mais, joga tudo no lixo...

Dez horas da noite, Orlando Raimundo, o tesoureiro, lógico que não conseguia fechar o mapa: faltava o principal, isto é, os cheques...

Foram à casa da Catarina, às 11 horas da noite:

- Catá, o que você fez com os cheques???

- Joguei fora, conforme orientação do Costinha – respondeu a moça, totalmente assustada.

Reviraram na agência todos os cestos de lixo, e não encontraram nada. Foi aí que, por sugestão de alguém, foram encontrar na calçada da avenida, em sacos de lixo, os cheques somados pela Catarina, prontinhos para serem recolhidos pelo caminhão de lixo...

Chicote molhado dói mais

Na peça do Cotac sobre a Paixão de Cristo, Fued Farah, como guarda romano, caprichava com seu chicote no lombo do "mau ladrão", brilhantemente interpretado pelo Hélio Teobaldo.

Acontece que, neste dia, havia chovido muito e com o asfalto molhado – conseqüentemente o chicote também molhado – pesava mais, aumentando o sofrimento do nosso ator Teobaldo. A cada batida do chicote, Hélio olhava para o Farah, com cara de muita dor, reclamando muito. Farah achava autêntica a reclamação e, entendendo como excelente interpretação, batia mais e com mais força.

No final da encenação, Hélio, sangrando, foi, bravo, reclamar com o Fued. Resposta de Farah:

- Pensei que você queria que eu batesse com mais força, tal a emoção da sua interpretação!



Chocolate no Diamante Negro

Quando em 1944 Antonio Cunha fez sua estréia no time principal da Portuguesa Santista, o jogo foi contra o São Paulo F.C., campeão do ano anterior e líder absoluto do campeonato. O centro-avante do São Paulo era nada mais, nada menos, do que Leônidas da Silva, o melhor centro-avante brasileiro na época. Leônidas, mascarado, prepotente, encostou no Antonio e perguntou:

- É você, moleque, que vai me marcar? Sabe quem eu sou? Sou o famoso Leônidas, o Diamante Negro...

Antonio Cunha não se intimidou, e com uma pitada de gozação e preconceito, respondeu:

- Não sei quem você é... mandaram eu marcar o único crioulo do São Paulo, então pelo visto é tu...

Leônidas parece que ficou surpreso com a resposta, e deve ter-se abalado, pois não conseguiu jogar nada naquele dia. Antonio Cunha

foi considerado o melhor jogador em campo, conforme os jornais esportivos da cidade.

Chute na pedra

Tem gente que, talvez em função do sistema nervoso, se contorce torcendo em jogo de futebol. Na Fabril, meu pai Alvaro Ferreira era um deles. Como bom português, ia pra beira do campo de futebol do Comercial, de tamancos, e a cada chute dos jogadores, meu pai chutava também no vazio, provocando risadas de seus amigos, que o acompanhavam.

Chico Claro, percebendo a situação, colocou no outrora pedaço vazio uma pedra de tamanho razoável. No primeiro chute, meu pai quase arreventou seus dedos, ao chutar com toda a força a pedra ali colocada. Apesar da dor que sentiu, não estrilou, e ficou esperando a forra.

Mudou de lugar, fazendo com que seu Chico mudasse também, levando novamente a pedra. Chico Claro, ao tentar colocar a mesma pedra junto à cerca para ser novamente chutada, encontrou meu pai já escolado, que desferiu tamanho chute na mão do seu Chico, quebrando um de seus dedos.

Daí em diante, em vez de tamancos, seu Álvaro só ia ao campo de sapatos!!!

Cigarro em pé sagrado

O Circo Teatro Guaraciaba, instalado em Cubatão, na época da Semana Santa, encenou na sexta-feira a tradicional peça da Paixão e Morte de Jesus Cristo. Paulo Bonetti, o palhaço "Pirulito", foi escolhido para o papel principal, ou seja, o próprio Jesus Cristo.

No final da peça, com a cortina já fechada, Pirulito, com tremenda vontade de fumar, pediu aos seus amigos que colocassem em sua boca um cigarro, já que com os pés e mãos amarrados não tinha condição de fazê-lo.

Inadvertidamente, o contra-regra reabriu as cortinas, para novos aplausos do público presente. Para não ser pego com cigarro na boca, o que não ficava bem para Cristo, Pirulito cuspiu o cigarro que, por seu azar, caiu entre seus pés devidamente amarrados.

Contorcendo-se em dores, alertava seus amigos, pedindo socorro.

- O cigarro tá queimando meu pé...

Como o barulho dos aplausos era mais forte que seu discreto pedido de socorro, não aguentando mais de dor, soltou um tremendo palavrão:

- O cigarro tá queimando o meu pé. PORRA!!!

Em vez de lágrimas de emoção, o público gargalhava.

Cinquenta tá bom demais

Em uma festa na garagem municipal, comemorando o Dia do Funcionário Público, o prefeito José Rodrigues Lopes, falava que, apesar das dificuldades financeiras da Prefeitura, resolveu conceder um aumento de salário de 100%, com a intenção de cobrir a defasagem salarial. Discursava, pedindo compreensão pelas dificuldades, quando foi interrompido por Manoel Pinheiro, vigilante da Prefeitura, que pediu a palavra:

- Sabe o que é, compadre, não é necessário tudo isso, 50% tá bom demais.

Foi vaiado, xingado de todo nome, quase apanhou, e daí em diante ficou conhecido como Mané Cinquenta...

Cofre humano

Quando Antonio Martins de Abreu tinha um supermercado na Vila Parisi, era frequente sua ida ao Makro de São Bernardo para abastecimento de seu comércio. Levava consigo seu filho Vanderlei e seu amigo Zé Pinguinha, que quando "sóbrio" funcionava como cofre. É que o Abreu colocava nos bolsos do Pinguinha todo o dinheiro que levava, era uma maneira de disfarce, ninguém poderia desconfiar que aquele cara estava com os bolsos cheios de grana.

Certa vez, no estacionamento do Makro, Pinguinha, um tanto "distraído", foi atropelado, carregado de dinheiro.

- Pai, o Zé foi atropelado e estão levando ele para o Pronto Socorro - disse o Vanderlei.

- NÃO! ... segura ele, fala pro guarda que ele vai melhorar, é questão de tempo...

Depois que o dinheiro foi transferido de bolso é que o Zé Pinguinha foi levado...

Comícios...

1) Apoio do Waldick

Paulo Roberto era responsável pela música de apresentação de cada candidato.

Quando subiu ao palanque o fotógrafo Luiz Fernandes Pinto, saiu a música:

- Eu não sou cachorro não!!!

Luiz engasgou, avermelhou, gaguejou e não falou nada. Paulo Roberto se mandou do comício...

2) Conforto é muito bom

Maria gritou para seu eleitorado, defendendo os menos favorecidos:

- Enquanto tem gente dormindo em colchão de molas, tenho amigas que passam a noite em cima de um pau duro...

3) O choque charmoso

No palanque, o candidato Sebastião Miranda Galindo, segurando o microfone com a mão direita, mandou ver:

- Senhores...

Jogou rápido o microfone para a mão direita:

- Meus senhores...

Retornando mais rapidamente ainda o microfone para a esquerda:

- Minhas senhoras...

Em seguida, jogou o microfone no chão e gritou:

- Esta porra tá dando choque!!!

4) No Tabuleiro da Campanha do Doutor

No estúdio eleitoral, montado pelo Nildo Pinheiro da Silva, o operador de som usava como fundo musical a canção de Dorival Caymmi, "No Tabuleiro da Baiana". Diminuía o volume e a locutora Neide entrava:

- Dr. Luiz é bom... Dr. Luiz vai ganhar... Dr. Luiz é o melhor.

Aumentado o volume, coincidentemente ouviram:

- Mentirosa... Mentirosa... Mentirosa...

Nildo quebrou o disco, para evitar novo acidente...

5) Falem mal, mas falem de mim

Figura lendária do MDB cubatense, agraciado até com um diploma pelo deputado Ulisses Guimarães, o eterno candidato a vereador Sebastião de Miranda Galindo subia no palanque e dizia, alto e bom som:

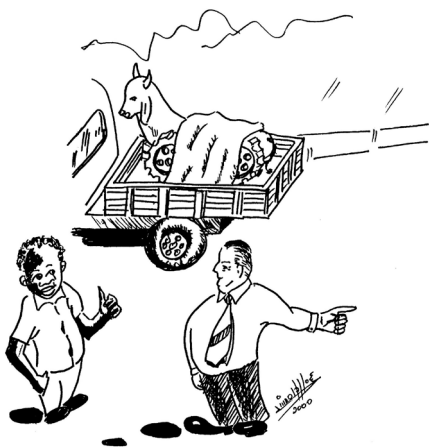
- Sou honesto e corajoso, mas sei que aqui tem gente que gosta de meter o pau em mim por trás...

6) Pavimentação

O candidato Jaime, em um discurso no seu reduto eleitoral, dizia:

- Se vocês votá em mim, eu prometo "encascaralhar" todas as ruas de nossa querida Vila Parisi...

Compressor mágico



Na construção da rodovia hoje chamada de Padre Manoel da Nóbrega, foi construído pela DR-S, unidade do D.E.R. de Cubatão, um canteiro de obras na cidade de Pedro de Toledo. Certo dia, escalaram Raimundão, Diogo e mais dez peões para levarem até Pedro de Toledo um compressor e trazer para Cubatão outro compressor que alegaram estar com defeito. Descarregaram o equipamento no local destinado, e não recolheram o que deveriam transportar na volta, porque já havia sido consertado.

Retornando, à altura de Peruíbe, repararam que, à beira da estrada, pastavam alguns bois à solta, e no meio deles um garrote, já bem gordinho. Um caminhão vazio e doze funcionários do D.E.R., que maior serventia tinha para aquele momento? Juntos, colocaram o bezerro em cima do caminhão, amarraram e cobriram com um encerado o infeliz, que fatalmente viraria churrasco no próximo fim de semana.

No meio do caminho, em Suarão, por tradição, uma parada obrigatória para o cafezinho, que aliás ninguém tomava. Naquela hora, seguia para Pedro de Toledo o engenheiro Paulo de Camargo, que também por costume parava no mesmo bar.

- Diogo, que carga é essa? – perguntou o engenheiro.

- É um compressor, Dr. Paulo, que estamos levando para conserto...

Dr. Paulo, que já estava acostumado com as peripécias de seus comandados, piscou, pensou e ordenou:

- Pois então vocês vão levar de volta – disse o engenheiro -, porque ele já está funcionando. Olhem lá, está se mexendo muito e berrando demais!!!

Desolados, devolveram ao pasto de Peruíbe o garrote, totalmente "consertado"...

Computador de barriga

Quando trabalhei na Fundação Cubatense, em 1985, como chefe do escritório, sentavam ao meu lado as assistentes administrativas Ieda

Santos Cunha e Rosemary Maria Costa. A Fundação, órgão de administração indireta da Prefeitura Municipal de Cubatão era responsável pelo Hospital Municipal, ex-Santa Casa, lutava com muita dificuldade financeira.

Certo dia, apareceu no escritório Roque Bispo, promotor de vendas de computadores. Roque foi atendido pela Rose, conhecedora mais do que ninguém dos problemas financeiros, em função de seu cargo. Não tínhamos dinheiro em certa ocasião para a compra de um quilo de açúcar para a cozinha.

Apesar disso, Rose ficou atendendo o vendedor de computadores por aproximadamente uma hora e meia, mesmo sabendo que não tínhamos dinheiro para comprar o tal equipamento.

Por brincadeira, abri uma folha de expediente, mandei para a Ieda opinar sobre a conversa ao lado, logo em seguida opinou no expediente a Rose. Mandamos o “processo” para a Contabilidade, já anexado a um prospecto de mesa de PABX, totalmente diferente do aspecto de um computador.

Tânia, da Contabilidade, percebendo a brincadeira, por sugestão da Sueli Dariano, devolveu, falando no despacho que não poderia autorizar a compra porque estava “com-puta-dor-de-barriga”.

Quando o Teixeira, respondendo na época pela chefia da Contabilidade, pegou a folha pra examinar, sem óculos, não percebendo que se tratava de uma brincadeira, ditou um despacho de mais de 20 linhas e em seguida assinou. A folha voltou para minha mesa, considerei a brincadeira encerrada, mas tive que agüentar a reclamação do Teixeira, pelo dia todo, bravo, dizendo ter sido feito de bobo, o que não ficava bem para sua posição de chefe. Ficou três meses sem falar com a Rose, Ieda e comigo também.

Convidadas indecentes

Era tradição no E.C. Cubatão, no dia 31 de dezembro, último dia do ano, a realização de baile bem concorrido, muito bem freqüentado pelos associados do clube. Era uma das reuniões anuais da elite cubatense. Balula e Chicão, pensando em se divertir, foram até a sede do clube, mas foram barrados na portaria.

- Não podemos entrar por quê?

- Estão sozinhos, terão que estar acompanhados por suas esposas...

Revoltados, foram até o Cruzeiro, cataram duas prostitutas e voltaram ao baile. O porteiro, não conhecendo as “madames”, permitiu suas entradas. Mais tarde, os dois foram expulsos do quadro associativo do clube, por mau comportamento.

Correio... o rápido e o demorado

Para testar a eficácia da E.C.T., atual administradora dos correios, Carlinhos Cruz escreveu uma carta para ele mesmo. Para sua surpresa, a carta chegou no dia seguinte, mostrando a eficiência do correio. Levou mais tempo para ler a carta, mesmo o conteúdo não sendo novidade, já que foi tudo escrito pelo próprio remetente.

Em compensação, na década de 60, dos filhos do Seu Benassi, o único que não colaborava com o pai era o César. Só pensava em estudar inglês, não querendo nada com a “hora do Brasil”. Querendo ajudar o filho, o pai mandou o César para a casa de seu irmão em Nova Iorque. Lá, o rapaz era o mesmo, não queria nada com a “hora dos Estados

Unidos”. Com quinze dias, o tio não viu outra solução, senão mandá-lo de volta para o Brasil.

Um mês após a chegada do César, chegou pelo correio um cartão postal muito bonito, que dizia:

“Papai, estou feliz, trabalho bastante, titio gosta muito de mim. Dificilmente volto para Cubatão. Bye bye – César Benassi”.

Dá uma, estou nervoso...

No bar do Balula na Fabril, Nelson Legramante Sobrinho era um dos maiores freqüentadores. Em virtude de atropelamento, Seu Jordão estava internado no hospital, passando mal. Nelson, preocupado com a saúde do amigo, entrando no bar, falava:

- Tem notícias do Jordão???

Ao ouvir a resposta do Balula, de que nada podia informar, Nelson completava:

- Então me dá uma pinga, estou muito nervoso...

Logo em seguida:

- Sabe alguma coisa do Jordão???

- Não. - respondia o dono do bar.

- Então me dá outra pinga, estou mais nervoso.

Assim corria o dia, com falta de notícias e uma pinga a mais pelo nervosismo. Na quinta presença do Nelsinho no Bar, Balula, já com o litro e o copo na mão, foi logo dizendo:

- Toma tua pinga... eu não sei nada do Jordão.

Dedão automático

No turno da zero hora da Light, no painel de controle de amperagem trabalhava Abel de Souza Nogueira, já há mais de dez anos. Sua função era virar para a direita a roda, cujo ponteiro alertava para a queda de amperagem. Era um serviço monótono, ficar oito horas nessa lenga-lenga, enchia o saco.

Abel, muito inteligente, arquitetou uma maneira de cumprir sua obrigação, sem se aborrecer. Amarrou um barbante no ponteiro da roda e esticou-o até seu dedão do pé e, em seguida, puxava o ronco. Quando a roda baixava pra esquerda, junto com a amperagem, lógico que o dedão do Abel sentia, e assim ele acordava, regularizava a situação e voltava a dormir.

Deu certo, trabalhou assim até a sua aposentadoria.

Dentadura que não sabe perder

Na loja THREE STAR, na Praça Princesa Izabel, além de assistência técnica de rádios e toca-fitas, ao final do expediente ou nas horas vagas eram disputadas emocionantes torneio de jogos de damas. Certo dia, em disputa de troféu, estavam jogando, Orlando Padovani contra Evilásio Chagas (dono da loja) sob a inspeção de Julio Campbell Penna (Jacaré) dono da banca de jornal ao lado. A dentadura do Padovani quando este era vitorioso, se comportava muito bem, ficando quietinha no seu canto, porém quando o assunto era derrota seu dono não conseguia segura-la. Na terceira partida a negrona, era tanto barulho da dentadura do Padô, que o Vila achou melhor entregar o jogo para terminar logo com o sofrimento de seu ouvido.

Dentaduras...

1) Alfredo Martins, açougueiro da Fabril, na feijoada gigante promovida por Carlos Benko, gerente industrial da Santista de Papel, comeu e bebeu tanto que, vomitando, perdeu a dentadura. No dia seguinte, junto com o Manau, lá estava Alfredo, separando os copos, guardanapos, palitos, pratos e demais entulhos de fim de festa.

- Que bom... Encontrei...

E lá se foi Alfredo, feliz da vida, sorrindo novamente.

2) Carlos Maia, dançando com Vilma, no Esporte Clube Cubatão, contando uma piada, fez com que a moça gargalhasse tanto, que sua dentadura foi parar no chão.

Por sorte, o único que viu, além do Maia, foi o maestro Sereno, que continuou o baile para que ninguém percebesse o infortúnio da moça, terminado alguns minutos depois.

3) Zé Teixeira, jogando ping-pong na sede do Comercial, ao sentir-se inferiorizado, tirava suas dentaduras e jogava no meio da mesa, tirando proveito, pois desconcentrava o adversário.

4) Eduardo Silva, quando ganhou uma bolada no bicho, resolveu promover uma feijoada para alguns de seus amigos no bar do Dinho. Depois do almoço, a cada rodada de cerveja, Dr. Luiz (prefeito) não conseguia beber, porque, escondido, Padovani, por brincadeira, bebia de seu copo. Depois da quinta rodada, ainda sem beber, pois Padovani não permitia, Dr. Luiz disparou:

- Antônio Oliveira (Sexta-feira), me empresta a sua dentadura e coloca aqui no meu copo.

Daí em diante, quem não bebeu mais foi o Padovani, porque sentiu seu estômago "embrulhado".

5) Manau, em sua farmácia na Fabril, logo após o almoço, tirava sua dentadura e, com um palito, aproveitava os restos de comida, dizendo lhe pertencer, pois já estava paga.

6) Armando Campinas, Djalma, Paulão e Aduar Farah, como rotina, todos os sábados se mandavam para Santos para tentar acabar com o estoque de cervejas da vizinha cidade. Certo dia, já na Via Anchieta, Armando dirigia seu fusca, e Paulão, em sua empolgação, colocava seu "carão" pra fora do carro, mexendo com todas as mulheres do planalto que passavam em direção às praias.

Na altura do Jardim Casqueiro, como o movimento da estrada era grande, a dentadura do Paulão, já bastante cansada, pulou e foi parar no meio da pista.

Mais que depressa, Armando parou no acostamento, e o desdentado Paulo foi recuperar seus dentes. Por sorte, apareceu um guarda rodoviário que, percebendo a situação, parou o trânsito, e Paulão, recuperando sua dentadura, após ligeiro assopro, voltou a sorrir. Porém, não mais provocou as meninas do planalto...

7) Em dia de verão muito forte, Manoel Rebouças, Padovani e Bráulio resolveram banhar-se nas águas não tão limpas do mangue da Vila Socó. Tão empolgados estavam que resolveram improvisar um trampolim, para maior conforto nos saltos.

Mais empolgado estava o Rebouças, que, em um de seus saltos,

exagerando no capricho, perdeu sua dentadura.

Após horas de mergulhos e outro tanto de cerveja, eis que Rebouças gritou, alegremente:

- Achei!!!

E, com o sorriso maior do mundo, Manoel Rebouças exibia seus “dentes”... lavados com a água do poço em que nadavam.

Dentro do trem lotado, pum... é fogo

Houve uma época em que a Cosipa contratou com a Fepasa o famoso trem húngaro, para transporte de seus funcionários. Rochinha, funcionário dessa empresa, morador na Vila Nova, usava esse trem diariamente. Certo dia, em função de uma tremenda dor de barriga, Zé Rocha se preparava para ir ao banheiro, mas não conseguiu, pois escutou o apito do trem na estação.

Saiu correndo, segurando como pôde a sua dor aflita. Por ser inverno, os vidros das janelas nos vagões estavam todos fechados. Em virtude da corrida, os gases do Rocha, talvez por revolta, não se contiveram, e Rochinha dentro do trem soltou o maior peido, silencioso, porém tremendamente malcheiroso.

Protesto geral, era um tal de abrir os vidros, todo mundo gritando e reclamando. Zé Rocha, com a maior cara-de-pau, ainda gritou:

- Que cara porco, sô, vamos jogá-lo pra fora do trem, e pela janela!!!

Quando chegou à Cosipa, Rochinha foi direto ao banheiro, antes mesmo de marcar o cartão do ponto.

Dinheiro com cheiro de defunto

Em dia de sexta-feira, fim de semana, o movimento da agência Cubatão do Banco Itaú era triplicado, principalmente em dia de pagamento das empresas. Um cliente, proprietário de uma peixaria, presenteou o Antonio Carlos Cruz com uma caixa de sardinhas. Com medo de deixá-las perto de sua mesa, e ficar sem os peixes, Carlinhos resolveu colocar a caixa que ganhou dentro da caixa-forte, que era o lugar mais seguro, é claro.

Acabou o expediente, guardaram tudo, trancaram o cofre, e a caixa de sardinhas acabou trancada também, por esquecimento de seu dono.

Na segunda-feira, ao abrir a agência, Toninho Diniz sentiu o bafo de coisa podre. Pensando tratar-se de alguém morto dentro do cofre, Toninho ligou para a polícia, por precaução... é claro.

O único funcionário que poderia desvendar o mistério era o Carlinhos, dono da caixa de sardinhas, porém, por coincidência, tinha comparecido a uma consulta médica. Com a chegada da polícia, e o mistério desfeito, só restou pedir desculpas aos policiais e anotar, na conta do Carlinhos, a vergonha que passaram.

Doação de um cabrito

Um dos chefões do Departamento de Estradas de Rodagem (D.E.R.) em Cubatão era o engenheiro Frederico Neiva, profissional competente e muito querido pelos seus subalternos.

Seu motorista era o Armandinho, famoso pelas brincadeiras que fazia com frangos, perus, leitões etc., tendo como filosofia sempre convidar o dono dos animais “aliviados” para comê-los junto com os

infratores.

No intuito de visitar obras na construção da Via Anchieta, na Cota 400, lá foram o dr. Neiva (como era chamado) e ao volante seu escudeiro Armandinho. Enquanto o engenheiro vistoriava a construção de um viaduto, o nosso motorista “vistoriava” um cabrito, já em condições de forno e fogão.

Com o retorno do dr. Neiva, Armando disparou:

- Preciso de sua ajuda, tá vendo aquele cabrito? Eu ganhei do dono como presente, mas sozinho não tenho condições de pegá-lo, preciso de sua ajuda...

E lá foram os dois cercar o coitado do cabritinho, que por azar não tinha nada que estar ali naquele momento, e acabou sendo capturado.

Só que o dono do animal acompanhava de longe o movimento dos ilustres funcionários públicos e, conhecendo o Armandinho de longa data, nada o abalou.

No dia seguinte, o engenheiro Neiva foi procurado pelo morador da cota, dono do cabrito.

- Dr. Neiva, estou aqui para receber o que o senhor me deve pelo cabrito, que junto com o Armandinho o senhor no dia de ontem me roubou...

- Mas... respondeu o engenheiro, o Armandinho disse que era um presente seu...

- Não falei com seu motorista ontem...

Para finalizar... Ao chefe do D.E.R. não restou outra alternativa, se não pagar pelo cabrito e, apesar de contrariado, dar algumas risadas, pela gozação de seu motorista.

Doce amargo

Quando Raul de Souza trabalhava na Terracom, Costinha seu chefe reparou em sua tremenda organização. É que o Raul pegava os doces dados como sobremesa e sem vontade de comer, armazenava em sua gaveta em um cantinho todo especial e todos pela ordem alfabética. Abacaxi, Abóbora, Banana, Caju e assim por diante. Raul pegava depois os doces para comer como num passe de mágica, não precisava nem olhar. Certo dia Costinha por brincadeira mudou a ordem dos doces, fez a maior bagunça na gaveta. Raul sem olhar pegou o primeiro, não era abacaxi, pegou o seguinte que também não era abóbora até que acabou comendo demais, sentindo-se mal mais tarde. Esvaziou a gaveta e organizou tudo novamente.

Dois carros sumidos...

Eu, Raul, Mário Cascardi, Sydnei Claro, Aguinaldo e Amauri Petrone, em uma noite de sinuca e cerveja, no Bar do João Soares, na Fabril, lá pelas duas horas da madrugada, resolvemos encerrar a festa, aprontando uma brincadeira para o Alfredo de Oliveira Pereira, dono do único açougue do bairro.

Para entrega da carne, Alfredo comprou um Furgão-Taurus zero quilômetro. Como nas casas da Fabril não havia garagens, esse furgão ficava estacionado na rua em frente à residência do dono do açougue. Resolvemos então, por brincadeira, esconder o carro do Alfredo. Não foi fácil, o furgão, além de fechado, estava brecado e engatado.

Porém, com bastante esforço, conseguimos levá-lo até a beira do rio, estacionando em frente às casas das famílias Muniz e Grillo. Para complemento da brincadeira, “enfeitamos” o carro com os vasos das

casas em frente.

Missão cumprida, o relógio já marcava duas horas da madrugada, estava na hora de nos recolhermos. Como eu era o único que não morava no bairro, e não circulava mais ônibus, havia tempo para mais uma brincadeira. Sugerir então que repetíssemos a dose com o carro do Borges, recém-casado com a Idalina, filha do Vicentão, que estacionava seu veículo em frente à casa do sogro na Rua Direita.

A diferença de um carro para o outro era gritante: enquanto o do Alfredo estava todo travado, o também furgão do Borges não tinha vidros, não tinha freio de mão, estava somente engatado. Pensando em fazer o mesmo esforço, fomos todos para a traseira do carro e usamos todas as forças que ainda nos restavam. No primeiro tranco, aconteceu um imprevisto, o câmbio destravou, e o carro saiu em disparada ladeira abaixo, correndo o risco de se chocar com o muro das casas abaixo, provocando um preço muito alto por uma brincadeira.

Por sorte, Sydnei era goleiro e, fazendo uma "ponte", se jogou dentro do carro, controlou o volante, levando o carro além do viaduto da Via Anchieta, já no acampamento da Light, em frente à casa do Ely Reis.

No dia seguinte, Alfredo, bravo, ameaçou processar todo mundo, começando pelo Raul, suspeito de ser autor da idéia. O processo não saiu, mas Alfredo sempre cobrou de Raul o preço de uma nova caixa de câmbio, que ficou totalmente danificada.

Dois erros... Duas medidas

Fiscalizando uma feira, o fiscal Moacir abordou um ciclista pedalando pelos corredores da feira totalmente irresponsável.

-Você aí, desce da bicicleta.

-Quem é você pra dar ordem, pra mim, você é nada...

Moacir se irritou, catou na primeira barraca um facão e cortou o pneu da bicicleta do infrator. No dia seguinte, o município foi à prefeitura reclamar ao prefeito Abel Tenório. Convocado pelo prefeito, Moacir pensou logo em perder o emprego, porém tomou coragem e se apresentou:

- Pois não seu Abel...

Relatado o caso, o prefeito virou-se para o munícipe e gritando:

Seu cabra da peste, safado, você está errado e vem aqui reclamar, poderia atropelar uma criança, suma da minha frente.

Depois da saída do ciclista, o prefeito chamou a atenção do fiscal:

- Nunca mais faça isso... a bicicleta é propriedade, que isso nunca mais se repita, não te mando embora.

Dois filhos do Francisco

Os dois irmãos, Orlando Vicente Ferreira (o Lando) e o Heládio Vicente Ferreira (o Bidu), ajudavam o pai Francisco Vicente Ferreira (o Chicão) a distribuir o leite retirado em sua cocheira, instalada no sítio da Fabril.

Descaradamente, os dois irmãos paravam à altura da hoje instalada Refinaria e completavam os latões de leite puro com água de um riacho que cruzava a estrada, na intenção de obter maiores lucros, sem o pai saber de nada.

Certo dia, Chicão recebeu a reclamação de uma freguesa, que devolveu o leite.

É que ao colocar em uma leiteira para ferver, notou que três peixi-

nhos tentavam sobreviver, pulando assustados. Bidu e Lando, desse dia em diante, passaram a usar uma peneira, para não terem mais problemas.

Dr. Pinto malcriado

O dono da farmácia da Fabril, Seu Artur, depositava em seu funcionário Aldomiro (Manau) a maior confiança. Em função disso, Manau começou também, como seu patrão, a receitar remédios das mais variedades. Por esse motivo, deram-lhe o apelido de Dr. Pinto, com relação ao nome do médico da Light, dr. Francisco Teixeira Pinto Jr.

Waldemar Alves Neves (Zuca), provocando o Manau, escutou os maiores palavrões de toda a sua vida. Em represália, Zuca atirou uma pedra na direção da farmácia, que não atingiu o Manau, mas quebrou o maior vidro do balcão. Seu Neves, pai do Zuca, além da surra que deu no filho, arcou com o prejuízo da troca do vidro.

Eleitor que não vota

Na campanha eleitoral de 1988, o candidato a prefeito Dr. Mario Ruivo, acompanhava seus assessores em pedido de votos, nas ruas da cidade. Toda tarde era feito um tipo de corpo à corpo, modo de campanha que chamavam de varredura. Saíam pelas ruas, batendo de casa em casa promovendo o candidato. Na frente iam o Jaime Ruivo e o Gilmar Balbino. Quando o morador atendia, Jaime entrava de sola:

- Senhor, esse é o meu tio Mario, candidato a prefeito. Ao cair à noite, já escuro no fim de uma das ruas, Gilmar apontou para um vulto no portão. Jaime Ruivo saiu na frente anunciando seu candidato. Saiu correndo e gritando, o "pseudo eleitor" era um pastor alemão que quase arrancou a mão do Jaime.

Em pé na maca

Na caixa de Previdência, em seu consultório, Dr. João Carlos Oliveira Cruz, após examinar um funcionário de prefeitura que estava sentado na maca, disse ao paciente:

- Pode ficar de pé...

Virou-se e, de costas para o doente, começou a prescrever a medicação em eu bloco de receitas. Procurando pelo funcionário, assustou-se ao vê-lo em cima da maca.

- Que é isso moço? O que o senhor tá fazendo aí?

- Cumprindo sua ordem. O doutor não disse "fique de pé"?

Desse dia em diante Dr. João relutava em examinar pacientes na maca.

Engenheiro ganha pouco

Acácio Domingos trabalhava no setor de obras da prefeitura e tinha como chefe o Engenheiro Salvador Gonçalves. Certo dia telefonou para o setor querendo falar com o Eng^o Salvador, o senhor Adelino Antunes de Farias, também conhecido pelo apelido de "Ganha Pouco". Acácio atendeu e gritou para o chefe que se encontrava a distancia.

-Doutor Salvador... ganha pouco...

Em virtude do barulho da rua, este não ouviu então o Acácio repetiu falando mais alto:

- Doutor Salvador... ganha pouco...

Desta vez o chefe ouviu, e furioso chamou a atenção do Acácio.

-Eu sei que estou ganhando pouco, porem não precisa todo mundo saber, esse é um problema lá do prefeito...

Era uma vez... um paletó

Biréu (Edístio Rebouças), tremendo gozador aprontava todas no escritório do D.E.R., e sempre acabava se saindo melhor. Porém, teve seu dia de caça.

Houve uma época em que o Biréu levava para o trabalho sua marmitta, prática muito comum de seus colegas de trabalho. Aconteceu que o Lucas Gouvêa, amigo e colega de trabalho, em certo dia, não estava com tempo de almoçar em casa e comeu “sem nenhum remorso” o conteúdo da marmitta do Rebouças.

Não contente só em se deliciar com o almoço, colocou dentro da marmitta um pedaço de osso que achou no pátio, já lambido e babado pelos cachorros freqüentadores do departamento, colocando novamente a marmitta no aparelho de “banho-maria” existente no escritório, do mesmo jeito que a encontrara.

Mais tarde, ao perceber que foi ludibriado, Biréu (malandro velho) não deu bandeira, porém tentou descobrir o autor da façanha, o que não foi difícil, pois Lucas, toda vez que olhava para o bom baiano, se desmanchava em gargalhadas. Estava descoberto o mistério, não seria outro o ladrão de seu almoço, senão o Gouvêa.

No encosto da cadeira do Lucas, ele avistou um paletó novinho em folha, e mais que depressa, antes da volta de seu colega, que havia saído, pegou uma tesoura e, cortou uma das mangas do paletó.

Com a volta do Lucas à sua mesa, Biréu ficou então indignado. Gouvêa ria cada vez mais, toda vez que encarava o bom baiano.

Em uma nova saída do Lucas, com a mesma tesoura e a mesma vontade de se vingar, Biréu cortou com mais raiva ainda a outra manga do paletó.

Ao perceber a nova investida, Lucas não ria mais: agora gargalhava, levanto todos da sala a fazerem o mesmo, deixando Biréu mais confuso ainda.

Dez minutos depois, adentrou a sala um engenheiro novo, recém-contratado pelo D.E.R., o Oscar Soares, que foi logo dizendo:

- Obrigado, senhor Lucas.. por tomar conta de meu paletó...

E, sem nada perceber, foi embora o jovem engenheiro, deixando todos rindo, e Biréu em uma situação constrangedora.

Espumou, mas não sarou...

Em um baile do E. C. Cubatão, Alexandre Quidicomu bebeu um pouco além da conta e estava se sentindo mal. Dr. Luiz, prefeito e médico, recomendou ao amigo:

- Compra um Sonrisal e toma...

Alexandre, meio “distraído”, tacou o Sonrisal na boca e bebeu em seguida um copo d’água.

- Melhorou? – perguntou o Dr. Luiz, momentos após.

- Melhorei nada, o Sonrisal não passou pela goela, e fiquei com a boca espumando por alguns minutos...

Esqueceram de mim

Foram a São Paulo fazer compras para a Liga de Futebol, o presidente Jaime, o secretário Carvilson, mais o diretor técnico Aquinoel Simões Duarte. Jaime achou melhor deixar seu carro estacionado na estação Jabaquara e seguiram de metrô até o centro. Na volta, en-

quanto Jaime se colocava ao volante, Carvilson colocava seu walkman no ouvido, Aquinoel estava colocando no porta-malas do carro as compras efetuadas.

Jaime, totalmente desligado, ao escutar a batida de fechar do portamalas, engatou a primeira e se mandou, deixando o Aquinoel no estacionamento, totalmente surpreso e bronqueado. Até a Imigrantes, Jaime falava sozinho pensando que o seu diretor estava no banco traseiro, uma vez que Carvilson só se preocupava com o som.

Quando o motorista não escutou resposta alguma, ao olhar para trás, é que notou a ausência do seu amigo, ficando assustado, pensando em seqüestro. Ligaram para o celular do Aquinoel e constataram que o mesmo já estava dentro do ônibus da Breda, com destino a Cubatão.

Totalmente consternado, Jaime sentiu-se na obrigação de indenizar seu colaborador. Quando Aquinoel chegou em casa, encontrou em cima da mesa o dinheiro correspondente ao preço da passagem, deixado pelo presidente...

Esquecimento

Diariamente, Paulinho do Restaurante Nacional, ia até o Super Mercado fazer compras para o almoço. Estacionava seu fusca no fundo do terreno em um lugar tradicional. Certo dia procurando vaga teve que estacionar em outro local diferente do tradicional. Quando voltou com as compras não viu seu fusca no lugar de sempre. Procurou a polícia e registrou o competente B.O. Três dias depois o gerente do Super Mercado ligou para o restaurante pedindo pelo amor de Deus para o Paulinho, tirar seu carro do local, pois já estava atrapalhado.

-Mano, que confusão foi essa disse sua irmã Gilda ?

- Tinha um carro na frente, me afobei, pensei que tinham roubado o veículo, dei queixa e acabei pagando um tremendo mico...

Estacionamento em local impróprio

José de Pinho (Juca Pinho) tinha um sítio na av. Bandeirantes, mais ou menos onde está instalada a antena da Rádio Universal, perto da Vila São José. A Avenida Bandeirantes, hoje Tancredo Neves, era uma pista só, muito estreita e espremida entre o cabo de aço da Estrada de Ferro e o mangue.

Seu Juca tinha um caminhão Ford 46, carroceria muito larga utilizado para transporte de sua produção de bananas. Diariamente esse caminhão era visto estacionado na pista e, por ser um caminhão muito grande, atrapalhava muito o trânsito da avenida.

Certo dia, José Pereira (Zé da Burra) parou seu carro atrás do caminhão e foi lá dentro, no sítio avisar o Seu Juca que, apesar de seu árduo trabalho, estacionar naquele lugar era perigoso. Não conseguiu falar com o homem, ele estava dormindo, puxando o maior ronco, o que fazia diariamente, não dando a mínima para o engarrafamento do trânsito que provocava.

Ex-pão duro

Vinha eu pela Rua Manoel Jorge quando, na altura da Pastelaria ao lado do Bradesco, fui chamado pelo Carlos Alberto Felix da Silva, o Bacalhau, me convidando para tomar um suco de abacaxi. Levei um susto, conheço o Bacalhau como um dos maiores "mão de vaca" da cidade.

Como estava ameaçando chuva, acreditei no convite, mesmo meio desconfiado. Era verdade e, tão logo o Baca pagou a conta, caiu o maior toró daquele verão, foi o maior índice de chuva do ano de 2006.

Expulsos à bem da disciplina

No Grêmio Recreativo Química, em um baile de carnaval, Orlando Padovani e Cida Guimarães tão “alegres” estavam que resolveram dançar em estilo de gafeira, um passo de dança perfeitamente normal, porém altamente despudorado para o fiscal de salão José Marcondes, que, sem apelação os expulsou do baile. Depois da despesa gasta com os ingressos, e ainda muito baile pela frente, humilhados pela expulsão, bateu no distinto casal um sentimento de revolta. Saíram de porta em porta “aliviando” todo o leite e pão encontravam nas portas das casas, ora bebendo e comendo, ora jogando no meio da rua. Acabaram pegos pela ronda policial, e tiveram que se justificar perante a autoridade de plantão.

Falso diploma

Nos Jogos Abertos de Franca, quando o time de futebol de Cubatão entrou em campo, apresentando suas credenciais, notaram a falta do nome do médico na relação. Mário Braga, chefe da delegação, olhando para os lados, só viu uma pessoa disponível, era o Ivo da Banca. Arrumaram um avental branco, um estetoscópio e lá foi o jornalista figurar como médico.

Na primeira contusão de um cubatense, quando o “Doutor Ivo” adentrou ao campo, ouviram da torcida:

- Barrrbaridade, sô, esse sujeito num tem cara de médico, não...

Para a equipe não ser eliminada, o “Doutor” ficou até o fim, porém não socorreu mais ninguém.

Falta de habilitação

Querendo passear pelo mundo da vida, João Farah comprou uma Moto Honda 125 - zero quilometro. Tinha habilitação para automóvel, porem não tinha ainda feito o exame para a carta de moto. No dia marcado para o seu exame, Farah, tremendo pão-duro, não querendo gastar dinheiro com Auto Escola e nem com capacete, se apresentou ao PM Salomé:

-Senhor, a que horas tá marcado o meu exame???

O PM não só reteve a moto, como multou o Farah por falta de capacete e a competente habilitação.

Falta de inspiração

Em sua juventude, Moacir José dos Santos, na sua terra natal, Propriá, Estado de Sergipe, tão empolgado estava para os lados da jovem Berenice que, após muito custo, conseguiu conquistá-la. O namoro já durava quase um mês quando Moacir resolveu escrever uma carta de amor, comprovando seus sentimentos. Comprou um livro de modelos de cartas, e com base no que estava escrito, mandou as mais lindas declarações.

Três dias depois, recebeu a resposta. Acontece que Berenice ficou chocada com a falta de inspiração de seu amado, copiando uma carta de um livro, e escreveu, bem resumida:

- A resposta tá na página 15.

Na página 15, o modelo de carta era acabando com o namoro. Bere também tinha comprado o mesmo livro.

Falta inexistente

No campo da Associação Esportiva e Recreativa Estireno, atrás da fábrica, jogavam o IBM Clube e o Ponte Preta F. C. do bairro Cafezal. O jogo estava moleza para o IBM e ao término do primeiro tempo o placar já era 9 x 0 . Ficou mais fácil no segundo tempo, o placar foi aumentado para 14 x 0 . O juiz escolhido para apitar o jogo pelo capitão Neco Campinas foi o Rosete seu grande amigo e vizinho que nas horas vagas assoprava o apito. Em uma jogada boba no meio do campo Rosete apitou uma falta do Neco e ainda por cima o chamou sua atenção. Necão, apesar do placar, deu um tremendo sôco na cara do juiz, que humilhado foi chorar fora do campo. Do outro lado arrependido, Campinas se agachou pensativo, tirou a camisa e largou o jogo. Ainda faltavam 15 minutos para o fim da partida, mais os outros jogadores, resolveram encerrar o jogo em solidariedade aos dois chorões.

Farofa açucarada

Em uma churrascada promovida pelo Albino da Panificadora Santa Catarina, escalaram o Fabrício, gerente de segurança da padaria, para o preparo da farofa.

Tonhão e o Luizão da prefeitura, por sacanagem, trocaram o pote de sal por um pote de açúcar. Fabrício não percebendo a troca, continuou o preparo e depois de tudo pronto colocou em uma travessa em cima da mesa.

Tonhão, ainda por cima, colocou sua dentadura misturada à farofa. Na terceira colherada, Fabrício tocou na dentadura misturada à farofa e, puto da vida, jogou os dentes do Tonhão pra bem longe, acabou acertando um bueiro. Tonhão, com ajuda do Luizão ficou mais de uma hora pescando sua dentadura.

Fascista cubatense

No seu primeiro mandato como vereador, Dojival Vieira dos Santos, todo empolgado, só reclamava do governo, pedindo sempre comissões de inquérito, investigações, cassações de mandatos etc...

Gino Trombino como presidente se esquentando com a bronca do seu colega procurou cortar sua ação desligando seu microfone e impedindo sua palavra. Não resistindo Dojival gritou:

- Vossa Excelência é um FASCISTA...

Gino, não entendendo o significado da palavra, chamou o Dr. Armando Terras, seu assessor e pediu um dicionário.

Mais tarde, cortando novamente a palavra do vereador Dojival, pediu um aparte:

- Excelência, fascista é a sua mãe...

Feijoada explosiva

Era famoso o salão de barbeiro do José Lourenço (Canivete). Primoroso em atendimento, seu jeito muito educado ao falar, apesar de um pouco gago e impecável em sua vestimenta. Como praxe, os barbeiros só usavam roupa branca, só que o jaleco do Canivete era mais branco, era branco total, sempre bem limpo, engomado até.

Em um dia de feijoada no bar do Dinho estavam reunidos o dono do





bar, Canivete, Taé e Zé da Burra. Após a refeição, antes mesmo do pagamento da conta, bateu no Zé Lourenço uma tremenda dor de barriga. Saiu correndo para o banheiro de seu salão, que ficava ao lado do bar e rapidamente tratou de se aliviar. Correndo atrás também saiu Dinho portando uma bomba junina daquela de CR\$ 2,00, das mais fortes. Por baixo da porta, Taé avisou ao Dinho que o barbeiro já estava sentado ao "trono". Dinho acendeu a bomba, jogou por debaixo da porta, dentro do banheiro. Com medo da explosão, evidentemente, Canivete, do jeito que estava saiu correndo fugindo mais rápido possível.

- Zé da Burra. - falou o barbeiro. - Me leva pra casa pra trocar de roupa. Estou todo cagado.

Foguetes na madrugada

Para comemorar seu aniversário, José Gonçalves, dono da Casa Mendes, levou na Kombi do Bruno Pierdomênico, seus amigos Sinvalzinho e Dario Figueiredo até a boate Dalmar, na Vila Mirim, na Praia Grande.

Na hora do "parabéns" Dario soltou dentro da boate um daqueles foguetes de estrondo considerável, criando a maior confusão. Lógico que foram expulsos da casa, retornando à Cubatão, ainda carregados de foguetes.

Dario esperou o Zé entrar em casa e começou o foguetório em direção ao sobrado do moço. Acordaram o Quincão, Dona Emília, Maneco da Cruz, Dona Antonieta e também de quebra a Judith Stock, que brava pegou o telefone e chamou a polícia. Como o carro onde estavam os fogos era a Kombi do Bruno, o italiano é que foi chamado à Delegacia para restar esclarecimentos.

Forró da Vaquejada

Dono da Design & Print, Dilson Silva Mato Grosso, comprava, imprimia e vendia camisetas para eventos em geral. Para o Forró da Vaquejada, o apresentador e responsável pela festa Tonico Barbosa, contratou o Dilson para imprimir 100 camisetas. A esperança de ganhar muito dinheiro era muito grande. Dilson pediu ajuda a amigos e até o Pastor Luis Cláudio foi colaborar para a impressão de tantas camisas. No dia do forró, lá foram Dilson e sua esposa Vera Lúcia com as camisetas para o grande negócio da noite. Decepção total, até meia noite só tinha vendido uma peça, e no final do evento as três da madrugada, depois de baixar o preço, após muita sorte vendeu mais uma. Voltou pra casa com as 98 camisetas e um prejuízo enorme. Nunca mais quis saber de forró...

Fumar é prejudicial a atores

Pela sua atuação no Grupo de Teatro Amador de Cubatão, Lucas Gouvêa dos Santos foi convidado para representar Jesus Cristo, na tradicional peça da Paixão e Morte de Cristo, na vizinha cidade de Santos.

Foi tão grande o sucesso da peça, que o povão não se cansava de aplaudir e pedir para reabrir a cortina e homenagear mais uma vez os atores, e mais precisamente o Luquinhas.

Acontece, porém, que por trás da cortina, Lucas, fumante inveterado, havia pedido aos seus amigos que colocassem um cigarro em sua boca, já que com as mãos e pés amarrados não tinha condição de fazê-lo.

Repentinamente, as cortinas se abrem e eis que os atores reaparecem com Jesus, representado pelo Lucas, se contorcendo, tentando cuspir o cigarro. E, quando consegue, grita de dor, com o cigarro lhe queimando seu peito cabeludo.

O povo, antes emocionado com a morte de Cristo, agora gargalhava com a cena...

Funcionário padrão

Foi admitido na prefeitura, até mais por compaixão do prefeito Armando Cunha, o folclórico Wilson Guimarães que tinha o apelido de Bicho. Não tendo outro serviço mais importante, o Bicho ficou encarregado de entregar os carnês de impostos em toda a cidade. Naquele ano a arrecadação de impostos havia sido muito pequena deixando o diretor de finanças Zezinho Lopes, muito apreensivo. A apreensão aumentou quando o extrator de areia do Rio Cubatão, Manuel Campinas apanhou em sua chata um pacote de carnês que deveriam ser entregues pelo Bicho. Só que ao devolver o Campinão devolveu no guichê exatamente para o Wilson que para não ser pego jogou tudo no lixo.

Gaguinho apaixonado

Trabalhava na padaria do Zé Joaquim, na Fabril, um português, recém-chegado da terrinha, quase sem nada, para tentar a sorte no Brasil. Sêrio, trabalhador, todo desengonçado, gago, acabou sendo motivo pra gozação de seus colegas. Comprava pão diariamente uma menina muito bonita, moradora da Light, e Gaguinho, todo solícito, fazia tudo para atendê-la. Ficou tão entusiasmado com a menina que fez com que Alfredo Portela, dono do açougue vizinho à padaria, percesse.

Alfredo, um tremendo gozador, escrevia cartas de amor como se fosse a menina, inventando um nome, fazendo os maiores elogios ao Gaguinho. Após mais de dez cartas, já quando o moço encontrava-se totalmente apaixonado pela menina, pensando serem dela aquelas cartas todas, Alfredo escreveu uma carta marcando encontro na missa de domingo, na igreja da Fabril.

Gaguinho, todo entusiasmado, conseguiu um terno emprestado, comprou com sacrifícios um par de sapatos novos, perfumou-se todo e foi para a igreja, esperar sua "amada". Lógico que ela não apareceu, deixando o portuguesinho todo desiludido.

No dia seguinte, dona Conceição, mulher do dono da padaria, com dó do moço, contou-lhe toda a verdade. Gaguinho, bravo, pegou uma faca da padaria, correu até o Alfredo e, não o encontrando, furou os quatro pneus do jipe de entrega de carne do açougue.

Gansos de estimação

No quintal do Mario Antiorio, perto da Ponte de Arco, Dona Ângela, sua esposa tinha a maior criação de gansos da cidade. Diariamente se avistava uma vez a Mirna, outra vez o Wagner alimentando com o

maior carinho a patota de gansos de estimação da dona Ângela. Taé seu genro, mais o Waldemar Bigode, certo dia roubaram oito gansos e levaram para o quintal do Hilário de Souza ali perto, para comerem todos, um por semana. Descobrimdo o autor da brincadeira, Dona Angela ficou brava, xingou, excomungou o marido de sua filha Ivone, e pediu ao seu marido que falasse com o Dr. Luiz, prefeito da cidade para intervir no caso e de provocar a devolução das aves roubadas. Depois de muito bafafá, a pedido do Doutor Luiz, Taé sentindo-se arrependido foi ele mesmo e sozinho devolver os gansos totalmente inteiros.

Garagem apertada

Zé Coelho construiu uma garagem junto à parede já existente de sua casa, sem se preocupar com as medidas do carro. Levantou as paredes e tacou o telhado. Terminada a obra, colocando o carro na garagem, verificou que não tinha como sair, porque as portas do carro não tinham espaço para abrir.

Com facilidade resolveu o problema: abriu uma porta direto para a cozinha, exatamente onde abria a porta dianteira do carro...

Gol no tranco

No jogo do E. C. Cubatão contra União Cubatense F.C., em partida pelo campeonato da Liga, em um domingo chuvoso, aconteceu "quase" tudo. O Cubatão, para prosseguir com chances no campeonato, necessitava da vitória. O União nada tinha a perder, era o lanterninha e somente foi a campo para cumprir tabela.

Por via das dúvidas e para se garantir, os diretores do E.C. Cubatão trataram logo de subornar o juiz. Ivon Farah, no gol do União, pegava tudo, fechou o gol, pegando até pensamento. Faltando três minutos para o final da partida, o escore estava 2x2, resultado que não servia ao Cubatão.

Em um forte chute de Gino Trombino, Ivon conseguiu pegar quase em cima da linha fatal e, no embalo em que vinha Gino mais Dudu, puxaram Ivon pelas pernas e o arrastaram até dentro do gol.

Tão logo a bola ultrapassou a linha demarcatória, o "senhor juiz" correu para o centro do campo, validando o gol, encerrando a partida logo em seguida, para desespero do Manga, diretor técnico do União...

Goleiro bom de frango



Em Peruíbe, João Brotinho, motorista do D.E.R., parou seu caminhão e foi correndo atrás de um frango que havia fugido dum galinheiro que ficava à beira da estrada. O coitado do frango deu uma volta e João pulou em cima do bicho, agarrando-o com toda segurança. Seria um tremendo almoço de domingo se, atrás do Brotinho, não estivesse o dono do sitio observando tudo.

- Tá roubando meu frango, moço???

- Tô não, tô treinando, é que eu sou goleiro da Associação Atlético Anchieta...

Grama especial

Na Light, quem consertava geladeiras e reformava também era o Pedro Hope. Capacitado, após sair de um dia de trabalho passava a defender alguns extras mexendo com geladeiras. Certo dia, para pintar uma geladeira, resolveu levá-la para o quintal e começar o serviço. Logo que secou, levou o aparelho para dentro da garagem, deixando o gramado do seu quintal todo pintado de vermelho.

Valentim passou por perto naquela hora e achou muito bonita a cor da grama.

- Que grama é essa, Pedro?

- É especial, é de Campinas, traz um carrinho de mão que te vendo um pouco...

Em casa é que o Valentim foi alertado para a gozação do Pedro Hope, a grama vermelha era tinta mesmo.

Greve furada

Na época do governo militar, o sindicato dos petroleiros, tinha a maior força. Faziam greve de dois em dois meses, reivindicando sempre as mesmas coisas. As vezes a greve era mais para prova de autoridade. Era membro ativo do sindicato, Paulo Santos Silva, mais conhecido como Paulo Barbudo. Em um dessas greves resolveram invadir a refinaria expulsando as autoridades do pedaço. Imaginaram eles que a greve seria rápida, acabando como as outras dentro de uma semana. Acontece que já estava durando muito, e Paulo o sindicalista durão com saudades da família, começou a planejar uma saída honrosa, sem provocar a revolta de seus colegas de sindicato. Perguntado por Chico Torres como conseguiu fugir sem magoar seus colegas, respondeu com a maior cara de pau:

- Saí pela porta lateral, junto com as funcionárias da Limpadora Califórnia, vestido de mulher!!!

Histórias de um caçador...

Quem não se lembra de Guilherme Trohembrock, morador da Light, excelente amigo, ótimo funcionário, pai e marido exemplar, caçador e pescador de primeira? Porém, como caçador, tinha suas histórias:

1) Ao atirar em uma caça, percebeu que a bala não saíra, isto é, a arma "negou fogo". Virando a espingarda para verificar o acontecido, olhando pelo buraco do cano, observou...

- Lá vem ela!!!

Virou rapidamente em direção à caça e ainda conseguiu matá-la!!!

2) Em um dia de caça, sentiu uma tremenda dor de barriga, em função de uma feijoada que havia comido no dia anterior. No meio do mato, não tinha que pensar duas vezes, era baixar a calça e aliviar-se ali mesmo. Ao abaixar-se, percebeu que seu relógio de bolso, "Omega Ferradura", caíra. Naquela situação, o máximo que pôde fazer foi pendurá-lo em um arbusto que ficava à sua altura. Ao findar sua "empreitada", continuou na caçada, esquecendo no galho do pequeno arbusto seu valioso relógio.

Três anos depois, em outro dia de caça, no silêncio da mata, escutou:

- Tic-tac, Tic-tac, Tic-tac...



Olhou para cima e viu lá no alto de uma árvore, que outrora fora o pequeno arbusto, o seu relógio, ainda marcando a hora certa.

Perguntaram:

- Mas, Guilherme, quem deu corda no relógio para que ele funcionasse todo esse tempo?

- Foi o vento, que, quando soprava, fazia um galho roçar no cabeçote do relógio, dando-lhe corda...

3) Todo "lighteano" conheceu Tim, cachorro de raça, muito ensinado, que pertenceu ao Guilherme. Cachorro bravo, latia para todo mundo que batia em seu portão, menos para o Marinho, noivo de sua filha, que entrava tranqüilo, bastando só mostrar a aliança de noivado pelo buraco do portão..

4) Guilherme colocava na boca de Tim uma nota de um cruzeiro e mandava-o comprar cigarros na pensão do Jaime, que ficava além do rio, aproximadamente um quilômetro de sua casa. Jaime, dono da pensão, já acostumado com o cão, tirava o dinheiro da boca da fera e colocava entre seus afiados caninos o maço de cigarros, e lá ia Tim, rapidamente de volta, entregar ao seu dono o produto de seu único vício, além da caça. Certo dia, nosso caçador não tinha dinheiro trocado, e não teve alternativa senão mandar uma nota de cinco cruzeiros presa à boca do cachorro. Passado algum tempo, notando que o Tim não voltava com os cigarros, Guilherme, preocupado, foi à pensão ver o que tinha acontecido.

- Jaime, cadê o cachorro com o meu cigarro?

- Caramba, olhe ele ali debaixo da mesa de sinuca, é que eu esqueci de dar o troco!!!

5) Guilherme perdeu o trolinho do inclinado, em um final de jornada de trabalho. Quando seus colegas, quinze minutos após, cá embaixo, se dirigiam à fila do cartão de ponto, repararam que Guilherme era o primeiro da fila. Indagado sobre como chegou tão rápido, respondeu:

- Muito fácil, sentei em uma pá, no trilho da outra linha, e descí me equilibrando!!!

6) Guilherme tinha como companheiro de caçadas seu amigo Cosme. Certo dia, saíram juntos e no meio do mato se desconstruíram. Guilherme continuou caçando, sem se preocupar com seu amigo, sabedor da capacidade de Cosmo em sair-se bem dos perigos.

Chegando em casa, encontrou sua esposa, Sílvia, preocupada com sua amiga dona Nair, esposa de Cosme.

É que dona Nair estava cozinhando uma ave, pensando ser um macuco, porém dona Sílvia, com a prática que tinha sobre caça, logo reconheceu: Cosme havia matado um urubu!

Holerite com defeito

José Roberto da Silva Fernandes, em dia de holerite, passa o expediente inteiro conferindo, somando, diminuindo, dividindo, para ver se não fora lesado pela Prefeitura. Fernando César e Luís Carlos, do CPD/CRH, costumam dizer que, não havendo reclamação do Zé Roberto, é

sinal que a folha de pagamento está correta.

Certo dia, sabendo do cacoete do colega, Avellino Jr. e Adalberto desmontaram a calculadora do José, invertendo peças, trocando a haste do 2 pela do 4, trocando o 9 pelo 5 e outras peças. Evidente que os dados matemáticos não poderiam bater, levando o arquiteto a arrancar fios de seus cabelos, dar murros na mesa e finalmente telefonar para o CRH reclamando. Depois de muito tempo, vendo a gozação de seus colegas é que o moço “se mancou”.

I.B.M. em Alfenas

Na década de 60, quinze ex-atletas de clubes cubatenses, Light, Águia, União Cubatense e E.C. Cubatão (onde encerrei minha carreira), fundaram um clube para, através do futebol, praticarem esporte, no intuito de perder barriga ou, na pior das hipóteses, não ganhar barriga. Por sugestão do Boquinha (João das Neves Jr.), o clube recebeu o nome de I.B.M. Clube, que queria dizer “Indivíduos Bola Murcha”.

Apesar do nome esquisito, era um clube vencedor, ganhando troféus, medalhas, torneios até. O adversário mais freqüente era o time do Cinema (Cine Santa Rosa), em um sábado era I.B.M. x Cinema e no outro sábado Cinema x I.B.M.

Quando jogamos com o E.C. Bandeirantes tomamos uma lavada de 14x0, e resolvemos voltar ao time mais fácil que era o time do Cinema. Os jogos eram sempre aos sábados, noventa minutos de correria, perdíamos 1 kg de peso, e depois, com vitória, empate ou derrota, iam para o Bar Brasil, da família Farah, e com quibes, esfihas e cerveja, recuperávamos o quilo perdido e ainda por cima aumentávamos mais um, pra variar.

Era um clube só de 15 atletas, e com a saída do Arnaldo foi admitido o Vilmo Reis Rocha (Toquinho), sobrinho do Milton Santana, chefe de gabinete do prefeito Luiz de Camargo. Em função de suas viagens constantes a Campo do Meio, em Minas Gerais – sua terra natal -, foi solicitado ao Vilmo o acerto de um amistoso lá na terra dele, já que o I.B.M. costumava excursionar, sempre que possível.

O jogo foi acertado contra o Alfenense da cidade de Alfenas, hoje time da primeira divisão do futebol mineiro. Conseguimos, através do Agenor Macedo e do Juracy Amaro do Nascimento, um ônibus da Refinaria para a viagem. Só que o ônibus não era apropriado para uma viagem longa, era um ônibus usado somente dentro da Refinaria, não tinha bancos apropriados, nem conforto para esse passeio tão longo.

Além do ônibus, cederam também o motorista, Paschoal, mais conhecido como “Peixe-Galo”. Saímos de Cubatão, sexta-feira à meia noite, chegamos a Alfenas por volta de 12 horas do sábado. Fomos direto para o Hotel Estrela, já previamente reservado. A maioria



foi direto pra cama, em virtude do cansaço da viagem. Quando mais tarde fomos passear pela cidade, aliás muito bonita, verificamos cartazes colados nas paredes anunciando o jogo I.B.M. Clube de Cubatão x E.C. Alfenense, com a cobrança de ingresso no valor de Cr\$ 7,00 (sete cruzeiros).

Para um time de bola e saco como o nosso, cobrar ingresso era no mínimo muito estranho. À noite, metade do grupo foi para a boate Meninão, no centro da cidade, e a outra metade se mandou para a "macaca", apelido dado para o puteiro da cidade.

A moda de dançar solto ainda era novidade para aqueles lados, e com a ginga do Adilson (Naninha), moradores do local chamaram o moço de garçom, apelido que não lhe ofendeu, em nada, em função da nobreza da profissão. Acontece que o garçom, citado antes, desmunhecava, e quando o Naninha descobriu o verdadeiro significado do apelido, se revoltou:

- Paulão... me chamaram de viado, o que faço com eles???

- ZZZZZZ.... Vai lá e bate neles.... respondeu Paulão, gaguejando...

Eu estava sentado a uma mesa, junto com o Vilmo, mais um diretor do Alfenense, quando apareceu o Neco Campinas, dizendo:

- Arlindo, tá com cara de briga, e eu vou soltar meu caratê!!!

Em seguida, mandou uma demonstração de seu "caratê", dando uma porrada na mesa. Escutei o estalar dos ossos da mão do Neco, que, disfarçando, meteu a mão no bolso e, envergonhado, se mandou. O diretor, sentado ao meu lado, comentou:

- Como vocês vão jogar amanhã, sem descansar? Nosso time tá concentrado, vocês todos na farra!!!

Foi aí que me alertei para o nosso adversário. Indagando ao mesmo diretor sobre a condição atlética do time, ouvi o seguinte:

- Nosso time é bão, empatou domingo passado lá no Mineirão com o Cruzeiro...

O Cruzeiro, ao qual ele se referia, era o campeão do mundo daquele ano, que atuava nada mais, nada menos, com Raul, Tostão, Dirceu Lopes, Piazza, Natal e outros.

O I.B.M., time de bola e saco de Cubatão, ia enfrentar o Alfenense, que tinha empatado com o Cruzeiro. Quando alertei o Toquinho sobre o risco que íamos correr, ele calmamente respondia:

- Calma, Arlindo, dá pra encarar...

Fomos dormir às 2 horas da madrugada, a turma da "macaca" chegou às 4 horas, e o Naninha contratou um táxi sozinho, foi pra "macaca", retornando somente depois das 6 horas. Acordamos às 11 horas da manhã, nem café tomamos, fomos direto para o almoço.

Tereza, dona do hotel, recomendou que o almoço deveria ser salada, uma comida bem leve, já que 4 horas depois íamos jogar bola. Paulão interveio com a ajuda do Neco Campinas:

- Que salada, que nada... Hoje é domingo, nós queremos macarrão!!!

Enchemos o bandulho de macarrão, fomos para os quartos descansar. Uma hora antes da hora do jogo, acordamos, e no próprio hotel trocamos de roupa, preparando-nos para a partida de futebol. Eu não parava de reclamar para o Toquinho sobre a condição do adversário, quando, após sua frase "Calma, Arlindo, dá pra encarar", veio com uma idéia genial, sugerindo:

- E se nós jogarmos dopados???

- Hoje é domingo, onde vamos comprar remédio pra jogar dopado?...

Dez minutos depois, Vilmo apareceu com um vidro cheio de bolinhas

brancas, "receitando" uma pra cada atleta. Teve gente que tomou duas achando que o efeito seria melhor. Como o nosso ônibus estava estacionado afastado do hotel, saímos pelas ruas "fantasiados" de jogadores de futebol, quando escutamos as primeiras vaias.

- Esse time só tem barrigudo, não vai dar nem pra saída... – observou um funcionário do hotel.

No caminho, escutamos um carro de som, no volume máximo, anunciando:

- Não percam, 16 horas, IBM Clube de Cubatão, contra o Alfenense, com a presença de Coutinho... amigo do Pelé.

É que o Juracy da Refinaria, que não entendia nada de bola, era parecido com o Coutinho, e no intuito de aumentar a renda, inventaram essa, da presença de Coutinho, atleta do Santos F.C. já famoso pelas tabelas que fazia com o rei Pelé.

Na hora do jogo, imitando o adversário, entramos em campo correndo; quando chegamos ao centro do gramado, metade do time já estava cansado.

Levamos a maior vaia, o Boquinha era tão barrigudo que a banha da barriga caía por cima do calção... e tome vaia. Em seguida, eles notaram a ausência do "Coutinho", que estava na reserva... mais uma série de vaias...

O IBM jogou com Neco Labamba, Aduar Farah, Armando Campinas, Arlindo e Neco Campinas; Paulão e Boca; Djalma, Zeca Paschoa, Toninho Cunha e Naninha. Na reserva ficaram Mário Rosa, Novo, Vilmo e Juracy, o atleta que eles confundiram com o Coutinho. O técnico deles resmungava:

- Deve ser estratégia deles, o Coutinho vai entrar no segundo tempo e arrasar!!!

Tivemos o azar de na hora do sorteio do campo ganhar no par ou ímpar, ficamos com o campo e eles com a bola.

O juiz deu o apito inicial da partida, os homens trocaram passes rápidos e, em menos de 1 minuto, fizeram o primeiro gol, sem que o nosso goleiro tocasse na bola. Demos a saída, eles tomaram a bola da gente, e repete-se a cena anterior, passes rápidos, de pé em pé, mais 1 gol para o Alfenense.

Eu, Armando Campinas, Paulão, Neco, Aduar e Boca, jogando na defesa, não tínhamos chutado uma bola sequer e o resultado já era 2x0 para eles.

Terminou o primeiro tempo com o marcador acusando 5 a 0 pros homens.

Quando o Aduar Farah pegava na bola, eles gritavam:

- Sai fora, Zé Bonitinho, tu não joga nada!!!

Paulão chutava a bola, eles gritavam:

- Esse aí, parece o elefantinho da SHERR...

A cada chute do Armando Campinas, vinha a gritaria:

- Sai fora... Casa da Banha!!! E tome vaia...

Quando o marcador estava 8 a 0 para o Alfenense, seus atletas começaram a relaxar, os zagueiros jogavam adiantados, incluindo o goleiro. Foi quando, em uma jogada infeliz, chutamos uma bola pra frente, que caiu no pé do Toninho, este totalmente cansado deu um toque na bola, caiu estatelado no chão, perdendo a bola para o goleiro.

O jogo estava 8 a 0 para eles, pra nós só vaias... e como vaiavam. Quando o Juracy, o sócia do Coutinho, entrou em campo, na sua primeira jogada foi que a torcida viu que havia sido enganada; aí gritavam:

- Quero meu dinheiro de volta... esse cara não é o Coutinho coisa nenhuma!!!

O jogo terminou 8 a 0 fora o baile, não fizeram mais porque não quiseram. À noite, depois do jogo, em um bar na praça principal, toda a delegação enchendo a cara de cerveja, passou um garoto gritando:

- Tomaram de oito e ainda tão comemorando!!!

Marcamos a saída para 22h. Por brincadeira no momento da partida alguém dentro do ônibus cantou:

- Oh! Minas Gerais... Quem te conhece não volta jamais...

Peixe-Galo ao volante, teve que acelerar, pois choveu pedra pro nosso lado. Atingimos a Fernão Dias, por volta de meia noite, dentro do ônibus todo mundo aceso, todo mundo ligado: era o efeito da bolinha que tomamos antes do jogo, funcionando naquela hora.

Chegamos a Cubatão às 8h de segunda-feira, todo mundo acordado, todo mundo contente e feliz, foi a melhor e a mais divertida excursão do I.B.M. Clube.

Incentivo ingrato



Por ocasião de uma prova de pedestriamento nas praias de Santos, reunindo todos os Camps (Círculos de Amigos dos Menores Patrulheiros) da Baixada, Mário dos Santos, presidente do Camp cubatense, escolheu o patrulheiro Moacir, seu melhor atleta.

Ao disparo para início da prova, o nosso patrulheiro se mandou a toda a velocidade na frente, pretendendo assim permanecer ao fim das dez voltas programadas. Na volta seguinte, ainda era o primeiro. Com o cansaço, na terceira volta já caindo era o quinto colocado.

No propósito de incentivar o atleta, o Mário gritava:

- Força, Moacir, Força...

Nas voltas seguintes, apesar de todo o incentivo, Moacir já era o oitavo colocado. Cansado, despreparado, o nosso atleta não resistiu e caiu dismantelado aos pés do presidente e sua diretoria. Bravo, reclamou:

- Pô, seu Mário, o senhor me atrapalhou!!!

Infeliz passeio do galo

Toneca montou no quintal de sua casa, ao lado da Fabrica Costa Muniz no Curtume, um criadouro de galinhas e frangos. Tinha muitas galinhas, mas faltava um galo daqueles de raça para que os ovos tivessem condições de boa criação. Conseguiu com seu amigo Zé Vida, um galo vistoso, bonito, de raça adequada às necessidades das habitantes de seu galinheiro. Diariamente por tradição, Toneca freqüentava o Bar do Susuki na av. Pedro Cardoso, para junto com o dono do bar, seu genro e outros amigos disputarem partidas de sueca, acompanhadas

por cervejas, aliás, muitas cervejas. Certo dia no meio da jogatina apareceu o Zé Vida com o galo de raça, garantindo que ele seria o rei do galinheiro. Só que impôs uma condição, era por empréstimo, porque o galo era de raça realmente muito valiosa.

- Obrigado Zé, respondeu o Toneca, por favor, amarra o bicho no pára-choque do meu carro, que quando acabar o jogo eu o acomodo melhor, e dentro de um mês te devolvo esse galo mais bonito ainda.

Depois de tantas partidas de suecas e outras tantas cervejas, Toneca decidiu ir embora pra casa. Só que, por sugestão do Daniel foram para a saideira em um bar no Largo do Sapo. Evidente que a pressa para a saideira era maior que a preocupação em acomodar o galo, que para seu azar, continuava amarradinho no pára-choque traseiro. Depois do Largo do Sapo, partiram para o Bar do Luizinho perto da casa do Daniel. Já cansados e devidamente travados, despediram-se e decididamente Toneca foi pra casa. Após um banho para aliviar a ressaca, e a ultima pitada preparando-se para dormir é que Toneca lembrou-se do galo. Correu para seu carro para socorrer o infeliz, mas que decepção. Encontrou uma cordinha amarrada ao pára-choque, um pé do galo amarrado à corda, todo chamuscado pelo escapamento.

Irene I e Irene II

Por ocasião da solenidade do Dia da Comunidade portuguesa, na Praça Portugal, seriam homenageados Avelino Ruivo e Irene da Conceição Felix da Silva. Após os procedimentos iniciais de hasteamento das bandeiras e execução dos hinos, Renato Costa convidou algumas pessoas para os tradicionais discursos.

Ana Luiza presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Cubatão, me pediu para apresentar a dona Irene, tão logo ela chegasse. Com a chegada da Irene Terras, chamei a Monal e apresentei:

- Esta é a dona Irene Therezinha de Jesus Terras Saragoça.

Monal correu para o Henrique Marcelo e comunicou a chegada da dona Irene. Só que a dona Irene esperada era outra, que até aquele momento não havia chegado. O prefeito Clermont convidou o Avelino para receber seu troféu e, em seguida, com base no chefe do cerimonial, convidou a Dona Irene.

- Não veio... avisaram os presentes.

Meio sem jeito, o prefeito guardou o troféu e, em seguida, chamou à atenção sua equipe de cerimônias. Sobrou para a Monal, que mais tarde veio reclamar para mim, o mal-entendido.

Joga a toalha

Fazendo parte da equipe de boxe da cidade de Cubatão, Carlão D2 ouviu seu treinador, o Maguila:

- Vai, Carlão, essa luta é fácil...

Só que não era fácil coisa nenhuma, Carlão levou uma porrada de socos de todos os tipos e tamanhos. Querendo se livrar da surra, Carlão gritou:

- Maguila, joga a toalha... tô apanhando "pacaramba"...

O técnico, tentando incentivar seu pupilo, fingia não ouvir o lutador, achando que este só ia apanhar no início da luta. Ao fim do terceiro round, Carlão, já com os dois olhos roxos, cara toda inchada, gritou desesperadamente:

- Pelo amor de Deus... joga logo essa toalha, não agüento mais!!!

Judas, o Carioca

Em uma discussão sobre religião no Ambulatório Médico do D.E.R., Lindolpho (católico) e Manoel (evangélico) quase se pegaram, falando sobre Judas Iscariotes, o apóstolo que traiu Cristo.

Iscariotes pra cá... Iscariotes pra lá... e a discussão estava pegando fogo. Durvalino, sentado à mesa, cochilando, ainda sonolento, acordou com o barulho e disse:

- É por isso que eu não gosto dessa raça...
- Que raça, Durvalino? – perguntou Lindolpho.
- Os cariocas!!!



Juiz comprado e recomprado



Na década de 50, nos jogos do campeonato cubatense, por falta de árbitros da nossa Liga, os apitadores vinham da Liga de Santos. Em um jogo entre E.C. Cubatão e Comercial, o árbitro escalado veio de ônibus, desceu no ponto da Avenida Nove de Abril, esquina com Miguel Couto, bem onde ficava o Bar do Dinho.

Lindoro Couto, presidente do Cubatão, já estava esperando sua chegada, e logo o "senhor juiz" foi convidado a tomar um café. Entre um gole e outro, recebeu do Dinho a importância de Cr\$ 100,00 para apitar em favor do E. C. Cubatão, que

precisava demais daquela vitória.

Na hora da partida, Dinho estranhou que o "apito amigo" vinha favorecendo o Comercial e não o seu time. Apertando o juiz no fim do jogo, do porquê da inversão de favorecimento, escutou:

- É que o Zé Teixeira, do Comercial, me ofereceu Cr\$ 150,00, a duzentos metros do teu bar...

Em seguida, deu uma prova de "honestidade": devolveu os Cr\$ 100,00 para o Dinho.

Leitão em domicílio próprio

Moisés Cruz morava na Cota 95, à beira da Via Anchieta. Além de ser alto funcionário do D.E.R., criava, nas horas vagas, porcos, galinhas e patos, já que em sua casa havia espaço, seu terreno era muito grande.

Certo dia, Armandinho, Pereirinha, o cunhado do Moisés, Zeca Figueira, roubaram de madrugada, de seu quintal, um leitão já na idade de se tornar um bom prato. Por ser parente, Figueira resolveu homenagear seu Moisés, preparando o leitão na casa do próprio "doador", em função deste ter um imenso fogão caipira, um amplo salão com mesa grande, além do barril de vinho legítimo português que com certeza seria servido.

Na hora marcada para a festança, Armandinho ampliou o convite

para a esposa e os nove filhos de Moisés. Em função de sua família, o dono da casa (relativamente pão-duro) mandou buscar na Fabril uma caixa de refrigerantes, não poupando aos seus amigos vinho à vontade, o que não fazia com facilidade.

Como o leitão era graúdo, sobrou muita comida, então Moisés levou o que sobrou para o chiqueiro, para alimentar seus porcos. Foi aí que o bicho pegou... Conferindo seus leitões, deu por falta do mais gordinho, percebendo na hora que havia sido enganado por seus amigos, que por sinal a esta altura riam à toda força, confirmando então sua suspeita.

Quieto, disfarçando seu rancor, foi ao seu quarto, catou sua espingarda de chumbo e saiu atirando nos três "gatunos", que partiram em disparada, sem sequer olhar para trás...



Leitão enfeitado

No Posto Mathias, esquina da Rua Manuel Jorge com a Miguel Couto, toda sexta-feira tinha algo roubado para comer. Um dia era frango do vizinho do lado, outro dia era pato do quintal do padre Primo, vizinho do posto; outra vez era leitão de um vizinho mais distante, o Armando Cunha, quando não do Galdino Vicente. Cezar Mathias, Zezinho Mathias e Tônico Ribeiro preparavam tudo, e algumas vezes convidavam o próprio dono para comer também.

Certo dia, Tônico esteve ocupado o dia todo e não pôde colaborar no "preparo" do jantar. Quando chegou, o leitão já estava em cima da mesa, junto com as bebidas, só faltava a chegada do parceiro para o início da festa.

Após se deliciarem com o infeliz leitão, Tônico percebeu que era o animal de estimação de sua própria mãe.

- Como você sabe que era da sua mãe?

- Aquele laço pendurado no pescoço, fui eu que amarrei, a pedido dela...

Leitão roubado... porém... bento

Organizaram no Bar do Dinho um jantar com um leitão aliviado do quintal do Juca Torres. Na hora dos comes e bebes, Taé, Waldemar Bigode, Bocão, Maneco da Cruz, mais o anfitrião Dinho, viram passar pela rua o Padre Carlos Piassentin, pároco da época, que adorava esse tipo de brincadeira.

Convidaram o padre e foram comer. Antes da primeira facada, alertaram o padre que o leitão era roubado, portanto todos estavam cometendo pecado. Padre Carlos não se abalou, levantou a mão direita e fez o gesto de bênção.

- Agora vamos comer... o leitão já está bento...



Leite inseticida

No pedágio, perto do trevo principal, estava guardado um litro de líquido branco, sem rótulo, bem escondido para que ninguém visse. Jota Pereira, bancando o esperto, achou e tratou de beber logo em seguida, para o dono não perceber.

Pereirinha foi parar no pronto-socorro... Era inseticida...

Lindolpho na TV Pólo

Fazendo compras no Supermercado Compre Bem, fui abordado pelo Cido Gordo:

- Arlindo. Parabéns. Bonito programa que você fez com o Rodolfo.
- Não é Rodolfo, é Lindolpho, que por sinal coitado, já faleceu.
- Puxa vida, que pena, mas ele morreu antes ou depois de gravar o programa?

Macarrão na hora errada

Em um baile de gala na sede do E. C. Cubatão, Valdir do Nascimento, Vice-Prefeito na época, vestia um terno branco linho 120, branco total e engomado ainda por cima. Estava batendo um papo com Renato Alves Neves e o Augusto Silveira, quando adentrou o salão, o Alfredo Pereira, o Bube, totalmente cambaleante. Bube estava tão alto que pra não cair, escorou-se no Valdir. Tentando contar uma piada, se empolgou e vomitou quase um quilo de macarrão com molho e tudo dentro do bolso do paletó branco impecável do Vice-Prefeito. Para não perder o baile, Valdir foi até sua casa providenciar outro terno.

Macumbeiro amigo

Salvador Evangelista foi nomeado, na Fabril, inspetor de quarteirão, uma espécie de subdelegado de Polícia. Certo dia, recebeu reclamação de uma moradora do acampamento do D.E.R., hoje o bairro Pinhal do Miranda, sobre o incômodo que um certo "centro de macumba" provocava nas imediações de sua casa. Era muita gritaria, muita fumaça, um barulhão danado, um tal de bate-bumbo até a madrugada, não deixando os vizinhos dormirem.

Sexta-feira, dia marcado para os "despachos", Salvador requisitou da Delegacia de Polícia dois soldados para, de surpresa, dar a batida no tal centro. Policiais a postos na porta da casa, o nosso subdelegado adentrou e foi logo ordenando:

- Todo mundo quieto... o senhor que é o macumbeiro vai ser preso!!!

Qual não foi sua surpresa ao aproximar-se do chefe do centro, era um grande amigo seu, colega de trabalho na Santista de Papel. Com seu jeito educado de ser, convenceu-o a encerrar as atividades "macumbais", porém não prendeu ninguém.

Madeiras

Carlinhos era chefe do almoxarifado da Prefeitura, e não conseguia pronunciar Tábua, que seria a palavra certa. Entregando uma requisição de madeiras na Conservação, para confecção de um palanque na Avenida Nove de Abril, foi recebido pelo Vianinha, que após conferência, reclamou:

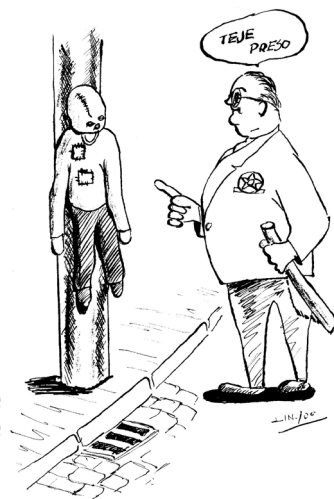
- Carlinho, tá faltando uma “Taba”...
- Não é “Taba”, seu burro... é “Táuba”...

Malhação do Judas...

1) Seu Rodolpho, do D.E.R., também metido a delegado, com seu óculos fundo de garrafa, enxergando pouco, gritou no pé de um poste:

- Desça daí, seu moleque, senão te prendo...
- Seu Rodolpho, é um Judas – alertou alguém que viu a cena.
- Tá bom, então!!!

Em seguida, saiu, disfarçando.



2) Adelino Pedras morava na Fabril, onde tinha também uma sapataria. Seu banheiro era uma construção do lado de fora da casa. Em função disso, o W.C. era usado pelo público, e em especial pelos motoristas da Linha Azul de Passageiros, que tinha o ponto final bem em frente à sua casa.

No sábado de Aleluia, colocaram um Judas comodamente sentado no vaso sanitário. Na época, as portas de banheiros eram feitas com vãos de 20 cm, tanto na parte de cima como na de baixo.

Seu Adelino, necessitando “urgentemente” de ir ao mictório, não o fazia, porque pelo buraco da porta via os sapatos do Judas, que pensava ser um dos motoristas. Após algum tempo com o “aperto” de sua necessidade, arrombou a porta e já foi logo gritando:

- Tais aí há mais de uma hora, seu laparoto...

Foi aí que um outro apertado, também esperando sua vez, alertou que se tratava de um Judas, aliás muito caprichado, somente da cintura pra baixo!!!

3) Todo ano, dona Rosinha, esposa do Seu Zacarias, operário da Santista de Papel na Fabril, se assustava com um Judas colocado à sua porta. Certa vez, o susto foi maior e em conseqüência ela deu um tremendo grito, alertando seus vizinhos. Juracy Soares, que morava perto, foi de imediato socorrê-la.

- Que foi, dona Rosinha?

Sua resposta era totalmente incompreensível, porque como o susto foi muito grande, deixou cair suas duas dentaduras e, ao colocá-las, inverteu as posições das mesmas, colocou a de cima embaixo e vice-versa. Depois de ter acertado suas dentaduras, humildemente reclamou:

- Não sei o que esses moleques têm contra mim!!!

Juracy quase chorou, com pena da dona Rosinha.

Máquinas modernas

Conferindo provas do concurso do Enem em São Paulo, o professor cubatense Fábio Gonçalves Ferreira, já cansado após 30 dias de conferência e mais um dia cansativo, na rodoviária do Jabaquara, esperando o ônibus, decidiu tomar um café pra espantar o sono. Foi até a máquina, colocou a moeda competente, apertou o botão e... cochilou. Atrás, na fila, Luciana, sua colega gritou:

- Acorda, Fabio, o seu copo tá vazio na sua mão e o café tá caindo todo pelo ralo.

Mata o rato

Trabalhava na garagem da Prefeitura o Paulo, que apesar de esconder de todo mundo, sabia-se que apanhava da mulher. Certo dia, passando pela rua onde morava o infeliz marido, Serafim na picape do setor, confirmou o que todo o mundo já sabia. A mulher estava tacando a vassoura no lombo do marido.

Quando viu seus amigos passando na rua, e sabendo que eles estavam testemunhando os fatos, o cara disfarçou:

- Mata o rato, mulher... mata o rato!!!

Matinho pouco milagroso

Após concluir o curso de juiz de futebol, Antonio Rodrigues, o Nico, passou a ser escalado para apitar jogos da Liga de Futebol Amador de Cubatão. Em um jogo no Curume entre o Águia e o União Cubatense, o atleta Vanderlei Bastos do Águia não conseguia andar em campo em função da famosa dor do baço. Nico além de juiz foi um excelente atleta, e dentro de sua experiência ensinou colocar no calção um matinho verde qualquer, dizendo ser simpatia e que a dor logo passaria. Colocando o tal matinho verde, parece que funcionou, a dor passou e aumentou a vitalidade. Logo em seguida em uma entrada mais violenta do Vande, o juiz não duvidou, expulsou-o, mandando-o pro chuveiro com matinho e tudo.

Mestre de Cerimônia atrapalhado

No dia 28 de Outubro de 2001, Dia Nacional do Livro, foi organizado no Bloco Cultural, um evento para premiar pelo Clube da Boa Leitura, brilhantemente presidido por Orlando Barbosa, funcionário público municipal, poeta, escritor, porem como mestre de cerimônia se enrolava todo. No ano anterior, fui convidado para receber um diploma e não recebi diploma nenhum..Nesse ano, novamente convidado para receber uma homenagem, coloquei minhas barbas de molho esperando a falha anterior, porem me enganei, acabei sendo a segunda pessoa chamada.. Estava sentado ao meu lado na primeira fileira, fazendo a maior algazarra, a três metros do apresentador o Ivo da Banca, porque também seria homenageado. Orlando continuou a cerimônia, olhando sempre na nossa direção, o que nos deixou tranquilos. Às 23:45, Ivo levantou-se e foi embora já que estava sem carro e seu ônibus passava meia-noite. Fiquei até o fim da festa e nada do Ivo ser chamado. No dia seguinte encontrei o apresentador e contei sobre a frustração provocada.

- Arlindo, mas eu não vi o Ivo!!!

Meu pé de cachimbinho (brincando de faroeste)

No verão, na Fabril, a molecada toda se mandava para nadar no rio, perto da caldeira da Santista. Junto, também ia o Vanderlei Barreto, o Corruíra, bem menor que os demais, mas já aventureiro.

Certo dia, Amauri, Niniu, Manau, Flávio Teixeira e Pedro Ilhosa resolveram aprontar com o Corruíra. Pegaram um resto de corda que segurava um barco no porto de areia, levaram o moleque para junto de um pé de cachimbinho, e o amarraram à árvore, com força até exagerada. Com o pôr-do-sol, se mandaram pra casa.

A noite, Chica, a tia do Vanderlei, procurando pelo sobrinho, pergun-

tou para o Manau:

- Cadê o Vanderlei?

Foi aí que lembraram que tinham deixado o menino amarrado na beira do rio. Encontraram o Vanderlei bravo, chorando e todo picado por mosquitos.

Minto.. mas tenho testemunha

Metido a valente, o Aníbal Porto Sobrinho, do D. E.R, carteava nas rodinhas de papo furado que na briga era o bom, chegando inclusive a bater em três de uma vez só, lá na sua terra em Caraguatatuba. Para confirmar suas mentiras, invocava sempre o testemunho do Malaquias, outro mentiroso, que era seu vizinho.

Certa vez, carteando para o Aguinaldo Ferreira (Pelado) sobre sua valentia, foi desafiado para dizer a verdade.

- Tá pensando que é mentira??? Pergunta para o falecido Malaquias...

Modernidade

Fernando morava na Fabril e, precisando comprar um novo guarda-chuva, foi até o centro, na Casa Cruz. O vendedor lhe ofereceu um moderno, daqueles que, ao apertar um botão, abre num estalo.

Encantado com a novidade mandou faturar e embrulhar, pois no momento não estava chovendo. Enquanto esperava o ônibus pra voltar pra casa, resolveu conferir para ver se era o produto escolhido. Apertou o botão e conferiu, tudo certinho, só que o vendedor não ensinou como fechar o guarda-chuva, e ao tentar entrar no ônibus com o guarda-chuva aberto, não conseguiu, é claro.

Foi embora pra Fabril a pé, com o guarda-chuva aberto, debaixo do maior sol.

Motorista sem lenço e sem documento

O ex-vereador Messias Gomes Silveira foi nomeado, em 1990, para cargo comissionado (CO), como motorista da Prefeitura. Acontece que Messias não só não tinha carteira de habilitação, como de carro só conhecia a função do volante; não dirigia nada, não sabia nem por que havia pedais, caixa de câmbio etc.

Certa feita, o prefeito Nei Serra adquiriu 15 carros novos e para o tradicional oba-oba, isto é, as fotos em frente ao Paço, foram convocados os 15 motoristas nomeados, inclusive o Messião.

Ao lado de "seu" carro, o motorista suava, tremia, pensando na hipótese de ter que sair dirigindo. Felizmente, para sorte do gordo, logo após sair na foto, ele também saiu de cena, deixando para seus colegas a incumbência de recolher o carro.



Mudei muito

Em um evento importante do Grupo de Alcoólicos Anônimos, com a presença também importante do Senhor Bispo da baixada, Dom Da-

vid Picão, o político cubatense Sebastião de Miranda Galindo pediu a palavra e mandou ver:

- É com muita alegria que venho comunicar aos senhores que depois que passei a freqüentar o Grupo dos "A. A.", minha vida mudou muito... parei de beber pinga e mudei "da água pro vinho".

Dom David ficou sem entender nada...

Muitas emoções...

Na década de 60, Manoel Messias de Oliveira, antes do Depósito de Materiais para Construção, começou com um caminhão mais ou menos velho, transportando areia de Samaritá para a Terracom.

Certo dia, o Toninho Diniz, dono da Terracom, mais o Zé Nunes, seu assessor direto, pediram carona ao Messias para inspecionarem o local da areia. Entraram no caminhão e Messias, um tanto emocionado por levar em seu velho caminhão dois senhores tão importantes, descontrolou-se e, perdendo a direção, caiu na vala que beirava a estrada.

Após pedir desculpas, achou melhor mudar de ramo, montando o depósito no Jardim Casqueiro.

Muito esforço com o bucho cheio

Fazendo ginástica no Centro Esportivo Castelo Branco, sob o comando do professor Mauricio do Karatê, Jose Rocha o Rochinha, rodeado de muitas mulheres, professores e alunos, em um esforço para levantar o peso não resistiu e soltou o maior peido da historia do esporte cubatense. Com vergonha, nunca mais voltou a fazer exercícios.

Na UTI a serviço

Quando fui admitido na Fundação Cubatense como chefe do escritório, fui orientado pelo Dr. Lamuel Camargo Martins, presidente da Fundação, para fazer um levantamento na UTI do hospital, para providenciar compras de novos equipamentos.

Catei uma folha de papel e uma caneta, toquei a campainha da UTI, vesti o avental exigido e comecei o meu serviço.

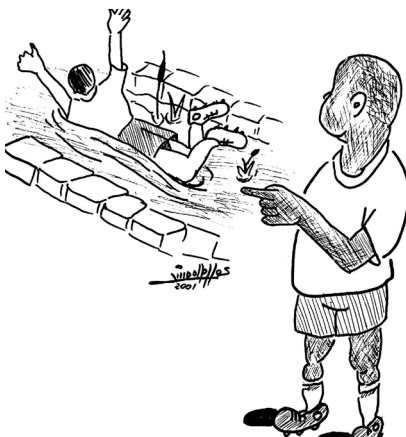
Minha prima Anália, de Tietê, necessitando falar comigo, telefonou para minha casa e foi informada pela minha mulher Arlete:

- Liga para o hospital, ele agora trabalha lá...

Quando minha prima me procurou no hospital, escutou da telefonista:

- O Arlindo não pode atender, ele está na UTI...

Anália desligou o telefone e começou a chorar.



Na vala comum

Em um jogo de veteranos no torneio promovido pelo E. C. Jardim Casqueiro, Julinho Amaro, inventando que jogava bola, num passe longo de Ivo da Banca, correu tanto atrás da bola que não conseguiu parar, afundando na vala de esgoto que beirava o campo. Foi substituído para tomar banho e ser desinfetado.

Números romanos confusos

João Ivaniel, quando presidente da Câmara Municipal, ao dar início a mais uma sessão ordinária, ordenou ao primeiro-secretário da mesa, vereador José, que iniciasse a ordem do dia lendo a ata anterior. Ao ler um projeto de lei, o secretário não atentou para o detalhe da escrita que, em seus artigos numerados, seus incisos eram enumerados em algarismos romanos.

- Inciso "XIS", falou o secretário...

- Xis representa dez, alertou o presidente para o distraído primeiro-secretário.

Prosseguindo na leitura, ao referir-se ao aparelho que tira chapa do pulmão, falou o distinto vereador:

- O custo do aparelho de "Raio Dez" é de R\$ 5.000,00!!!

Ivaniel suspendeu a sessão por cinco minutos, para ensinar seu amigo vereador a ler a ordem do dia...

O acerto do erro

Quando o D. E. R. ficou encarregado de pavimentar a Av. Conselheiro Nébias em Santos, Sebastião Pivato, encarregado de Turma de Cubatão de tubulação, foi designado para executar a obra. Depois do implante de mais de 1 km de tubos, chegou um engenheiro recém-contratado pelo SASC (hoje SABESP) que mal educadamente gritou :

- Tá tudo errado...

Pivato meio violento mandou seus funcionários conferirem o serviço e a cada dez metros perguntava ao engenheiro:

- Onde está o erro?

- É... não sei, acho que tá tudo certo...

Ao fim da conferencia, após confirmarem que o serviço estava plenamente correto, Pivato perguntou ao engenheiro:

- Sabe onde tá o erro?

Em seguida tacou um tremendo sôco na cara do moço, arrancando um dente do infeliz.

O acidentado era outro

Na Avenida Nossa Senhora da Lapa, altura do número 1.290, aconteceu um acidente de moto que causou muito barulho. José Pimentel, da TV Pólo, morador do pedaço, correu para socorrer o motoqueiro. Enquanto o Pimentel socorria o moço desmaiado, Elisângela sua esposa procurou ajudá-lo e encontrou um celular caído ao lado do acidentado. Pesquisou nomes para avisar do ocorrido e encontrou Francisca Irmã. Na pressa e assustada, Elisângela por engano ligou para a casa do Francisco, diretor da TV Pólo, já quase uma hora da madrugada.

- Alô, Francisco. Teu irmão sofreu um acidente de moto e está desmaiado.

Quem atendeu foi Jô, esposa do Chico, que a princípio estranhou um telefonema de madrugada para o marido.

- Moça. O Francisco não tem irmão que tem moto. E nós estamos dormindo.

Mais tarde tudo esclarecido, o motoqueiro socorrido e desculpas de ambos os lados no dia seguinte.

O acordo que deu certo

Quando vendia livros, Manoel Ubrajara Pinheiro Machado ofereceu ao Toninho Diniz, ainda gerente do Banco Itaú, uma coleção de livros do Jorge Amado. Toninho, muito econômico, evitando conversa, não estava a fim de gastar com a compra de livros. Mas Bira insistia tanto que acabou provocando o Toninho a um desafio:

- Tá certo, vamos fazer um trato, se o Armando Campinas aqui ao lado comprar uma coleção, eu compro dez...

Bira chamou o Armando e pediu ajuda:

- Eu vou emitir uma nota fiscal e você confirma que comprou, e nós enrolamos o Diniz.

Com a nota fiscal na mão e um cheque fictício, conseguiu ganhar a aposta, vendendo três coleções para o Toninho.

O aluno aplicado

Chico Cunha, meu avô, internou seus dois filhos, Armando e Maurício, no Liceu São Paulo, na Capital, e achou uma ótima idéia, vendo o aproveitamento dos garotos. Quando Antonio Cunha, seu filho caçula, chegou à idade escolar, pensou em seguir a mesma orientação. Dona Rosa, minha avó, preparou a mala do filho, despediu-se desejando-lhe boa sorte.

O pai deixou o filho Antonio no colégio, e seguiu para o centro da cidade para tratar de negócios. Quando chegou à Fabril, onde residia, Antonio já estava de volta, e esperneando disse que não queria estudar.

Levou uma tremenda surra e, como castigo, foi trabalhar como mecânico na oficina, ajudando o Juca Torres.

O armário cheiroso

Quando a Cia. Santista de Papel contratou José Reingruber para gerente industrial, deu a ele também a moradia. Acontece que dona Érika, mulher do Reingruber (mais conhecido por "Macarrão"), acostumada com seu conforto na Áustria, onde ela havia nascido, reclamava de tudo na casa em que foi morar, aliás a residência mais confortável da Fabril. Ofendeu o pintor por ocasião da decoração das paredes, humilhou o Celso que escolheu o pintor, reclamava de tudo, uma tremenda mal-educada.

Álvaro Ferreira, meu pai, marceneiro da Santista, foi incumbido de fazer um armário para a cozinha da madame que por sinal queria que fosse de canela. Entre os vários tipos de canela, existe a "canela merda", assim chamada pelo forte cheiro que exala, totalmente parecido com merda mesmo.

Propositadamente, o armário foi feito com esse tipo mal-cheiroso de madeira, e dona Érika, por mais que procurasse, não encontrava de onde vinha o cheiro que empestava toda a sua cozinha.

Quando soube da gozação, por pouco meu pai não foi despedido. Quem pagou o pato foi o Celso, que era o administrador das reformas nas residências.

O azar do Moacir

Por ocasião do falecimento da Dona Nair, esposa do Mário Rodrigues Melo, compareceram Moacir José dos Santos, junto com seu amigo Tokutaro Nakajó, dono da lavanderia da Rua Antonio Lemos. Era inverno e Moacir, com muito frio, pediu para o Nakajó emprestar um paletó muito bonito que estava pendurado, já pronto para ser devolvido ao freguês.

Como já havia encerrado o expediente, ficou combinado que logo cedo o paletó seria devolvido. Quase meia noite, no velório, Moacir agasalhado e elegantemente vestido, escutou de um estranho:

- Moço... que tá fazendo com o meu paletó, seu cabecinha???

O vestuário foi devolvido e Moacir passou o velório todo no maior frio, além da "fria".

O barulho do pneu

No D.E.R., Edístio Rebouças (Bireu) recebeu um processo de compras da sede em São Paulo, onde a secretaria queria saber o porquê da compra de novo pneu, e como foi o estouro do pneu velho.

Resposta por escrito do Rebouças: "Precisamos de outro pneu para colocar no lugar do que estourou, e quanto ao estouro do pneu velho foi assim: PUUUUMMMM..."

O bicho da banana

Uma banca de jogo de bicho, muito antigamente, tinha na frente do barraco uma quitanda disfarçada. Só vendia bananas, era uma maneira das autoridades não desconfiarem.

Certo dia, Messias Malaquias Mato Grosso estava comprando 2 dúzias de bananas a pedido de sua esposa Marion, por azar foi pego pela polícia.

- Seu guarda, tô aqui só comprando bananas!!!

- Teje preso, olha aqui no papel o número pra fazer a fézinha...

- Esse número 2 é a quantidade de dúzias que minha mulher marcou pra não esquecer..

De nada adiantou, foi preso e, para ser solto, teve que pagar fiança. Mato Grosso nunca mais comprou bananas naquele local.

O bode do Hildebrando

Hildebrando de Souza morava na Fabril, e criava com bastante carinho um bode cheiroso. Construiu uma carrocinha, atrelava ao cheiroso e se divertia levando seu filho Aguinaldo para passeios que ficaram famosos no bairro. Tinha adoração pelo animal, era bonito ver o cuidado que Hildebrando dedicava ao bicho.

Para provocá-lo, como costume, seus amigos Tacon, Chico Paraíba, Zeca Cascardi, Inocêncio e Potito Petrone passaram a mão no bode, mataram, assaram e convidaram, para a festa que organizaram, o dono do animal.

Quando soube que o churrasco fora com seu bode cheiroso, seu animal de estimação, procurou a polícia e deu parte como roubo. O único intimado foi o Potito, que permaneceu um dia inteiro sob imenso interrogatório.

Vendo que a situação estava ficando ruim, convocaram o vereador Salvador Evangelista, que acabou resolvendo o impasse. Só que Hildebrando queria pelo menos indenização como compensação pelo prejuízo. Ficou sem bode e sem dinheiro.

O busto enfeitado

Na praça em frente ao Grupo Escolar da Fabril, a Santista de Papel resolveu homenagear um dos seus diretores, o Dr. José Maria Whitaker, sogro do Dr. Francisco de Azevedo, gerente da fábrica. Colocado o busto em seu pedestal, para a cerimônia no dia seguinte, cobriram com o tradicional pano de seda, para ser descoberto na hora dos discursos.

Domingo, na hora do evento, quase todos os moradores do bairro estavam presentes, vieram de São Paulo os parentes do homenageado, os chefes, o padre para benzer, e também estava presente a Banda Musical de Cubatão.

Quando a viúva do Dr. Whitaker retirou o pano de seda, no busto estavam: um par de óculos velho sem vidros, um chapéu de palha na cabeça, um charuto apagado enfiado na boca e preso com fita adesiva, uma réstia de cebola pendurada no pescoço e, completando, uma camisa de malandro toda rasgada.

Após serem descobertos, os autores da brincadeira, Raul Sant'Anna Leite e Aldomiro Oliveira Pereira (Manau) foram ameaçados de processo, só não acontecendo porque pediram desculpas por escrito, documento que foi enviado para a viúva em São Paulo.

O cabeção entalado

Em um sábado de carnaval, foi ao baile do Nacional em Santos um grupo de foliões da Fabril. Foram Elcy, Manau, Niniu e Curruíra. Na volta, de madrugada, Elcy reparou que não tinha levado a chave da porta, para poder entrar em casa. Preocupado em não acordar seu pai, o Zeca Cascardi, com a ajuda dos companheiros tentou entrar pelo vitrô da cozinha.

Com Manau e Niniu segurando um em cada pé, Elcy enfiou a cabeça e se entalou. Como nem entrava e nem saía, Manau e Niniu ficaram segurando o moço, e pediram para o Curruíra buscar socorro. Pediram para o Gildo Ilhosa, que estava em plantão na oficina da Santista de Papel, para levar ferramentas e serrar o vitrô.

Com o barulho provocado pela serra, o Zeca acordou e gritou:

- Não precisava disso, eu reparei que ele não levou o chaveiro, fui dormir, porém deixei a porta da sala aberta...

O cabeçudo azarado

Ao completar seu 40. Ano Primário em Araçatuba, Orlando Padovani ganhou de seu pai Luiz Padovani o seu primeiro relógio de pulso, muito bonito marca Birma. Já em Cubatão, pescando com seu colega do D. E. R. Zé Dias, pendurou o relógio em um arbusto à beira do rio. O brilho do relógio chamou à atenção de um enorme cabeçudo que pulando fora d'água abocanhou o relógio e se mandou. Padô voltou triste pra casa triste, sem peixe e sem relógio. No dia seguinte Zé Dias, no escritório do D. E. R., jogando em pacote em cima da mesa do colega cartou:

- Gringo, olha aí o teu relógio...

É que o Zé Dias continuou pescando, e conseguiu capturar o cabeçudo ladrão.

O cálculo ingrato

Na admissão do José Antonio no Banco Itaú, o teste do primeiro dia foi diferente dos outros. Colocaram na frente do Zé Bauta uma calculadora Facit, das mais antigas. Era mecânica, cheia de manivelas que rodavam para a frente e retornavam, para que fossem executados os cálculos necessários. Pediram para o Zé multiplicar os números 10.256 por 8.312, só que não ensinaram o macete para a execução das contas rápidas.

O teste começou às 12 horas; já eram 14 horas e o novo funcionário ainda não tinha chegado ao número 200, e seu braço já estava todo dolorido.

Quase no fim do expediente, às 18 horas, é que o resultado das contas estava quase terminado, faltando ainda umas 500 voltas. Quando soube que era gozação, ficou bravo, ameaçando pedir demissão, só não o fazendo por interferência do Carlinhos Cruz.

Ameaçou vingança, só não sei se isso acabou acontecendo.

O carro era dele

Em uma festa de confraternização dos antigos moradores da Fabril, lá pelas 22 horas, Glória Cascardi pegou o microfone e anunciou:

- Atenção, proprietário do carro WWW 1183... retirar o veículo, pois está na entrada de uma garagem, atrapalhando a saída do morador.

Quinze minutos depois, Cleusa anunciou outra vez:

- Atenção, proprietário do carro que está na entrada de uma garagem, retirar por favor...

Mais dez minutos, Pitoco Guimarães, marido da Sandra Teixeira, anunciou novamente sobre o mesmo assunto. Por fim, meia hora depois, Wilma Ilhosa anuncia:

- Atenção, proprietário do veículo mal estacionado, o guincho da CMT já está levando o carro!!!

Irritado, Agamenon Alexandre Moura catou o microfone da mão da Wilma e gritou, energicamente:

- Você aí, dono do carro, vá lá, caramba, o carro tá sendo guinchado e depois vai te dar muito trabalho...

Meia noite, no fim da festa, Agamenon convidou alguém para dar carona, pois estava só. Quando chegou à rua, exclamou:

- Ué... cadê o meu carro???

Só nesse momento é que o Agamenon verificou que o carro era o dele.

O castigo do frango

Em uma pescaria de barranco em um sítio de Jacupiranga, os engenheiros da prefeitura Carneiro e Guimarães, abasteciam seus anzóis com as minhocas e antes de jogarem ao rio, um frango do dono do sítio, muito esfomeado corria para o anzol e comia as minhocas, sempre com os gritos do dono do frango:

- Sai daí seu danado...

O fato se repetiu por muito tempo até que o Guimarães sentiu seu apetrecho de pesca muito pesado e uma tremenda gritaria. Olhando para trás, é que viu no anzol, pendurado o frango comilão:

- Tá vendo, bem feito pra você... desabafou o dono do frango.

O choro da meia-noite

Os eventos da Câmara Municipal eram sempre filmados pelo Jorginho Farah. Para a edição especial da sessão solene do dia do município na noite de 09 de abril de 1998, Rozemere de França Abreu Santos, foi à casa do Farah e levou consigo a Ursula, sua filha nenenzinho ainda. Jô, a esposa do Jorge não estava em casa, tinha ido à casa de sua mãe, voltando somente mais ou menos meia noite. Ao entrar em casa, o primeiro som que ouviu foi o choro de uma criança. Jô, brava partiu pra cima do marido irritada:

- Que é isso... bastou eu me ausentar um pouco e você traz pra dentro de casa outra família???

- Tá louca mulher, é a Roze da Câmara Municipal com a Úrsula sua filha recém nascida, ela veio ajudar na edição do vídeo.

O convite das almas do outro mundo

O administrador do cemitério, Luiz Antonio, diariamente por volta das 18 horas ia ao velório, conferir a documentação referente ao movimento dos enterros realizados. Certo dia após a conferência de rotina pegou sua moto e preparou-se para retornar à sua casa. Só que antes deu-lhe uma vontade de tragar um cigarrinho. Procurou em seu bolso, e não achou nem isqueiro e nem fósforos. Foi até ao Cruzeiro das Almas, que geralmente está cheio de velas acesas. Por coincidência passavam pela calçada pelo lado de fora do muro do cemitério, dois funcionários da Limpeza Urbana, que estavam saindo de uma hora extra e ouviu:

-Esses fumantes são uns porcos, olha a calçada cheia de pontas de cigarro!!!

-É mesmo, deveriam morrer pra ver como é bom...

Luiz começou a tremer, saiu correndo e ficou algum tempo sem fumar.

O deficiente azarado

Na Padaria Castelões, na Praça Getúlio Vargas, em uma sexta-feira, já quase meia noite, Elias Abrunheiro (Cabeleira), alguns amigos e mais o Zeca, este último funcionário da casa, batendo papo e bebendo, acabaram passando da conta.

Depois de totalmente bêbados, partiram para a algazarra, falando alto e chutando latas – alguns até brigando entre si.

Incomodada com o barulho, Dona Felícia, que morava em frente à padaria, resolveu chamar a polícia.

Todos em cana, inclusive o Zeca Padeirinho, que por infelicidade era deficiente físico, mancando de uma das pernas. Na delegacia estava de plantão, nesse dia, o escrivão Trindade, amigo e conhecido de todos.

Para não complicar a vida dos bêbados, o escrivão propôs o seguinte:

- Um de vocês vai à casa do Dr. Furquim (delegado titular da época) e, com ordem dele, mesmo que por telefone, eu libero todos vocês.

Escolheram então o Zeca, que pela sua condição física e inocência era o que mais sofria com a situação. Chegando à casa do delegado, narrou os fatos, e conseguiu do Dr. Furquim que fosse pessoalmente resolver o caso, era só esperar que trocasse de roupa.

Como o efeito da cerveja não esperou pela troca de roupa do dele-

gado, Zequinha não suportou e foi obrigado a tirar água do joelho ali mesmo no muro da casa da autoridade em questão.

Não tinha ainda terminado, quando escutou o doutor abrir a porta, e dizendo logo em seguida:

- Que falta de respeito é essa, moço, mijando no muro da casa de uma autoridade? Tá preso...

Todos foram liberados, menos o Zeca Padeirinho, que saiu da cana somente na segunda-feira pela manhã.

O descanso cancelado

No carnaval de 1998, Carlão D2 e Marcelo André alugaram uma chácara em Peruíbe, para descansarem nos quatro dias de folia. Levaram as respectivas esposas e filhos na sexta-feira e somente no sábado foram para o merecido descanso.

Antes de se dirigirem para a chácara (ainda muito cedo), resolveram entrar no centro da cidade para tomar uma cerveja. Ao passar pelo trilho da estrada de ferro o pneu da roda traseira da motoca estourou. Correram diversos borracheiros e não encontraram o devido pneu.

O tempo foi passando, de borracheiro em borracheiro e quando conseguiram consertar o pneu já eram cinco horas da madrugada. Levaram a maior bronca das esposas. Cris não acreditou em Carlão e Neide muito menos engoliu a história do pneu furado por parte do Marcelo. Como o clima ficou quente, retornaram para casa sem aproveitar o merecido descanso aliás, merecido.

O enfermeiro enjoado

Convidado para uma pescaria em alto mar, Carlos Magno (Sareca), na qualidade de enfermeiro, sentiu-se na obrigação de preparar uma maleta de pronto-socorro para atender seus companheiros de pesca, quase todos já em idade avançada.

No momento da pesca, todos de linha jogada ao mar, Chico Trombino avisou o Pimenta para o mal-estar que o enfermeiro demonstrava. Como o barco não parava de jogar, o melhor remédio foi aplicar no Sareca alguns dos remédios levados em sua maleta.

Na chegada, em terra, os "velhinhos", todos inteiros, traziam carregado o enfermeiro, que apagou de vez.

O engenheiro Colibri

O único carro-tanque do D.E.R. tinha também um único motorista, era o João Batista, o Colibri, excelente motorista, porém um tremendo gozador. Certo dia, em Peruíbe, na construção da Rodovia Padre Manoel da Nóbrega, um sitiante reclamou do traçado da estrada, alegando que prejudicaria seu chiqueiro cheio de leitões já bem gordinhos. Colibri, passando-se por engenheiro, garantiu ao dono do sítio que ia estudar um novo traçado para não prejudicar sua criação. Em troca, ganhou no ato três leitões (os mais gordinhos), em agradecimento pelas providências que seriam tomadas.

- Zé Temóteo, me ajuda a catar os leitões, depois te dou um...

Como motorista só muda traçado no volante, o chiqueiro foi destruído e seu proprietário até hoje procura o "Dr. João Batista" para receber o dinheiro referente ao valor dos suínos, e o Zé Temóteo tá esperando o seu prometido leitão.

Em outro dia, também se fazendo passar por engenheiro, ganhou de

um sitiante japonês uma carga de palmitos, enchendo um caminhão, para distribuir com seus amigos.

Passou em Itanhaém, vendeu todos os palmitos para o Hotel Atlântico. Ao saber do fato, o japonês disse:

- Eu logo vi, com aquela cara, jamais podia ser engenheiro, né!!

O escorregão do macarrão

Pela Nova FM, Pedro Ilhosa apresentava diariamente um programa policial das 7 às 8 horas. Talvez por ser muito cedo, Pedrinho algumas vezes não ia para a rádio totalmente acordado. Certo dia, ao relatar um roubo em uma cozinha industrial levantou a voz e anunciou:

- Roubaram 20 panelas das grandes, 10 caçarolas e um "escorregador" de macarrão...

O estouro de um boi só

O gado que ia para o Matadouro de Santos descia no Saboó, seguindo a pé pela Avenida Nossa Senhora de Fátima. De vez em quando, um se mandava e fugia, talvez prevendo seu triste destino.

Certo dia, um boi fugiu e se mandou pela Avenida Bandeirantes chegando até o centro de Cubatão onde parou, cansado, na esquina da Nove de Abril com a Miguel Couto, bem em frente ao Bar do Dinho.

Em cinco minutos, já estavam reunidos: Dinho, Figueira, Armandinho Silva, Eduardão, Taé, Waldemar Bigode e Rogério. Levaram o boi para o quintal da Dona Ursula e, já munidos de instrumentos, preparavam a matança para o futuro churrasco. Quando o bicho já estava amarrado e Armandinho já com o facão para sangrá-lo, chegou a polícia, com dois vaqueiros do Matadouro.

O boi voltou pra Santos e a turma foi parar na delegacia. Registraram Boletim de Ocorrência que depois terminou em pizza.

O Eugênio era outro

À pedido da Simone, Chefe da divisão na Promoção Social, Acácia ligou para o Eugenio do CPD da prefeitura. Acontece que a ligação deveria ser para o Eugenio, da Empresa Hortolândia de Santos, e não para o Eugenio do CPD.

-Simone, o Eugenio tá na linha.....

A conversa durou mais de dez minutos e o Eugenio do CPD não estava entendendo nada. Completada a conversa eis que surge na Promoção, o Eugenio do CPD para esclarecer os fatos, já que ele pouco ouviu e nada entendeu...

O falso chá milagroso

Biréu (o velho Rebouças), em um de seus dias de estado de graça, quando se dirigia para o D.E.R., para mais uma jornada de trabalho, imaginou uma brincadeira, que aliás era bem de seu estilo. Juntou, no canteiro que cercava o escritório um punhado de mato sem nenhum valor medicinal e dentro da sala falou alto, para que todos ouvissem.

- Olha aqui, gente... Este pacote que estou colocando em minha mesa contém folhas de uma planta afrodisíaca que meu irmão mandou da Bahia. Por favor, não o tirem daqui.

Antonio Simões de Almeida, que apesar dos seus sessenta anos andava meio "empolgado", passou a mão no pacote e levou pra casa.

No dia seguinte, deram por falta do Simões que não fora trabalhar. Biréu, perguntando por ele escutou:

- Telefonou dizendo que não veio porque passou a noite toda com uma tremenda disenteria...

O fantasma com dor de barriga

Na Fabrica Costa Muniz, no Curtume, aconteceu um acidente muito grave. Foi a explosão da caldeira que vitimou o Miné, irmão da Dona Emilia, mãe do Antonio Diniz, hoje dono da Terracom. Nessa época Toninho estudava no Liceu Santista, e chegava tarde da noite em casa. Para encurtar caminho, Diniz entrava por dentro da fabrica e era obrigado a passar pelo local da explosão o que o deixava muito impressionado, lembrando sempre a morte do tio. Em uma sexta-feira, por volta da meia noite, escuridão total, Toninho avistou no local da explosão um vulto agachado. Com medo lógico, deu meia volta e saiu correndo. Alguém gritou lá:

- Toninho... volta cara... sou o Zé de Almeida que tô aqui agachado... cagando.

O fantasma se diverte

Toninho Martins comprou na década de cinqüenta um automóvel de marca Perfect. Carro importado, de fabricação inglesa, totalmente renovado, quase novinho em folha.

Aproveitando a comodidade que o carro lhe dava, diariamente, à noite, se mandava pra Santos, a fim de cair na farra.

Antes de seguir viagem, era seu costume parar no Bar do Dinho para um café e saber das últimas notícias. Como era uma parada rápida não costumava trancar o carro.

Certo dia, estava seguindo para Santos já à altura da casa amarela (hoje Vila São José), totalmente despreocupado, ouvindo música, quando escutou, vindo do banco traseiro, um enorme grito, e alguém se levantando, envolto em um lençol branco, com dois furos enormes na altura dos olhos.

Como o susto foi grande, descontrolou-se e desgovernado foi de encontro à cerca de trilhos da Estrada de Ferro Santos a Jundiá, destruindo a frente de seu Perfect quase novinho.

O "fantasma" era o Dinho que, apesar dos seus 100 quilos, conseguiu se esconder, abaixado, na parte traseira do carro.

O prejuízo da reforma não foi pequeno, porém Dinho fez questão de pagar, pra não perder o amigo.

O fiel soldado

Por ocasião do seu recrutamento, Renato Cretella, hoje aposentado da Prefeitura, foi servir ao Exército no Forte Itaipu, na Praia Grande. Para não perder nenhuma partida de futebol do Comercial da Fabril, Cretella, toda vez que era escalado para serviços aos domingos, "inventava" a morte de um parente seu, e assim conseguia dispensa.

Em uma dessas "invenções", após "matar" quase toda a família, o comandante do quartel, desconfiado, mandou um cabo à casa do Renato na Fabril, onde o nosso soldado residia com seu tio, Potito Petrone.

Por uma infeliz coincidência, aconteceu realmente o falecimento do seu tio, e o emissário do Exército não só constatou a verdade, como enalteceu a prova de solidariedade do Cretella. Passou a ser mais respeitado dali em diante. E nunca mais foi escalado em fim de semana.

O filho não amado

O engenheiro Nelson Bonfim dos Santos foi nomeado chefe de obras públicas da Prefeitura, na administração Passarelli (1982). Por brincadeira e provocação, os engenheiros Pedro Hildebrando, Marquinhos e Ernesto davam dinheiro para o patrulheiro do setor, Wilson, para chamar o Nelsão de pai. O moleque entrou logo no jogo, é lógico, estava faturando e isso dava um sabor melhor.

Ao atender a um chamado do chefe, Wilson foi todo educado:

- Pois não... papai!!!

Aquilo deixava o Nelsão louco de raiva, mas não tinha como evitar, estava rolando grana.

- Menino, vai até a sala dos engenheiros e pede pro engenheiro Álvaro vir à minha sala.

- Papai, não tem nenhum engenheiro na sala, estão todos em "diligências" na rua.

Uma hora após, como não havia chegado ninguém, Nelson pegou o telefone e ligou para todos. Ao ligar para o celular do Álvaro, reclamou, resmungou, quase chorou:

- Assim não dá, estou sozinho, isolado aqui no setor, necessito de vocês aqui!!!

Escutou como resposta:

- Problemas de quem está só... liga para o C.V.V.!!!

O foguete malcriado



— Leitores assíduos da revista Mecânica Popular, Lindolpho e seu cunhado José dos Santos (Vigésimo) resolveram montar, seguindo orientação da revista, dois foguetes caseiros, somente para teste de capacidade.

O primeiro foguete foi um sucesso: apesar de pouca pólvora, subiu bastante.

O segundo foi construído com mais técnica, muito mais pólvora, muito mais potência, seria a consagração dos malucos inventores. Na contagem regressiva, na hora da ignição, o foguete explodiu, causando, além do tremendo barulho, uma quantidade imensa de fumaça e fuligem, que se espalhou, atingindo toda a roupa pendurada no varal da vizinha Dona Lourdes, esposa do

Zé Simão.

Dona Nenê, no intuito de amenizar o incidente provocado por seu filho e genro, teve que lavar com muito sacrifício toda a roupa do varal da vizinha, sob o olhar envergonhado dos frustrados inventores...

O garoto sapeca

No Emei Goiás, em Cubatão, estudava o garoto Vitor com apenas quatro anos de idade, filho da Ana Maria e do Serafim. Sua colega Bruna reclamava o tempo todo para a tia-professora pelas brincadeiras do Vitor. Certo dia, Bruna não conseguia andar, o pouco que ela conseguia era sair aos pulos.

- O que foi agora Bruna? ... perguntou a tia.

- Não consigo andar, o Vitor amarrou meus tênis, um no outro, se eu andar eu vou cair.

O golaço do Brahma

Em um jogo pelo campeonato da Liga de Futebol Amador de Cubatão, entre o E. C. Cubatão contra o Comercial Santista F. C. o juiz Deusdeth de Almeida quase foi linchado. Até quase o final da partida o resultado estava zero a zero, uma partida muito equilibrada. Em um lance de ataque do Cubatão, em um forte chute do Renatinho, o goleiro Grasseto espalmou não conseguindo segurar a bola. Acontece que ao lado da trave estava o Antonio Lopes dos Santos, o Brahma, torcedor fanático do Cubatão. Sem perda de tempo o Brahma adentrou o gramado e de cabeça fez um golaço. Fecharam o tempo porque o Deusdeth validou o gol na maior cara de pau. Aconteceu a maior briga no fim do jogo. A Liga porem, chegando à conclusão que gol de torcedor não vale, anulou a partida.

O golpe da menina bonita

Tremendo garanhão, Nelson Paz, estava indo para Santos em seu carrão, quando na Vila Nova, deparou com uma menina muito bonita no ponto do ônibus pedindo carona. Pensando logo que seria seu dia de sorte, parou imediatamente, levantou-se e foi logo abrindo a porta do carro para a garota.

- Entre... coisa linda !!!

- Não é pra mim não Seo Nelson, é para a minha Vó que está aqui comigo. Não querendo ser mal educado, levou a avó até Santos, puto da vida...

O medroso da Light

Em um dos refeitórios da Light, morava sozinho em um quarto no primeiro andar, Sinval Alves Rabelo, um tremendo medroso. Qualquer barulho o assustava, conversa sobre assombração era motivo para tirar o sono do Sinval. O responsável por todos os quartos era o Santiago Garcia Diegues que por ser responsável tinha todas as chaves dos quartos, incluindo o do Sinval. Por gozação, Santiago resolveu dar um susto no amigo, escondendo-se debaixo de sua cama, ficando mais de duas horas esperando-o. Quando Sinval chegou, trocou-se e quando foi deitar, Santiago saiu de baixo da cama gritando. Sinval assustado pulou pela janela do primeiro andar, quebrando na queda umas das pernas e três costelas, para desespero do Santiago.

O medroso do D.E.R

Trabalhava no Hospital do D.E.R. na Cota 200 o enfermeiro chefe Lindolpho, Santana, Sabino e o contínuo Argemiro. Era muito comum, quando em virtude de acidente fatal na construção da Via Anchieta, os próprios funcionários do hospital providenciarem o velório. Para isso, a casa funerária Rosário, de Santos, já deixava quatro castiçais, velas, o crucifixo e o pano sudário para cobrir o falecido. Sabedores de que o



Argemiro era um tremendo medroso, não podia nem ouvir falar em defunto, quanto mais topar em um deles. Lindolpho preparou-lhe uma gozação. Enquanto Argemiro foi ao escritório no Centro, Sabino deitou-se no chão, cobriu-se com o sudário., acenderam as quatro velas e ficaram à espera do medroso.

Ao chegar, a cena já deixou Argemiro cabreiro. O susto foi grande e quando ele foi certificar-se que o "morto" era o Sabino, este catou seu braço dando um grito aterrador.

Argemiro saiu correndo. Peitou a porta que estava trancada, quebrando-a pelo lado das dobradiças. Foi difícil convencê-lo de que era tudo brincadeira.

O medroso da TV Polo

Havia uma onda de seqüestro que assustava todo mundo, e não era para menos. Em São Paulo fora seqüestrado um técnico de som e o jornalista Guilherme Porta Nova, os dois da TV Globo. Marcelo André, da TV Polo, emissora comunitária cubatense, convocou Serafim para ajustes no computador da transmissora em São Vicente.

- Não vou não André... Tô com medo de ser seqüestrado!...

O menino escondido



Em função de seu cargo, Júlio Vellardi subia a serra para reuniões de rotina na Secretaria Estadual do Meio-Ambiente – Instituto Florestal, uma vez por semana. Certo dia, atrasado, foi mais rápido possível para não perder o início da reunião. No alto da serra, na altura do pedágio, Lucas, seu filho caçula, então com três anos de idade, gritou do porta-malas:

- Papai, tô aqui escondido!!!

Júlio, depois do susto, apesar do atraso, teve que parar e telefonar para sua esposa Erenita, que a esta altura já tinha percorrido toda a vizinhança, procurando pelo baixinho. Retornar não era possível, Resolveu então levar o menino para a casa de amigos em São Paulo, para não perder a reunião, que por sinal era a mais importante do mês.

O morto bem vivo

O dono da banca de jornal da Praça Princesa Izabel era o Carlos de Oliveira, antes de vender para o Jacaré. Vinha todo dia bem cedinho para o funcionamento da banca. Certo dia, procurou e não encontrou nos bolsos as chaves para abrir o cadeado da porta. Resolveu ir buscá-las em casa. Só que como morava no Parque das Bandeiras, evidente que ia demorar.

Alfredo, o Biá, vendo a banca fechada, preparou no maior capricho um aviso "FECHADO POR MOTIVO DE FALECIMENTO DO PROPRIETÁRIO".

Célia, prima do Carlinhos, chegou de viagem do Nordeste e nesse dia foi procurar o primo para conversar. Leu o aviso, levou o maior susto, e correu para a casa do Carlinhos preocupada, a fim de confirmar a notícia.

Biá ficou um tempão sem freqüentar a banca. Carlinhos queria pegá-lo.

O novo gerente não tomava banho

Caxinguelo era um pé inchado que, apesar de trabalhar no D.E.R., vagava por toda a cidade, sem destino, sem eira nem beira. Era esquizofrênico e, em virtude da doença, não cobravam a sua permanência no serviço. Entrando certo dia no Banco Itaú-Cubatão, verificando que estava vazia a cadeira do gerente, não se fez de rogado: sentou-se e, pior, adormeceu, chegando até a roncar.

Os funcionários da agência, pensando tratar-se de uma gozação do gerente, não ligaram para o fato, deixaram o Caxinguelo dormindo, esperando o desfecho do caso.

Quando o Mario Marinuzzi chegou, ficou uma fera ao assistir o quadro: além da falta de respeito, o moço não tomava banho e muito menos trocava de roupa, fedia, passando o mau cheiro para a almofada da cadeira. Mário chamou um funcionário e ordenou:

- Coloca ele pra fora, Secondino...
- Logo eu, seu Mário???

E lá se foi o Nino transportar o Caxinguelo de colo para fora da agência. Com o nariz tapado, é claro...



O paletó

Existe um chavão muito popular no funcionalismo público que é a história do paletó na cadeira. O chefe deixa o paletó na cadeira e se manda, geralmente voltando no final do expediente. Após telefonar quatro vezes para a biblioteca Municipal procurando o Chefe, já cansado, perguntei pra secretária Lina, esposa de Antonio Messias, que tem o apelido de Paletó:

- Lina. Por favor, o Wellington pelo menos deixou o paletó?
- Deixou não Arlindo. O meu marido me deixou aqui e foi pra garagem trabalhar...

O passeio do defunto

A única casa funerária de Cubatão pertencia ao Mário Buzzinaro. Seu sobrinho Osni era um de seus colaboradores, que o ajudava nas horas vagas, pois era funcionário do D.E.R. Convocado por seu tio para buscar um falecido na Santa Casa de Santos, Osni chamou seu amigo Padovani para acompanhá-lo.

O falecido era morador da Vila Parisi e seu velório já estava marcado para as 8 horas da noite. Osni e Padovani saíram com o defunto do hospital por volta das 17 horas. Como era muito cedo, foram até o Bar do Nicanor tomar algumas. Estacionaram o carro na vaga que pertencia ao pároco da igreja do Rosário, na Praça Rui Barbosa, e foram bebericar, deixando no carro funerário o infeliz defunto.

Mais ou menos dez horas da noite, os dois foram procurados pelo padre, que queria guardar seu carro e não tinha como. Já cambaleando, Osni se mandou pra Cubatão, e antes de dirigir-se à Vila Parisi teve que deixar o Padovani em casa, pois este se recusava a enfrentar a família do falecido, que a esta altura já estava brava por causa do

atraso.

Onze horas em ponto, chegou o carro funerário na Vila. Osni teve que sair correndo.

O patativo enganado

Alceu Amaral, chefe dos fiscais da Prefeitura por muito tempo, tinha como hábito imitar o cantor Vicente Celestino. Acabava seu trabalho, levantava e mandava ver:

- Acorda, patativa... vem cantar!!!

Seu Jonas, muito amigo do Alceu, deu-lhe de presente um coelho de raça, para este levar para seu sítio e iniciar a maior criação de coelhos da cidade. Alceu encarregou seus subordinados Moacir e Zé Dantas de apanhar na casa do seu Jonas o coelho, pois no dia seguinte iria para o sítio, preparar sua criação.

Zé e Moacir pegaram o bicho, muito bonito por sinal, levaram para o bar do Luís Sola, na Praça Princesa Izabel, mataram o bicho, prepararam, e no fim do expediente convidaram o Alceu para a tradicional cervejada de sexta-feira. Alceu comeu, bebeu, voltou a beber e comer e, já embalado, perguntou:

- Que carne é essa, tá com gosto de coelho???

- É é, respondeu Moacir... e é o teu coelho...

Alceu engasgou, pensou em vingança, porém preferiu ir até a porta do bar e cantar:

- Tornei-me um ébrio... na bebida busco esquecer!!!

O peixe-dentadura

Pescaria em alto mar é muito difícil, não há quem não vomite. Seu Chico Silva, sentindo-se mal, vomitou sua dentadura, tão logo sentiu o balanço do mar. Sem que ninguém percebesse, jogou a linha e recolheu, jogou novamente a linha e recolheu logo em seguida. Na terceira tentativa, puxou a linha e, não vindo peixe algum, Carlinhos Cruz, companheiro de pesca ao seu lado, perguntou:

- O que está acontecendo, seu Chico?

- Vomitei a dentadura, estou tentando pescá-la...

Lógico que voltou pra casa desdentado.

O peru que não morreu na véspera

Valdemar Alves Justo comprou um peru e tratou de engordá-lo para comer na ceia do Natal. Arrumou um canto na Pedreira Itamaraty, onde trabalhava, e foi cuidando da ave com carinho. No domingo, antevéspera do Natal, chamou seu amigo Edson Zanotti, a fim de preparar o peru para a ceia da noite seguinte. Muniu-se de enorme facão, água quente e, lógico, a tradicional cachaça para cumprir os trâmites normais da matança de um peru.

Começou o ritual...

- Um copo de pinga pra você, Edson, um copo para mim, e um gole pro peru...

- Mais um copo pra você, Edson, mais um copo pra mim e mais um gole pro peru!

De copo em copo, de gole em gole, acabaram com um litro de pinga.

Reginaldo, filho do Justo, percebendo a demora dos dois com a ave,

foi conferir o que estava acontecendo. Encontrou Edson desmaiado em um canto, o Justo desacordado no outro canto, e o peru saltitando do lado, cantando de alegria, zozzo, é claro, porém ainda vivo...

O porteiro caxias

Em uma festa do Dia do Funcionário Público realizada no Grêmio dos Servidores resolveram colocar o Eduardo Silva como porteiro, sabedores da sua honestidade, capacidade e também da sua intransigência.

- Eduardão. Sem convite ninguém entra! – ordenou o presidente do Grêmio, Arlindo Fagundes Filho.

A primeira vítima foi nada mais, nada menos, que o coordenador de Finanças, Avelino Ruivo.

- Sinto muito, Seu Avelino, sem convite não entra.

Como o coordenador morava perto, o problema foi solucionado rapidamente. Avelino foi até sua casa buscar o tal convite para poder entrar.

Em seguida, apareceu o engenheiro Geraldino Spinola Magalhães, coordenador de obras, chefe maior do porteiro.

- Cadê o convite, engenheiro?

Como o chefão não portava o convite e não morava perto (morava em Santos), perdeu a festa. Eduardo não o deixou entrar.

O poste marginal

Seu Rodolfo morava na Vila Cunha. Um senhor já de idade avançada, míope, mesmo com óculos fundo de garrafa enxergava muito pouco, quase nada. Mas, apesar dessa dificuldade, Seu Rodolfo era subdelegado de polícia, segunda pessoa do Dr. Rolin, delegado titular.

Certo dia, em um fim de baile na sede do E. C. Cubatão, na Miguel Couto, estourou uma tremenda briga, envolvendo mais de dez arrua-ceiros. Os policiais já chamados, que acompanhavam o subdelegado, conseguiram prender quase todos, sobrando para o Seu Rodolfo somente um.

- Teje preso, seu valente – falou, com muita energia.

- Mas, Seu Rodolfo, é um poste – alertaram...

- Então teje solto!!!

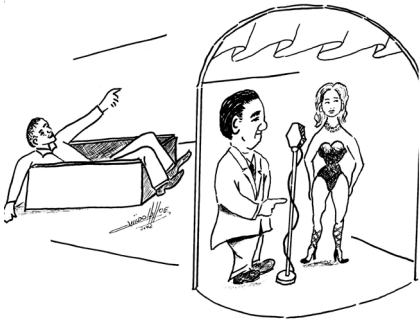
O prêmio esquecido nas bocas

Orlando Padovani foi premiado com duas caixas de vermute Cinzano, através de um programa da Rádio Clube de Santos (PRB-4). Munido das coordenadas, Padovani convidou seus amigos Maneco Rebouças e Zé Dias para irem a Santos receber o prêmio. As caixas de Cinzano deveriam ser retiradas em um depósito na Rua General Câmara, lá perto do cais, em plena boca do lixo.

Pegaram as caixas, tiraram um litro para beber e deixaram o restante em um bar para depois de uma hora pegá-las novamente. Parando de bar em bar, de boca em boca, de boate em boate, foram tomando umas e outras e ficaram totalmente travados, não lembrando mais em que bar haviam deixado a caixa.

Após percorrerem toda a Rua General Câmara, tentando lembrar onde eles tinham deixado os Cinzanos, chegaram à Praça dos Andradas, já de madrugada. Resolveram então pegar o ônibus para Cubatão, deixando um dono de bar satisfeito com a "doação".

O presidente empolgado



Em um baile de Grito de Carnaval na sede do E. C. Cubatão, foi contratada como atração a cantora da TV Rio – Dirce Belmonte. Naquele tempo, lança-perfume, hoje proibido, era totalmente liberado. A moda era esguichar lança-perfume no lenço, cheirar e ficar doidão. Lindolpho era o apresentador do show da cantora carioca e conforme pré combinado, Mário Melo iria entregar à artista um brinde como lembrança, oferecido pela Casa Malery. Acontece que o Mário Melo,

empolgado com a beleza da ilustre convidada ficou no fundo do palco, atrás das cortinas, dando suas inocentes cheiradinhas. Lindolpho anunciou:

- E agora para entregar uma lembrança à linda cantora, convido ao palco o nosso presidente Mário Rodrigues Melo.

Lindolpho repetiu a frase e nada do presidente aparecer. Correram atrás das cortinas e encontraram o homem totalmente desmaiado, dentro de um caixote.

O pulo sem cálculo

Na sede do Clube 2004, no casamento da filha do Paulo Barbudo, quando da chegada triunfal dos noivos, Wilson Amado dos Santos portava nas duas mãos dois pratos de salgados e doces, para agradar à sua jovem esposa Roseli. O tamanho da grinalda da noiva passava de 7 metros, e, no entender de Wilson, ia demorar muito a passar.

Sem paciência, afastou-se alguns centímetros, pegou impulso e pulou. Só que errou o cálculo, caiu na grinalda da noiva, escorregou, levou o maior tombo, espalhando doces, bolos e salgados pra todo canto, sujando inclusive de barro a brancura da grinalda...

O segredo do padre

Em visita oficial ao gabinete do prefeito Armando Cunha, representando a paróquia, padre Carlos tentava encontrar seu discurso no bolso da calça, por debaixo da sua batina.

De repente, um barulho diferente assustou todos os presentes. Era o canivetão que o padre usava para descascar laranjas.

Armando Cunha, irônico, sorriu e falou ao ouvido do padre:

- Reverendo... seu rosário caiu...

O sensor e o sushi

Em uma excursão do CAMP de Cubatão à cidade de Valinhos, Jucilene, na mesa do almoço, resolveu comer sushi, comida japonesa toda enfeitada. Colocou no prato todos os tipos da comida e todos os enfeites possíveis. Sem conhecer muito do Japão, Ju enfeitou mais ainda seu prato, jogou por cima quase meio quilo de farofa.

Mais tarde, ao lavar as mãos no banheiro, não conseguiu, não saía água da torneira.

- Ju... a torneira funciona com sensor – avisou a Vivi.

- Ainda bem, eu já ia sair sem lavar as mãos...

O sentimento do Moacir

Fiscal da prefeitura, Moacir José dos Santos, após tomar algumas muitas, alias muitas mesmo, foi avisado da morte do feirante Zé da Feira muito seu amigo. Já no velório, em função de seu estado "emocional", Moacir encostou-se ao caixão e inconvenientemente dizia:

- Levanta daí, seu safado, você não morreu não, seu mentiroso...

Depois ao aceitar a morte do amigo dirigiu-se à família para as devidas condôlências. Tropeçou em seu pé esquerdo e acabou caindo por cima da viúva e dos filhos. Chamaram os seguranças e expulsaram o Moacir do velório para que o falecido pudesse descansar em paz.

O sono do policial

Quando moleque, Antonio Carlos Costa, o Costinha da Terracom, se reunia com seu amigo Jose Soares Santos para estudar, sempre que chegava a época de provas. Entrando na casa do Soares, verificou o cachorrão policial da casa puxando o maior ronco. Costinha em um momento infeliz, nem ele até hoje sabe por que, levantou a orelha do cachorrão, assoprou e emendou com um grito. Levou a maior mordida, quase dilacerando sua boca. Levou 10 pontos e aprendeu com isso respeitar os animais.

O teste do carbono

O primeiro dia de trabalho de um funcionário admitido pela agência do Banco Itaú de Cubatão era motivo para gozações de todos os tipos, sempre sob o comando do gerente Mário Marinuzzi ou do subgerente Antonio Diniz.

Quando Antonio Carlos Costa foi admitido, apesar de cunhado do Toninho, não poderia ficar livre do batismo de fogo.

Costinha recebeu uma lata de 20 litros cheia de papéis carbonos usados, com a incumbência de lavá-los para serem "reaproveitados". Após três horas de intenso trabalho, mãos sujas de preto, camisa, calça, rosto, tudo enegrecido, foi que o Orlando Raimundo, atendendo a um pedido do Zé Bauta, que se compadeceu do "calouro", foi avisá-lo da brincadeira.

Malandro velho, Costinha esperou a chance de uma revanche. Ela chegou por ocasião da admissão de Domingos Pucciarelo Jr. Em vez de uma lata, colocou à disposição do iniciante duas latas com carbonos pretos e copiativos, que em contato com a água soltou uma maldita tinta azul que, além das roupas, sujou seus braços, seu rosto, colorindo seus óculos, fazendo com que Pucciarelo trocasse mais tarde as lentes de seus óculos, que foram seriamente danificadas.

O treinador atleta

O prefeito Passarelli, após insistentes pedidos, resolveu contratar para treinador de atletismo o Carlos Alberto Felix Silva (Bacalhau).



Com o primeiro salário, Bacalhau comprou uma bicicleta muito chique, era o sonho de sua vida.

No primeiro Jogos Abertos Regionais de Itanhaém, em que o técnico deveria treinar uma equipe, ele levou a bicicleta para dar umas voltinhas. Lá na cidade sede dos jogos, Carlinhos, em vez de treinar a equipe, passava o tempo todo passeando de bicicleta.

Sabendo que o prefeito iria fazer uma visita à delegação cubatense, Roberto Dick e Miltão penduraram a bicicleta bem na entrada do alojamento, toda enfeitada, com os dizeres: "Bem-vindo Senhor Prefeito".

Passarelli primeiro riu, depois quis saber o que fazia na delegação uma bicicleta que não iria competir em nada.

O troco é teu

Quando os jogos dos aspirantes da A.A. Portuguesa Santista eram realizados pela manhã, Antonio Cunha, integrante do time da burriinha, ao final da partida corria para Cubatão para jogar pelo E.C. Cubatão na parte da tarde.

Num desses dias, Antonio atrasou-se, chegando em cima da hora de começar o jogo. Ao trocar-se dentro de seu carro, estacionado ao lado do bar da Dona Rosa, caíram do bolso de sua calça algumas moedas. Para não perder mais tempo, pediu para o Wilson Guimarães (Bicho), que estava por perto, para juntar as moedas, e como gratificação ganharia 400 réis.

Depois do jogo já iniciado, Bicho gritou:

- Antonio, os meus 400 réis já catei, depois você pega a sua parte que sobrou...

O um que virou cinco

No dia do falecimento do governador Mário Covas, a diretora de uma escola municipal reuniu todas as classes, levou os alunos para o pátio e, bem intencionada, começou as homenagens ao falecido:

- Com o maior respeito, vamos hastear a bandeira paulista a "meio palmo"...

Em seguida:

- Vamos agora prestar outra homenagem fazendo "cinco" minutos de silêncio...

Ao seu lado, a professora Elza alertou:

- Senhora diretora, não são cinco minutos, o normal é um minuto de silêncio.

- Professora... trata-se do nosso governador, é uma pessoa mais importante...

O que tinha de crianças desmaiando até o final dos cinco minutos era de assustar.

O uso das anotações

Por gentileza do governador do Estado, os trabalhadores do D.E.R.-Cubatão, sob o comando do engenheiro Nilde Ribeiro dos Santos, chefe geral da unidade cubatense, se encarregaram de recapear toda a avenida da orla santista, do José Menino até o Aquário na Ponta da Praia. Maneco Rebouças e Orlando Padovani foram destacados para a medição do serviço já executado.

Só que para medir era necessária uma trena, que, por esquecimento, ficou na gaveta do Padovani em Cubatão. Improvisaram, então,

um “metro” com um pedaço de capim, que calculavam ter um metro exato. Padovani media e Maneco anotava em um bloco de papel de memorando, tudo perfeitamente improvisado. No dia seguinte era só fazer a conversão e tudo estaria resolvido.

- Maneco, me dá as folhas da medição que o engenheiro Nilde está pedindo.

- Não é possível, Padô, lembra aquela hora em que fui a um boteco, com uma tremenda dor de barriga?

- Sim, e daí???

- No banheiro não tinha papel higiênico, usei todas as folhas...

O vermelho do D.E.R.

Antonio Simões de Almeida, funcionário do D.E.R., era um dos poucos cubatenses simpáticos ao Partido Comunista Brasileiro, na época proscrito pelo então presidente Getúlio Vargas. Excelente pessoa, batalhador, era nosso historiador oficial, porém vivia sempre assustado, toda vez que deparava com alguém fardado, já que o exército era inimigo ferrenho desses políticos.

Dr. Luiz de Camargo, médico do departamento, cursava incorporado ao Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR), núcleo do exército sediado em São Paulo. Ao chegar ao serviço, dr. Luiz pendurava no cabide sua farda verde-oliva, vestia seu jaleco branco e passava então às consultas costumeiras.



Incentivado pelo enfermeiro Lindolpho, Zé Dias vestiu o uniforme do Exército, no intuito de provocar um susto no Simões. Por problemas de visão, Simões, em certo momento do dia, tirava seus óculos, para pingar colírio, que fazia parte do tratamento de seus olhos. Foi exatamente nessa hora, com Simõeszinho pouco enxergando, que entrou na sala o fardado Zé Dias, gritando:

- Quem aqui se chama Antonio Simões de Almeida???

Coitado, sem quase nada ver, Simões tremeu e, assustado, caiu pra trás, de susto...

O Zap do celular

Vendo televisão em casa, João Teixeira Lopes, sua esposa Iraci e sua filha Solange foram surpreendidos por uma chamada telefônica de celular.

- Atende pai, não quero perder a novela. – pediu Solange.

- Alô. Alô! Alô!!!

- Pai, atende o celular. Isso aí é o controle remoto da TV.

Olha o túnel aí, gente!!!

Já estabelecido há algum tempo em Cubatão, Chapéu de Couro mandou dinheiro para Pernambuco, a fim de trazer alguns parentes, entre eles seu sobrinho, o Dogi. Chegando a São Paulo, fretaram um carro Itamaraty de aluguel, para viajar direto a Cubatão. Carro lotado, já na Via Anchieta, ao avistar o primeiro túnel, o motorista do veículo, muito gozador, gritou:

- Atenção... abaixem a cabeça... vamos passar no túnel.
 Todo mundo abaixou a cabeça, menos o Dogi, que era o mais esperado da turma.

Olimpíadas dos salgadinhos

Nos jogos olímpicos dos patrulheiros organizados pelo CAMP de Limeira, após o desfile de abertura foi servido uma mesa cheia de refrigerantes e salgadinhos. Orientados pelo Braz, um dos técnicos cubatenses, os patrulheiros juntaram o maior número de salgadinhos, e não tendo onde guardar colocaram na cabeça e cobriram com o quepe. Acontece que antes de se dirigir ao alojamento, foram obrigados a assistirem uma missa na catedral da cidade. Alguns, esquecendo a carga que tinham na cabeça, ao tirarem os quepes forraram a entrada da igreja de coxinhas, pasteis e bolinhos de bacalhau, para desespero do Mario dos Santos, chefe da delegação.

Onde há fumaça... há comida

Em comemoração aos 60 anos da inauguração da Via Anchieta, fui convidado pelo Vanderlei Abrelli para fazer parte da comitiva da TV Pólo, que preparava uma matéria para o programa TV Xereta. O evento teve início no km 10, em São Bernardo, com um desfile de carros antigos, inclusive um Pontiac-1941 que participou da festa de inauguração da estrada em 1947.

Pimentel, o cameraman da TV, como sempre fazendo as melhores tomadas e entrevistas. No pátio da Ecovias, no alto da serra, aconteceu o encerramento da festa, com exposição de diversas fotos e muitos convidados. Com fome, perguntei ao Abrelli:

- Como é... não vai ter almoço, não???
- Tem churrasco – respondeu o Pimentel... – olha lá a fumaça...
- Aquilo não é fumaça, cara, é neblina, é cerração, estamos no alto da serra...

Mas o Pimenta tinha razão. Em seguida, acenderam as churrasqueiras e foi servido um tremendo churrasco, regado a todo tipo de bebidas.

Ordem ao pé da letra

Admitido como vigilante na Prefeitura Municipal, Augusto Silveira estava de plantão no portão do Parque Anilinas, quando percebeu um carro estacionando na entrada da garagem da casa do secretário Luis Frade Roman Torres. Quem estava estacionando era o Engenheiro Antonio Domingos Carneiro, amigo do Luis.

- Senhor, não pode estacionar nesse espaço.
- Mas eu vou na festa do Lions, e vou me encontrar com o Luis, ele me autorizou.

Augusto insistia na proibição

- É, mas não pode, vá saindo daí...

Carneiro irritado, Secretário de Obras da prefeitura apelou:

- Você sabe com que está falando, eu sou o Carneiro...
- O senhor pode ser o carneiro, o tatú, o capivara, o coelho, ordens são ordens, tire o carro daí.

O Engº Carneiro teve que procurar outro lado para estacionar.

Ouvido afinado

Bebendo cerveja em minha casa, com César Cunha Ferreira, um dos autores do livro CONTO, CANTO E ENCANTO COM A MINHA HISTÓRIA... CUBATÃO, A RAINHA DAS SERRAS, tendo ao fundo a TV ligada no Jornal da Tarde da TV Tribuna, em dado momento, em um comercial da TV, toca o telefone muito alto, pois o volume da TV estava também muito alto. César, que também já estava ficando “alto” após algumas latas, parou de beber e, muito educado, disse:

- Não vai atender, Arlindo???

Comecei a rir, quando ele logo entendeu a mancada, telefone na TV é impossível atender...

Pacote misterioso

Em Vassouras, cursando medicina, João Carlos Oliveira Cruz, hoje médico da Caixa de Previdência, da janela da sala da república onde morava, por falta do que fazer, e não precisando estudar para as provas, pois já sabia tudo, preparou uma brincadeira para os moradores locais. Juntou em uma caixa de sapatos, toda sujeira de cachorro que encontrou na calçada, embrulhou e amarrou com uma fita muito bonita e ajeitou com carinho perto de uma árvore. Uma jovem que passava, não resistindo à curiosidade, catou a caixa e foi abrir um pouco à frente escondida atrás de outra árvore. Dr. João, só viu quando a caixa foi jogada com violência contra o pára-brisa de um carro que passava. Só que por azar seu, o carro era conduzido pelo reitor da faculdade, e a moça era não menos que sua filha que o aguardava. Reconhecido, e com medo de represálias, foi estudar por vias das dúvidas...

Parecia milagre

Retornando de Santos em um ônibus fretado, os componentes do Centro Organizador do Teatro Amador de Cubatão (Cotac), vestidos com os figurinos da peça, após apresentação da Paixão de Cristo no Memorial, tiveram a infelicidade de ver o ônibus quebrar a alguns metros do Forte Apache (apelido dado ao posto da Polícia Rodoviária), na Via Anchieta.

Carla Oliveira, que nesse dia representava Maria, mãe de Jesus, saiu às providências para socorrer o veículo. A recepção dos Vigilantes Rodoviários era toda envidraçada e Carla, pelo vidro, reparou que o único vigilante de plantão estava diligentemente puxando o maior ronco. Escutando o bater no vidro, o rodoviário, católico fervoroso, levou o maior susto. Estava ali diante dos seus olhos, nada mais, nada menos, que Maria, a Mãe de Cristo.

Pensando ser uma aparição de Nossa Senhora, não sabia como proceder, de tão emocionado. Para complicar, logo em seguida chegou o Zito, vestindo o manto sagrado, e ainda com a coroa de espinhos na cabeça. Era muito para o pobre soldado: além da Mãe, estava ali também seu Filho Sagrado. Para completar o quadro, foram chegando em seguida Pilatos, Caifás, São Pedro, Judas, Maria Madalena e outros, todos curiosos nas providências do socorro.

Esclarecida a confusão, outro ônibus foi chamado, para tranquilidade do rodoviário dorminhoco.

Pegou... se mandou

Por ocasião da ampliação da Avenida Nove de Abril, no governo de José Rodrigues Lopes, o aterro formava um lamaçal considerável. Certo dia, José Rocha, que trabalhava na Drogaria Americana, pediu a três amigos seus que empurrassem o seu fusca para que o motor funcionasse, já que a bateria estava descarregada.

- Vamos lá... um, dois, três e já...

O carro pegou e engatado em segunda marcha se mandou a toda. Quando o Rochinha foi agradecer o favor, viu seus três amigos com as caras enfiadas na lama. Por via das dúvidas, se mandou sem agradecer.

Peixe bota-polvo

Em uma pescaria em alto mar, na altura da queimada, organizada pelo Dacio da HATSUE, vinte pescadores mais ou menos, lotavam o barco. O primeiro pescador contemplado com uma figada foi o Edson Santana, dono de uma oficina de autos na Vila Nova. A linha quase rebentou porque, o peso era tão grande que dava impressão do peixe também ser grande. Todo mundo concentrado no Edson para aplaudilo pelo "tamanho do peixe". Ao tirar a linha da água, apareceu uma bota de borracha, cano longo, toda suja de lama. Vaia geral... Edson Cunha o Arara lá do fundo gritou:

- Pescador de Bota...

Ao tirar o anzol da bota, o pescador teve uma surpresa, lá no fundo escondido, preso ao anzol, um Polvo, lindo e de tamanho razoável. Vibração total do Edson, vergonha para os outros pescadores. Aconteceu que o polvo deve ter beliscado a isca e preso correu para se esconder achando a bota que acabou virando troféu. Só de raiva Edson Santana, preparou o Polvo e comeu sozinho no próprio barco.

Pelado em Santos

Em um domingo de sol, um grupo de jovens cubatenses do Grêmio Estudantil Afonso Schmidt se juntou e foi a Santos para as delícias da praia do Gonzaga. Roberto Xavier, um dos componentes do grupo, esqueceu de vestir-se adequadamente, como haviam feito seus amigos.

Em plena areia do Gonzaga, seus amigos Krica, Toninho Cunha, Milton Cruz, Tambaú, Sérgio Mustafá e outros formaram uma roda para que Xavier se trocasse. Ao verificar que Roberto já estava totalmente peladão, saíram correndo, inclusive com a sunga do colega.

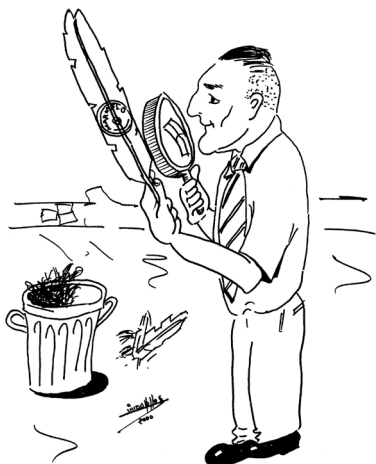
Roberto nunca mais quis saber de ir à praia em grupo, não foi fácil achar um jornal velho para "vestir-se"...

Penas personalizadas

Waldemar Bigode, Eduardo Silva, Rogério e Taé, sob o comando de Dinho, reuniram-se no bar deste último, a fim de preparar e comer cinco galinhas roubadas da granja do Mário Melo.

Após cumprir todas as tarefas que o caso requer, com a mesa já pronta para servir, pratos e talheres organizados, providenciaram o convite para os comes e bebes ao dono das penas, sem contudo comentar o fato de sua origem.

Durou o jantar aproximadamente duas horas, e Mário Melo não ha-



via ainda percebido coisa alguma sobre o “fornecedor” das galinhas.

Quando se dirigiu ao sanitário é que Mário, passando pelo latão de lixo, reconheceu, pelas penas das galinhas, que elas tinham sido suas.

Reclamou, é claro, por ter sido enganado. Esbravejou. Só não conseguiu explicar que “carimbo” tinha nas penas para que as mesmas fossem por ele identificadas...

Peruca no restaurante

Pintou em Cubatão um dentista que era conhecido como Dr. Kill. Na realidade, seu nome era Severino Silva Santos, porém ele fazia questão de ser chamado pelo apelido de Dr. Kill. Pintoso, bonachão, gozador, fez

amizade na cidade, chegando até a ser candidato a vereador. Certa vez, almoçando no Restaurante do Aviz, estavam eu, os vereadores Agrinaldo e Armando Campinas, mais o odonto Dr. Kill. Em função do calor, todos os ventiladores estavam ligados. Os pratos já estavam na mesa e nada do dentista iniciar o almoço. Com os dois cotovelos na mesa e com as duas mãos na cabeça, nós deixamos curiosos.

- Algum problema, Dr. Kill? – perguntou o Armando.

- Nada, não, estou pensando...

Dez minutos após, a comida já quase fria, o moço confessou:

- Eu não estou pensando não, estou segurando a minha peruca. Por favor, peçam para desligar os ventiladores, que estou com muita fome...

Peruca no salão

Funcionário do Centro de Saúde, Lutero era carecão, porém, muito vaidoso, usava uma vistosa peruca. Tinha somente os cabelos dos lados, que tinha que aparar de vez em quando. Sentava na cadeira do salão de Pedro Bianchini pra cortar o cabelo, porém não tirava a peruca. Dava um trabalho danado ao Pedrinho, que reclamava sempre.

Certo dia, o barbeiro, que tinha bronca do procedimento do peruqueiro, propositadamente meteu a tesoura nos cabelos da peruca, deixando-a imprestável. Lutero nunca mais cortou seus cabelos no salão do Pedro.

Pés molhados do vendedor de sapatos

José Gonçalves, dono da Casa Mendes, cliente antigo do Banco Itaú, freqüentava diariamente a agência para depósitos e demais operações. Também diariamente era motivo para brincadeira por parte do gerente e sub-gerente.

Certo dia, Zé estava de sapato novo e como todo sapato novo aperta, causando incômodo, Zé, para aliviar-se, retirou os sapatos novos colocando-os sob a mesa do Toninho Diniz. Aproveitando a distração do cliente, Toninho escondeu os sapatos, não devolvendo nem na hora do mesmo ter que ir embora. Zé Gonçalves, aborrecido e não querendo ser mais motivo de gozações se mandou pra sua loja sem os sapatos, debaixo de chuva e sujando suas meias que também eram novas.

Pescarias...

José Ortolani (White Pererê), morador em Santos, todo ano se junta com um grupo cubatense para a excursão da pesca. Ortolani, em virtude de um acidente, não tem a perna esquerda, usando uma prótese tão perfeita que muitos até desconhecem esse pormenor.

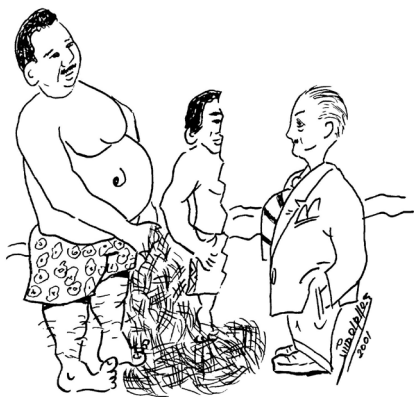
Em maio de 2002, lá foi o grupo para a pesca, desta vez no porto Luiz Alves, no Rio Araguaia. O barqueiro, muito atencioso, além da preocupação com o Ortolani em função de seu defeito físico, se ausentou um pouco do leme do barco, para atender o Carlinhos, que pedia insistentemente um band-aid para uma mordida de uma piranha, muito comum em pescaria.

De repente, um alvoroço no barco: é que, ao jogar a linha usando toda a sua força, Zé Ortolani acabou caindo no rio, com vara e tudo.

Jogaram-se na água, para socorrê-lo, Elídio e Carneiro de um lado, mais Guimarães e Armando Cunha jr., do outro, conseguindo levantar o infeliz pescador para a embarcação. O barqueiro, distraído, não percebendo que em pescaria Zé deixa a prótese no hotel, jogou-se no rio para procurá-la.

Algum tempo depois, tudo esclarecido, continuaram a pescaria, onde só o Guima foi feliz, conseguindo arrebatrar uma razoável pirarara. Aláor, também do grupo, disse que a partir desse dia White Pererê mudou para Zé Biguá...

Pescaria noturna na praia



Seis ilustres cubatenses se reuniram para uma pescaria com rede, à noite, na praia da Vila Mirim. O prefeito Armando Cunha, os vereadores Dinho e Pucciarello, Taé, Vidal, mais Eduardo Silva, na época chefe da Conservação.

Pescaria tipo arrastão exige muito esforço, além do cuidado em não se afogar, principalmente em se tratando de uma noite muito escura. Dividiram-se em dois grupos: Eduadão, Pucciarello e Vidal formaram o grupo mais fraco, em virtude do tamanho do Vidal (era quase anão) e a fraqueza do vereador Pucciarello, que não era muito chegado a fazer força, não sabendo nem por que estava ali naquele momento. Armando Cunha, no outro lado, já cansado de tanto fazer força, irritado, perguntou:

- Eduardo, quantos "homens" tem nesse lado???

- Aqui só tem um homem inteiro, um homem pela metade, e um vereador...

No dia seguinte, o vereador Pucciarello queria a exoneração de Eduardo do cargo, por desrespeito a uma autoridade.

Placas trocadas

Para o lançamento da pedra fundamental da Cosipa, era esperada em Cubatão a presença do governador Jânio Quadros. Não havia ainda a estrada Cubatão-Guarujá (hoje Dom Domenico) e, para alcançar o bairro de Piaçagüera, onde hoje está a Cosipa, somente seria possível pela estrada de ferro Santos a Jundiaí, ou pelo caminho totalmente escondido que ligava o centro da cidade ao bairro em questão.

Para onde vai o governador, vão sempre muitos deputados, senadores, assessores e muitos puxa-sacos. O prefeito da cidade determinou ao chefe da Conservação, Eduardo Silva (o Eduardão), para confeccionar e colocar placas indicativas para orientar os visitantes na difícil missão de se chegar ao local da solenidade.

Na noite anterior ao dia marcado para a festa, Elias Abrunheiro (o Cabeleira), por sugestão de seus “mui amigos” Dinho, Waldemar Martins, Toninho Martins e do próprio Eduardo, resolveu pregar uma peça nos ilustres visitantes, invertendo a direção de todas as placas indicativas.

As 10 horas da manhã, Jânio Quadros estava presente (chegara de helicóptero); os vereadores da cidade, mais o prefeito Armando Cunha também, porém o que tinha de deputados perdidos na Fabril, senadores no Casqueiro, assessores lá pelos lados da Refinaria, ministros no Curtume, e os puxa-sacos no centro perguntando onde ficava a Cosipa – era impressionante.

Plantas em exposição

Na Fabril, já por volta de meia noite, Manau, Amauri Petrone, Índio, Aguinaldo Pelado e Pedrinho Ilhosa resolveram promover, na porta do Cine Zeca Machado, uma exposição de flores em homenagem à primavera. Recolheram de porta em porta todas as plantas e flores, e, com a maior das paciências, colocaram organizadamente nos degraus do prédio do cinema.

Pela manhã, quase toda a população fabrilense correu ao local da exposição, tentando recuperar suas plantinhas de estimação.

Uma das plantas mais caprichadas estava em uma lata de 20 litros, pertencente à mãe da Marilda, filha do Ulisses, que Ronaldo Gochi estava a fim de namorar. Para fazer média junto à talvez futura sogra, Ronaldão tacou a lata no ombro, sem reparar que o fundo da mesma estava todo enferrujado. A terra se espalhou, junto com a planta de estimação.

Além de estragar o “vaso”, levou uma tremenda bronca, e não conseguiu emplacar o namoro.

Por via das dúvidas...

Na festa do Dia do Funcionário Público realizada na escola Lorena, bebendo sem moderação, estavam o Moacir Taraban, o Moacir José da Silva, o Moacir José dos Santos, e quase todos os funcionários da Prefeitura. Quando o Arlindo Fagundes Filho, presidente do Grêmio e organizador do evento, notou o exagero, decidiu acabar com a festa. Moacir Taraban foi peitá-lo, exigindo a continuação dos comes e bebes.

- Sabe que é... – falou o Arlindo Fagundes -. É que eu escutei um boato que tem um sujeito armado que vai atacar um tal de Moacir, então é melhor evitar.

Como tinham três Moacires, o Taraban resolveu concordar com o fim da festa, por via das dúvidas!!!

Prefeito Herói

Na administração Nei Serra de 1992, um dos vereadores de seu grupo de apoio era o vereador Zaqueu Queiroz, por sinal um bom vereador. Por sugestão da vereadora Marli, preparou um elogio para o prefeito Nei Serra que para ele era um verdadeiro herói, Zaqueu, em

um discurso na Câmara, falou alto e em bom tom:

- É preciso elogiar nosso prefeito, porque com a dificuldade que tem para administrar, ele é um verdadeiro "erótico"...

Presente de turco

Silvio Spinardi, chefe dos fiscais da prefeitura, escolheu e calçou na loja do Sr. Ali Hamad Kalou, um par de sapatos de preço até razoável. Não estando muito a fim de pagar pela mercadoria, após exigência do dono da loja, redigiu o seguinte "vale" "PELO PRESENTE VALE RECONHEÇO E AGRADEÇO AO SR. ALI, POR TER ME PRESENTEADO COM UM PAR DE SAPATOS " obrigado - Silvio. Como o Libanês, não conhecia patavina da língua portuguesa, guardou o "vale" para ser cobrado no dia do pagamento. No dia da cobrança não encontrando o Silvio, escutou de Lula Lubranski a tradução do vale, o que deixou o comerciante revoltado e com seu prejuízo aumentado.

Presente trocado

Valmir (Bunda de Cobra) com o primeiro salário recebido no Banco Itaú em Cubatão, avisou sua noiva que no dia de seu aniversário ia lhe presentear com uma calça comprida muito chique, muito cara como prova de amor. Comprou o presente foi trabalhar e colocou o pacote em sua mesa sem saber da capacidade de gozação de seus colegas de trabalho. Zé Bauta e Izaltino trocaram a calça comprida nova e chique, por trapo de calça toda rasgada e toda suja de graxa. A noiva do Valmir ao abrir o pacote, enfurecida jogou no lixo desmanchando o noivado na hora.

Quando a maré subiu foi fogo

Foram pescar no Rio Branco, após passarem no Bar da Nair, os pescadores Moacir, Peteleco, Getulio e o Antonio Figueira. O pescador mais "alto" e mais boca-dura era o Toninho Figueira, que para provocar seus amigos, ameaçava virar o barco, um frágil barquinho de alumínio movido a remo. Dos quatro, só quem não sabia nadar, era exatamente o Toninho, que falava em virar o barco. Provocado e com raiva e embalado como estava, quem virou o barco foi o Moacir. Os três que sabiam nadar formam até o barco, porém Toninho, o máximo que conseguiu foi se agarrar naquelas arvores do mangue se pendurando em um dos galhos. Uma hora depois Toninho berrava:

-Socorro, a maré ta subindo...

Os três voltaram e encontraram o Figueira já com água até o pescoço, bravo, todo picado por mosquito, e querendo bater em todo mundo.

Quase três em um

Apareceu na Fabril, para trabalhar na Santista de Papel, José de Souza, um negão de 1,90 m de altura, forte, muito humilde, muito simpático. Perguntado por Gildo (Etoze Ilhosá) sobre seus conhecimentos e predicados, respondeu:

- Sou torneiro mecânico regular, quebro o galho como zagueiro central e arranho como músico...

Começou na oficina mecânica e, dentro de uma semana, ainda não tinha mostrado serviço, era um torneiro mecânico pior que regular.

Escalado no domingo como zagueiro central no segundo quadro do Comercial, foi uma decepção total, não sabia nada de bola. Integrado ao conjunto da Fabril para o baile de sábado, levantou suspeita, criou um suspense pelo seu curto passado.

Por gozação, Quita, tocador de pandeiro no conjunto, colocou dentro do sax-tenor do Zé um rato morto, pensando na decepção que iriam ter. Zelão, percebendo a brincadeira, pegou o sax, sacudiu o rato para bem longe, começou a tocar e estraçalhou... tocava tudo... sabia tudo de música. Continuou torneiro, ficou no conjunto musical, porém nunca mais foi escalado para jogar bola...



Questão de pronúncia

Na campanha eleitoral de 1992, Balada, candidato à vereador pegou o microfone e disse :

- Sou um bom candidato, vote neu.

Ao seu lado, Armando Campinas, candidato à prefeito, tentou corrigir o erro de português:

- O certo é vote em mim.

- Vota em você uma porra, é pra vota ne mim mesmo!!!

Rádio Peão

Pegou nos corredores de empresas, empreiteira de obras, também na Câmara Municipal e na Prefeitura, o termo Rádio Peão. Era o comunicado de boatos do que ia acontecer, qualquer novidade de aumentos, feriados etc. Uma funcionária da biblioteca da Prefeitura, sem saber da história, escutando um boato de aumento de salário, com seu radinho de pilha no ouvido, perguntou para a Lina e a Odete:

- Por favor, qual é a frequência dessa tal de Rádio Peão que tá falando do aumento???

Reclamação ao travesseiro

João Teixeira Lopes era funcionário da contabilidade da prefeitura emprestado à Fundação Cubatense. Na Fundação, o Teixeira era subordinado ao Dagoberto, chefe da contabilidade e este à Rosemary Costa, no cargo de Assistente Financeiro. Com recomendação da Rose de exigir mais empenho do Teixeira no trabalho, Dagoberto começou a apertá-lo exagerando até. Certo dia, não suportando mais a carga de aperto, Teixeira estrilou:

- Assim não dá vou até o Paço, reclamar com o Dr. Lamuel, Secretário de Saúde. Dagoberto, muito cagão, com medo de perder o emprego, após pensar alguns minutos, resolveu sair atrás para se defender. Correu sala por sala, setor por setor do paço municipal, perguntando pelo Teixeira pra muita gente, não conseguindo encontrá-lo. Voltou para o hospital, sempre preocupado, não dormiu à noite de tão nervoso. No dia seguinte, ainda preocupado, com o ocorrido perguntou:

- Teixeira, onde você foi ontem???

- Fui pra casa dormir, esfriar a cabeça...

Relógio atrasado não adianta

Corintiano fanático, o vereador Luiz Carlos Costa comprou o ingresso para assistir na Vila Belmiro o jogo Santos x Corinthians. O jogo estava marcado para 21 horas, e 21 horas em ponto o jogo começou.

Acontece que o Luizinho, desligado, esqueceu de adiantar seu relógio em uma hora, em função do início nesse dia do novo horário de verão. Ingresso na mão, chegando ao estádio, os portões já estavam fechados por superlotação. Para piorar, apesar de seu Rolex marcar 20 horas o Santos já vencia o jogo por 2x0, para desespero do corintiano vereador.

Repelente duvidoso

Na preparação para uma caçada. Beto Rocha, por gozação sugeriu ao Zé Rocha um ótimo “repelente” para afugentar cobras, bichos que assustava demais o medroso caçador. Recomendou a compra de um quilo de sardinha, e antes de entrarem na mata, passar em todo o corpo, garantindo assim proteção contra todo o tipo de serpente. Róchinha não foi picado por nenhuma cobra, não consegui caçar nada, e à noite foi dormir no sofá, pois por mais banho que tomasse não conseguia tirar o cheiro do “repelente” de seu corpo.

Reveillon ao relento

No reveillon do E. C. Cubatão de 1956, misturando bebidas, eu tomei o maior fogo de minha vida. Dancei um pouco, porém quando percebi que não via mais ninguém, retirei-me do salão e fui tentar curar a minha ressaca, no corredor lateral da sede social. Ali sentei e me apaguei.

Quase no fim do baile, quebrou o maior pau dentro do salão, e os briguentos foram parar fora do salão, no corredor onde eu estava. Caíram por cima de mim e eu ainda continuava desmaiado. Foi quando escutei a voz do Jayme Ruiivo:

- Olha quem está aqui... é o Arlindo...

Me lembro que acordei, sendo carregado pelo Jayme, Renato Alves Neves, e guiado pelo meu irmão Arnaldo. Só voltei a acordar às 13 horas, em pleno Ano Novo...

Roubar padre é pecado grave

Vizinho ao Posto Mathias, na Avenida Miguel Couto, morava o pároco da matriz, padre Primo Maria Vieira. Como a casa tinha um quintal muito grande, o padre, seguindo conselhos de alguns paroquianos, resolveu criar patos – somente patos e patas, lógico. Não tinha outro tipo de criação, eram somente patos e patas. Vendia bem, não só as aves, bem como os ovos das patas, que faziam enorme sucesso entre os fiéis de sua paróquia.

Tonico Ribeiro, Cezar e Zezinho Mathias, pelo muro do posto, de vez em quando passavam a mão em um pato e organizavam uma festa, como de costume.

Seu Aníbal, muito amigo do sacerdote, percebendo a malandragem dos vizinhos, contou para o padre Primo o que estava acontecendo. Padre Primo costumava rezar a missa em menos de meia hora, seu serão não passava de dez minutos. Depois que soube dos roubos, no domingo na missa o sermão foi mais comprido. Levou mais de quinze

minutos alertando:

- Irmãos... roubar patos é pecado... é pecado mortal... vai pro inferno quem rouba patos!!!

Roubaram meu carro

Pensando em proporcionar um fim de semana de descanso para sua mãe, Pedro Tadeu, do setor de som da Prefeitura, viajou para Mogi das Cruzes, interior de São Paulo. Chegando ao hotel, após instalar-se, tomou algumas caipirinhas, e foi estacionar sua Paraty 93. A noite, em uma visita à casa de sua tia Conceição, tomou quase todo o estoque de whisky que havia no local. Voltou para o hotel, já totalmente travesado. No dia seguinte, na hora da volta, depois da ressaca, foi procurar seu carro e... que susto!!!

- Meu Deus! Roubaram meu carro!!!

Foi até a delegacia e registrou competente B.O. Cansado de procurar, não o encontrando, aborrecido, resolveu voltar de ônibus para Cubatão.

Quatro meses depois, toca o telefone do Setor de Som da Prefeitura.

- Pedrão, acharam o teu carro. – avisou Pedro Bianchini Júnior.

- Tá na delegacia???

- Não, tá lá no hotel, no mesmo lugar onde você estacionou.

Salve Sacadura e Coutinho

Em 1922, num feito extraordinário, atravessaram o Atlântico Sul, em um avião teco-teco, saindo de Lisboa e descendo no Rio de Janeiro, os aviadores portugueses Sacadura Cabral e Gago Coutinho. Prosseguiram viagem até o campo de pouso da Praia Grande, para seguirem de automóvel para São Paulo, passando por Cubatão.

Organizado por dona Miquelina Domingues, aconteceu uma homenagem pela passagem por Cubatão. No momento dos discursos, o garoto Joaquim Pinto Soares gritava, trepado em uma árvore:

- Salve o Sacadura Cabral.. e Gago no Coutinho!!!

Para não passar vergonha, Chico Rafael, um dos organizadores do evento, tirou o Quim da árvore e o levou para casa, puxado pelas orelhas...

Sapato apertado

Valendo-se da sua condição de fiscal da Prefeitura, Moacir José dos Santos visitou a loja de calçados "Casa Ali", na Praça Princesa Isabel, para comprar sapatos. Em uma distração do proprietário da loja, o sr. Ali Hamad Kadou, o fiscal colocou em seus pés um pisante novinho em folha, e deixou dentro da caixa seu par de sapatos velhos e furados.

- Sr. Ali, obrigado, não achei nenhum que sirva em meus pés...

Tempos depois, Ali ofereceu a um freguês os sapatos velhos do Moacir, que logicamente foram recusados pelo comprador, sob a revolta do ingênuo libanês.

Saudades da Zulmira

Em razão de fortes chuvas, em março de 1987, a Avenida Martins Fontes, na Vila Nova, encheu d'água, inundando a parte térrea do hospital da Fundação Cubatense. Regina Célia de Abreu, funcionária do

hospital, ao ver o volume da água subindo, chorava muito, soluçando até.

- Que foi, Regininha? – perguntou o Dagoberto.
- É que essa enchente... (soluços) me faz lembrar... (soluços) a minha boneca... (soluços) que perdi na enchente da Vila Parisi em 1971.
- E tome lágrimas.

A boneca da Regina não era uma boneca qualquer, tinha certidão de nascimento, tinha festa de aniversário com bolachas imitando o bolo, tinha carinho, tinha amor, tinha toda a atenção possível.

Com o fim das chuvas, baixaram também as águas da enchente no hospital. Após tudo terminado, com o chão já lavado, e o funcionamento já normalizado, toca o telefone e o Dagô atende:

- Alô, quem fala? ... O que você quer Zulmira?

Ao ouvir o nome da moça, que falava ao telefone com o Dagoberto, Regininha caiu novamente em prantos, agora mais fortes ainda.

- O que foi agora, Regina???
- É que Zulmira era o nome da minha boneca...

Segurança

Relatório do vigilante da Câmara Municipal. Zeca Páschoa, em certo dia, registrado no livro de ocorrências:

"Às 23h45, dois ladrões estavam tentando roubar as calhas de cobre do prédio."

"Às 24h... ROUBARAM"...

Segurança de Cristo



O Cotac, grupo de teatro amador que foi fundado por alguns devotos cubatenses, para encenação específica do drama da Paixão de Cristo, estava na sua primeira apresentação.

Reginaldo Ramos interpretava Jesus com muita dramaticidade na primeira versão do Drama da Paixão, na semana santa.

Fued Farah e José Alberto Canaes, como guardas romanos, batiam tanto em Cristo com seus chicotes que, perto da matriz, uma senhora beata que assistia à peça, compadecida pela dor de Jesus Cristo, meteu o guarda-chuva na cabeça do Zé Alberto.

- Não faça isso com o Cristo menino!!!

Sem barulho, porém cheiroso

Trabalhava no escritório do D.E.R., como contínuo, Haroldo, que por uma infelicidade em sua vida era surdo-mudo. Muito educado, apesar de sua deficiência era muito gentil com seus colegas, menos com Milton Braga. É que o Milton era um tremendo mal-educado, peidava a todo momento, em qualquer lugar, era só dar-lhe vontade.

Certo dia, estavam na sala somente Nunes, Haroldo e o Milton, e em certo momento este soltou um dos seus famosos peidos, e muito mais barulhento.

O coitado do Haroldo se enfezou, esperneou e, gritando a seu modo,

partiu pra briga, só não acontecendo por causa da turma do “deixa disso”, que chegou na hora.

Milton Louco, não entendendo nada, perguntou depois para o José Nunes da Silva:

- Mas ele não é surdo?
- É surdo, mas respira...

Serventia de um ventilador

A diretoria do D. E. R. de São Paulo indagando do Edistio Dias Rebouças Filho o Bireu, Chefe de Compras da Unidade de Cubatão, sobre o porque da necessidade da compra de um ventilador e qual seria sua utilidade. Resposta do Bireu:

- O ventilador é necessário porque serve pra fazer... VENTINHO...

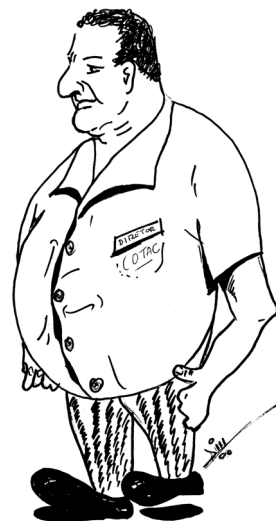
Simão muito bêbado

Em um drama da Paixão, do Cotac, Salomão, figura folclórica da cidade, por ser amigo dos fundadores do grupo, queria participar como ator, mesmo que em papel muito simples. O único papel que poderia caber ao Salomão seria o de Simão Cirineu, aquele que ajuda Cristo a carregar a cruz.

A peça rolava na Avenida Nove de Abril, com início mais ou menos na Avenida Henry Borden. Pelos cálculos do diretor Fued Farah, Cirineu deveria ajudar Cristo mais ou menos na esquina da Avenida Miguel Couto. Só que não perceberam que nessa esquina funcionava o Lanches Berimbau, bar do Valdir do Nascimento.

Salomão, já devidamente vestido, ficou posicionado em frente ao bar, provocando sua vontade por um trago. Dizendo-se “nervoso”, a cada dez minutos nosso “ator” comparecia ao bar para a pinguinha que ele dizia ser calmante. Como Cristo (Reginaldo Ramos) demorou 60 minutos para chegar ao local, calculam quantas vezes “Simão” visitou o balcão.

Na hora de sua ação, já totalmente bêbado, em vez de ajudar a carregar a cruz, caiu por cima do Reginaldo, criando a maior confusão, sendo expulso do quadro de atores do Cotac.



Sorte pequena

Trabalhava no D.E.R., na década de 60, Messias Malaquias Mato Grosso. Na semana do Natal, Mato Grosso comprou sozinho um bilhete da Loteria Federal, prêmio maior que a loteria oferecia todo fim de ano. Pagou com muito sacrifício, à vista.

Duas semanas antes do sorteio, não conseguindo segurar as pontas, começou vendendo os pedaços para seus amigos do D.E.R. Na antevéspera do sorteio, dos vinte pedaços, restavam somente dois. No dia do sorteio, Mato Grosso, não agüentando segurar a falta de grana, vendeu os dois últimos pedaços do bilhete. Para sorte de seus amigos e azar do Messias, o número foi sorteado no primeiro prêmio. Uma nota gigante. Alegria geral dos amigos, tristeza do comprador do bilhete.

Para não sofrer muito com a decepção, os vinte sorteados ratearam uma quantia e deram ao Mato Grosso, que daí em diante nunca mais comprou bilhetes de loteria.

Sorteio do juiz

Cansados de serem esbulhados pela arbitragem do Deusdeth de Almeida, que pela sua amizade ao Dinho sempre metia a mão a favor do E. C. Cubatão, José Teixeira veio à Liga de Futebol Amador de Cubatão, em véspera do jogo Cubatão x Comercial, válido pelo campeonato, para propor sorteio do juiz, tentando evitar que o escalado fosse o Deusdeth.

Dinho, representando o E.C Cubatão, aceitou a proposta do Teixeira e, na presença de Lindoro Couto, presidente da Liga, providenciou o sorteio.

Dinho logo se prontificou e ele mesmo escreveu em papéis os nomes que seriam posteriormente colocados dentro do chapéu panamá do próprio Dinho, para que a secretária da Liga tirasse o juiz sorteado. Tudo feito dentro dos conformes, a menina tirou o papelzinho e o juiz sorteado foi, por estranha "coincidência", o Deusdeth de Almeida.

Lindoro, após o sorteio, mais tarde verificou o descaramento. Em todos os papéis escritos só constava o nome do Deusdeth...

Sou juiz, mas, não tanto

Em visita ao Fórum de Cubatão, o juiz de paz Fulgêncio Soares, usando de suas "prerrogativas", colocou seu fusca no estacionamento privativo dos funcionários do Fórum, aliás, no local reservado aos senhores magistrados. Ao ser indagado de quem se tratava, Fulgêncio respondeu:

- Sou juiz, portanto guardo meu carro aqui.

Arrogante, em seguida, virou as costas.

Acontece que seu interpelador era juiz de Direito e diretor do Fórum e, também usando de suas "prerrogativas", mandou chamar a polícia e quase mandou prender o nosso juiz de paz.

Strogonoff do dia

Atendendo um pedido do Wilson Amado dos Santos dei-lhe de presente um suporte para TV, daqueles caprichados com compartimento para videocassete e cesta para fitas.

- Arlindo, me ajuda a instalar o suporte. Não tenho furadeira e muito menos parafusos e ferramentas.

Então, um dia a tarde fui eu junto com minha filha Fernanda levar o suporte mais as ferramentas para instalar o dito cujo. Ao passar pela cozinha senti um tremendo cheiro de comida boa. Na volta, muito curioso, não resisti, levantei a tampa da panela e deparei com um caprichado strogonoff de frango que já estava quase no ponto.

- Tira a mão daí. Esse prato é pra amanhã. – disse o pão duro do Wilson.

Ofendido, fui reclamar com Dona Roseli, esposa do Wilson, que respondeu:

- Pra amanhã nada. É pra hoje e você e sua filha vão ficar para jantar.

Só por vingança, repeti três vezes deixando a Letícia, o Wilsinho e a Fernanda sem comer quase nada.

Suicídio cancelado

Seu Pádua morava perto do Rio Cubatão, nas imediações do Hospital Ana Costa. Tomava algumas e geralmente chegava em casa totalmente travado, provocando escândalos, inclusive ameaçando espancar toda a família.

Certo dia, ao tentar bater em todo mundo, foi impedido pelos filhos. Revoltado, dizendo-se infeliz, e já ter vivido o suficiente, enverganhando demais a família, ameaçou suicidar-se, jogando-se no rio para morrer afogado. Despediu-se de todos e se encaminhou na direção do Rio Cubatão.

Quinze minutos depois, um de seus filhos foi conferir as atitudes do pai, e o encontrou sentado em uma pedra, à beira do rio, cabeça baixa, chorando muito.

- Pai... e aí???

- Desisti do suicídio. É que acabei de jantar, estou com medo de ter uma congestão.

Sujo não entra

Mario Canelas morava no bairro Alemôa, e namorava uma moça do Jardim Casqueiro. Descia no ponto do ônibus recém inaugurado da Av. Brasil, pela Av. Bandeirantes (hoje Tancredo Neves) atravessava por cima do aterro da futura Via Anchieta na maior dificuldade pra chegar à casa da namorada são e salvo. Em um dia de muita chuva, Canelas fez o mesmo trajeto, só que com mais dificuldade em razão do barro provocado pelo aterro. Assustou-se com um movimento estranho no mato. Era um tatu, que apareceu em sua frente. Pensando em um almoço caprichado, saiu correndo atrás do bicho e meteu o guarda-chuva nas costas do infeliz. Só que o casco do tatu era mais forte que seu guarda-chuva, perdeu o almoço especial e o guarda-chuva também. Chegou à casa da Hilda todo molhado, todo enlameado e foi imediatamente convocado a voltar pra casa tomar novo banho.

Tá bom pra cachorro

O gerente de segurança da Panificadora Santa Catarina, o Fabrício, é um tremendo gozador, mas sempre aprontam para ele as maiores sacanagens. Em uma cervejada promovida pelo Moacir e o Luiz Carlos, o Luizão da garagem da Prefeitura, convidaram o segurança para fazer parte do evento.

Como brincadeira, o Luizão comprou um pacote de 2 kg de Bonzo (comida para cachorro) e colocaram no prato do Fabrício. O segurança, distraído, comeu os dois quilos de Bonzo e ainda, sorridente, elogiava o "salgadinho" tira-gosto.

Tá na hora

Quando jovem, Manuel Simões Dias, dono da Casa de Carnes Cubatão, na Vila Nova, convidou sua namorada Vitoria para irem ao Cine Indaiá em Santos, assistirem um filme do Beatles. Só que antes passaram na relojoaria Zenith para pegar seu despertador daqueles antigos, que estava lá para conserto. No silêncio do cinema, o maior barulho na sacola do Neco. O relógio despertou fazendo com que o casal passasse a maior vergonha. Felizmente logo em seguida estourou na tela, uma musica barulhenta dos Beatles, diminuindo o vexame.

Telefone elétrico

José Teixeira, falando com o Eduardo José Farah, da Federação Paulista de Futebol, em um assunto muito sério, ao perceber o corte ocasional da energia elétrica, desligou o telefone imediatamente, só lembrando depois que a linha telefônica é totalmente independente de força ou luz.

Telefone mágico

O vereador que mais agenciava empregos na Câmara Municipal era o Manoel Ubirajara Pinheiro Machado. Certo dia, pretendendo arrumar emprego para um de seus eleitores, que sentava à sua frente, pegou o telefone e começou a falar. Três minutos de conversa dizendo que o emprego já estava quase arrumado, ouviu do eleitor:

- Bira, esse telefone em que você está falando está desligado da parede, olha o fio na minha mão..

Totalmente sem jeito, Bira não perdeu a esportiva:

- Caramba, que saco... tenho que repetir tudo...

Telefone mudo



Seu Miguel, encarregado do D.E.R., quando se separou da esposa, fez questão de levar o telefone que lhe pertencia. Sua mulher, revoltada, arrancou o aparelho telefônico da parede, dizendo com raiva:

- O telefone você não leva...

Uma semana depois, a Companhia Telefônica da Borda do Campo (CTBC) desligou-o na central e transferiu a linha para a nova residência do ex-marido, colocando novo aparelho. A ex-esposa está até hoje com aquele aparelho, que não ouve e não fala, mudinho... mudinho... !!!

Tem bobo pra tudo

Após ter sido gozado diversas vezes pelo Toninho Diniz, o empresário de transportes Ugo Scurt resolveu dar o troco. Reservou uma assinatura da revista Veja em nome do Toninho, só para fazê-lo gastar dinheiro.

Três meses depois, sem nenhuma reação do Toninho, reclamando da despesa extra e reparando que toda semana ele lia e relia a revista, achou por bem tirar a dúvida a limpo.

- Gastando com leitura, Seu Antonio???

- Tô gastando nada, eu descobri a tua armação e estou debitando na tua conta-corrente a despesa da assinatura.

Tem gato e jornal na tuba

Na década de cinquenta, o carnaval mais concorrido da cidade era sem dúvida o do E.C. Cubatão. Armando Cunha, então presidente

do clube, para abrilhantar o carnaval cubatense, contratou a Banda de Sereno e Ismael, exigindo que completasse com um baixo-tuba.

Ismael, o maestro da furiosa, disse não ter na cidade músico para tal instrumento. O presidente lembrou então que Pereira, mestre-de-obras da Prefeitura, tocava na bandinha municipal que acompanhava as procissões da igreja matriz era o elemento que estava faltando.

O homem foi contratado e incorporado à banda. Sábado, primeira noite que antecede o reinado de Momo, foi tudo muito bem. Lá no fundo do palco, junto aos instrumentos de percussão, lá estava ele, imponente com seu instrumento nos ombros e tocando como ninguém chegando até a ser elogiado pela novidade.

Domingo, a noite seguinte, num ligeiro cochilo do baixista, encheram a tuba com jornal molhado. Pereira tocou a noite toda, sem perceber o fato de que ninguém ouvia o som de seu instrumento, se é que saía algum som é claro, ele tocava BAIXO...

Ter crédito às vezes é ruim

Em uma das eleições municipais, Ceará, o Pipoqueiro saiu candidato a vereador. Pensando ser um dos eleitos, Ceará convidou o Moacir José dos Santos para tomar uma cerveja no Bar do Maneco Figueiredo, comemorando sua vitória que entendia como certa. Estavam enchendo a cara quando um amigo do candidato veio falar de sua votação:

- Ceará. Você só teve dois votos.

Desiludido e com raiva o candidato se mandou deixando o Moacir sozinho. Moacir sem dinheiro no bolso ficou fazendo hora esperando a volta do amigo e foi aumentando a conta porque acabava bebendo mais. O moço não voltou e Moacir tentou explicar para o Figueiredo que não era responsável pelas despesas.

- Tu ficaste. Depois tu pagas, confio em ti.

Teste do celular

Waldir Santos de Santana, da Câmara Municipal, quando comprou seu primeiro celular, fazia questão de exibi-lo para que seus colegas o notassem mais "importante".

José Leme, tremendo gozador, telefonou para o Waldir do mesmo local de trabalho, e da sua sala. Fingindo não estar recebendo bem o som do celular, Leme mandava que Waldir se locomovesse para melhorar a recepção. Com o celular no ouvido, o novo dono da nova invenção andava para todo o lado, subia e descia escadas, ouvindo sempre do Leme que o som ainda era precário.

Ao perceber que todos os funcionários da Câmara estavam acompanhando o espetáculo, que, por sinal, já durava mais de 20 minutos, Waldir, enfurecido, desligou seu novo aparelho, partindo para cima do Leme, briga não consumada por causa da turma do "deixa-disso"...



Tiro de fumaça

Nos Jogos Regionais de Osasco, no jogo de futebol entre as cidades de Cubatão e Barueri, o juiz da partida estava metendo a mão contra Cubatão. Após a não marcação de um pênalti a favor de Cubatão, Manoel Messias, presidente da Liga na época, sacou de seu revólver e ameaçou com um tiro para o ar.

- Messias... só saiu fumaça, lembrou o Paulo Olcese.

É que o Messias, em vez de balas de verdade, levou por engano balas de festim.

- É só pra assustar, não vou atirar em ninguém...

O juiz continuou roubando e desclassificou a cidade da competição, sem medo algum do tiro do Messias.

Tô altamente perdido

Morava na Av. Pedro Cardoso, onde hoje se localiza o Hotel Olímpia, Moacir, fiscal da prefeitura. Com a venda do imóvel, Moacir mudou-se para o Jardim Casqueiro. Antes de mudar para o Casqueiro, nas horas vagas, cuidava de uma horta caprichada no terreno em frente à sua casa. Quando o Hotel começou a funcionar, desmancharam a horta para o espaço servir de estacionamento. Certo dia, depois de algumas cervejas, Moacir resolveu ir pra casa.

- Ué... cadê a minha horta ?

- Moacir, você mudou para o Casqueiro faz tempo... lembrou o Jonas.

Tô fora...

Quando jovem, Nazareno Francisco da Silva, do Camp, saiu do interior do Rio Grande do Norte para a capital, indo procurar ajuda de sua irmã Maria Isabel, que era enfermeira do hospital Miguel Couto em Natal. Não tinha nada no bolso, não tinha onde dormir, somente a vontade de procurar emprego.

- Mana, me ajude, não tenho onde pernoitar.

Maria Isabel, conceituada funcionária do hospital, se achou no direito de assumir a responsabilidade de colaborar.

- Irmão, você esta noite vai dormir nesta sala, é a sala dos falecidos, antes de seguirem para o necrotério. Fique bem quietinho e reze para ninguém morrer esta noite.

Nazareno deitou-se, cobriu-se todo e, muito cansado, adormeceu rápido. Meia noite, abriram a porta, eram dois enfermeiros trazendo um defunto. Nazareno acordou com o barulho, porém, cumprindo ordem de sua irmã, ficou bem quietinho. Uma hora depois, mais outro morto, e 2 e meia da madrugada mais um, e o nosso herói bem quietinho.

As sete horas da manhã, quando o carro funerário apareceu para recolher os mortos, Naza ouviu:

- Oxente... Na relação constam três defuntos, aqui tem quatro!!!

Foi aí que a ordem da irmã foi desrespeitada. Nazareno não só gritou, como se levantou e saiu correndo assustando o motorista do carro.

Três lágrimas

Dois filhos do seu José Maria Ruivo saíram no tapa por causa de uma peneira de pegar camarão. Avelino sacou de seu estilingue e tacou uma pedrada na cabeça do Mário. Este, sangrando e chorando, foi se

queixar à sua mãe. Dona Maria correu para o Avelino e deu-lhe tremenda surra. Por vingança, Avelino, com um pedaço de ferro, furou todo o fundo da lata de ferver roupa de sua mãe. Dona Maria jogou em sua direção uma lata de azeitonas, com a intenção somente de assustá-lo, só que acabou acertando a cabeça do filho, que, sangrando, chorou também.

A noite, na hora da janta, dona Maria Torres Ruivo, vendo seus filhos com curativos na cabeça, se emocionou, retirou-se para o quarto e também chorou...

Troca de carros

O correspondente de A Tribuna em Cubatão era o Carlos Monforte que tinha um Fusca. O Coordenador Jurídico da prefeitura era o Dr. Luis Jorge Freire que também tinha um Fusca. Os dois eram da mesma cor e final de placas iguais, e para complicar, as chaves eram da mesma série e logo abriam os dois carros. Dr. Jorge Freire chamou seu assessor Edson Gonçalves e pediu:

- Edson, por favor, coloque esses processos no meu carro, que hoje tenho duas audiências. Edson catou a chave do Fusca do Doutor e tacou no banco traseiro os processos citados, só que no carro do jornalista.

Monforte tinha uma entrevista para fazer em Santos e se mandou. Dr. Jorge teve que adiar as audiências por falta dos processos. No dia seguinte o jornalista procurou o Coordenador Jurídico com os processos na mão:

- São seus... Doutor?

Trocaram de carros para evitar mais confusões no futuro.

Um caso de polícia

Taé, Rogério, Armandinho e Waldemar Bigode, na antevéspera de Natal, roubaram da casa do seu Rodolfo, investigador de polícia, um peru de tamanho razoável que o mesmo engordava para comer no Natal. Depois de devidamente preparado no Bar do Dinho, convidaram o nosso policial para fazer parte da mesa, o que fez, agradecendo o convite.

No dia seguinte, mandaram para a casa do delegado em questão um bonito cartão de natal, agradecendo pelo peru, juntando ao cartão a pena mais bonita da ave. Com a pena na mão, e ar de autoridade, o nosso "delegado" se dirigiu ao Bar do Dinho, ameaçando prender todos os componentes da festa, como suspeitos de roubo.

- Mas, seu Rodolfo, alertou o Dinho, o senhor também é suspeito, já que também participou da festa...

- É mesmo, tem razão, vamos esquecer!!!



Um golaço do animal...

Em seus aniversários de fundação, era tradição o Águia F.C. do Cor-tume promover, em seu campo, um torneio de futebol para comemorar a data. Cabia ao aniversariante jogar a partida final, também

chamada Prova de Honra, partida esta que valia taça. Por muitos anos o Águia não perdia um jogo dessa prova.

Em um desses festivais, a diretoria do Águia convidou para a Prova de Honra o timaço do Light, tricampeão cubatense, composto por De-deu, Mazinho, Fubeca, Orlando, Airton, Tiãozinho etc. Apitava o jogo Martinho, policial militar que nas horas vagas enganava como juiz de futebol.

A cada apito mais forte do nosso juiz, o vira-latas Piloto, cujo dono era o Toneca, adentrava o campo, correndo sempre em direção à bola, atrapalhando o bom andamento da partida.

Até os 44 minutos do segundo tempo, vencia o time da Light, por 1 a 0, provocando a quebra de tradição do Águia, de nunca perder uma Prova de Honra. Faltando poucos segundos para o término do jogo, Martinho apitou um pênalti contra o Light, totalmente legal, pois não houve reclamação por parte dos atletas do time que vencia.

Foi o Toneca, zagueiro central, capitão e dono do time, encarregado de bater o pênalti. Ao apito do juiz, Toneca correu em direção à bola, e o Piloto também.

Para infelicidade do zagueirão, a bola se encaminhava para fora, porém para felicidade do Águia, a mesma chocou-se com o cachorro, e foi parar mansamente no fundo da rede.

Valeu... Não valeu... Martinho, conhecedor das regras futebolísticas, validou o gol, considerando o cachorro Piloto como neutro.

Nas fotos da comemoração do Águia, linha agachada, defesa em pé e, destacado no colo de Toneca, o brilhante artilheiro Piloto.

E assim, por tradição, mais uma taça foi parar nas prateleiras aguianas.

Um leitão com mais sabor

“Aliviaram”, de um criador de porcos, um leitão em boas condições, para promover uma festança das melhores. O local escolhido foi a casa dos Figueiras, já que a maioria do grupo era dessa família. Por idéia do Ademar Pedrosa, teria que ser convidado para a festa que seria realizada naquele mesmo dia, véspera de Natal no horário exato da meia-noite, o “guru” das gozações – nada mais, nada menos que o vereador Dinho, sempre presente a esse tipo de “solenidade”.

Partiram para o Bar Avenida, para fazer o convite, Ademar, Lousada e Toninho Figueira, representando a família dona da casa. Ficou acertado que o início seria exatamente no horário da meia-noite, e caberia ao Dinho levar um garrafão de vinho, para a devida molhada ao leitão. Era delegado na época o Dr. Décio Funaro, freqüentador assíduo do bar, um grande gozador também, muito amigo do Dinho.

Por volta das 11h30, já com a mesa do banquete preparada, chegou com o garrafão de vinho a tiracolo o ilustre convidado, totalizando em volta do mesmo 15 pessoas, aproximadamente.

Dez minutos antes do horário combinado, bateram à porta e gritaram:

- É A POLÍCIA... é aqui que está reunido o bando que roubou o leitão do Volta Seca??? Abram em nome da lei!!!

Sem pestanejar, todos saíram correndo, sem olhar para trás, inclusive os donos da casa, menos o Dinho. Passando dez minutos, a preocupação passou a ser com referência ao Dinho, que teria dificuldade em fugir, não só pela idade, como também pelo peso, já que o nosso edil era peso-pesado.

Acertaram então de voltar para socorrê-lo. Ao olhar pelo buraco da

fechadura, assistiram o seguinte quadro: Dinho, Dr. Décio, Volta-Seca e mais quatro soldados da Polícia Militar, comendo, bebendo, rindo e gozando os trouxas que prepararam o banquete.

Um quilo e meio que ficou marcado

Quando Tônico Barbosa chegou do Nordeste, aos 12 anos de idade, para se adaptar aos termos paulistas teve alguma dificuldade. Sua mãe mandou-o ao açougue do Marcelino comprar um quilo e meio de acém. Quando o Austin, irmão do dono do açougue, perguntou ao menino o que queria, Tônico não lembrava de mais nada.

- Seu moço, tem a ver com números, acho que é duzentos.

- Já sei, não é duzentos, é cem, você quer um quilo e meio de acém.

Mais tarde, trabalhando no empório do Jaime Duarte, escutou de uma freguesa:

- Menino, me dá um quilo e meio de quirela.

Milho moído, aqui em São Paulo, é quirela, lá no Nordeste é xerém. Era o primeiro dia de serviço, e para não fazer feio, Tônico pesou um quilo e meio de semente de girassol.

- Ô menino, legal, eu já ia esquecendo do meu papagaio, agora pesa a mesma coisa disso aqui, apontando para o saco de quirela.

Foi assim que Tônico Barbosa viu que seu negócio era rádio, e hoje é um grande apresentador de TV.

Uma cacetada de milhões

Preparando uma minuta para um projeto de construção de trecho da Via Anchieta, Padovani, na parte dos valores, escreveu:

“O montante deste projeto está orçado em 92 milhões e lá vai cacetada”, economizando bater mais de doze zeros. Marlene a secretária do engenheiro Paulo, bateu o ofício – que seria remetido ao secretário de Obras Públicas do Estado de São Paulo – conforme a minuta, “milhões e lá vai cacetada”.

Luizinho conferiu, mandou para o engenheiro Molina, que também conferiu, e o ofício foi para São Paulo, escrito “92 milhões e lá vai cacetada”.

O processo voltou para o D.E.R. em Cubatão do jeito que foi, lá na Secretaria ninguém reparou no erro.

Padovani teve que refazer o ofício, corrigindo a parte financeira e remetendo novamente a São Paulo, não sem antes dar uma gozada em todo mundo...

Uma multa esquisita

O motoqueiro Toninho Ribeiro adquiriu, após muito sacrifício, uma moto zero quilômetro, 1989. Naquela época, o uso de capacete era odiado pelos motoqueiros, que não gostavam de colocá-lo, alegando desconforto. Mas Toninho obedecia a lei, carregando sempre o capacete, só que amarrado ao braço direito.

Certo dia, foi parado por um guarda, por não estar usando o capacete. Não se conformando ao ser multado, se defendeu:

- Mas, seu guarda, olha o capacete aqui no meu braço!!!

- Tudo bem – respondeu o guarda -, só que não estou multando você... Estou multando seu braço...

Urubu voando baixo



Em uma ambulância do D.E.R., Lindolpho, o enfermeiro, levava sua filha Lina para tratamento no Hospital dos Servidores em São Paulo. Na volta, era obrigação do motorista da ambulância, Oswaldo Domingues (Vado) passar no Sanatório Charcot, à margem da Via Anchieta, para apanhar alguns documentos.

Ao estacionar, Lindolpho avisou ao Vado que a marquise do hospital era baixa e que poderia quebrar o giroflex que fica em cima do veículo. O motorista não deu a mínima e estacionou assim mesmo, quebrando o sinalizador em pedaços. Ao tentar desmontá-lo, acabou se ferindo, sujando até a ambulância com sangue.

Chegando a Cubatão, Alfredo Guimarães (Cocada), chefe dos Transportes, quis saber como aconteceu o acidente, provocando aquele prejuízo todo.

- Foi um urubu que, voando baixo, bateu no aparelho. Olha minha mão, é sangue do urubu...

Vai cantar, Valtemir

Jogava na década de 60 no time da A. A. Anchieta um ponta-esquerda chamado Sebastião Ribeiro, o Sebastiãozinho. Seu filho mais velho, o Valtemir Ribeiro, um bom cantor desde criança, jogava também na ponta-esquerda, ou melhor, tentava jogar.

Por mais que Valtemir tentasse, não conseguia chegar aos pés de seu pai em matéria de técnica futebolística. Porém, já naquela época, era um excelente cantor.

Em um jogo do Anchieta, após perder algumas jogadas, e alguns gols também, ouviu de um torcedor:

- Dá pra ele um microfone, larga a bola Valtemir, teu negócio é cantar!!!

O torcedor foi ouvido... Graças a Deus !!!

Vai que a folha vai junto!!!

Na Biblioteca Municipal na Av. 9 de Abril, compareceu uma professora da prefeitura pedindo :

- Francisco, eu preciso emitir um fax deste documento...

Para emitir um fax basta uma folha só, o aparelho emite, e o mesmo papel é devolvido. Só que a moça saiu, voltando 15 minutos após, deixando o Chico esperando pacientemente.

- A professora foi onde?

- Fui tirar uma xerox, preciso de uma copia !!!

Velhinho sofredor

No tempo em que o Chaveiro Balula era dirigido pelo Balula velho, trabalhavam com ele seus dois filhos, Sérgio e Hermes. Certo dia, apareceu um senhor de muita idade, velhinho, coitado, pedindo conserto na fechadura da porta principal da sua casa, que ficava na Vila Nova, perto da Via Anchieta. Por gozação, brincando, Hermes Balula solicitou:

- Senhor, tem que trazer a porta junto...

O freguês sumiu. No dia seguinte, antes da loja abrir, lá estava o velhinho com a porta nas costas, cansado de tanto fazer força.

- Por que o senhor trouxe a porta??? – perguntou o Balulão.
- Seu filho é que mandou...

Nesse dia, Hermes Balula levou a maior bronca de sua vida...

Visual Ingrato

Navegando com o batelão cheio de areia, vinham descendo o rio Mogi, em Piaçaguera, na proa Pedro Costa e na popa, dirigindo o barco, seu irmão Maneco. Sentadinhos no centro do barco estavam o Luis Antonio e seu irmão Carlos Augusto (Buda). Em frente ao porto do Jardim São Marcos (Maraca) Maneco passou a admirar o visual à margem do rio. Eram as moradoras do bairro, tomando banho, totalmente nuas.

Eram muitas e para conferir todas levou algum tempo. Pedro também se distraiu e o batelão acabou se chocando contra um toco de árvore no meio do rio. O barco virou, perderam toda a areia, e ainda por cima levaram a maior bronca do seu José Costa.

Vitamina não faz milagre

Perambulava pela cidade um “pé inchado” apelidado por Carioca. Tremendo boca-dura, malcriado quando bêbado, chamava todo o mundo pra briga. Aparecia sempre com o rosto inchado de tanto apanhar. Certo dia pediu para o Sergio dono da farmácia Vila Rica, uma vitamina bem forte alegando estar cansado de ser surrado. Pegou o vidro, tomou a vitamina de uma vez só e se mandou pro bar do Juvenal que ficava em frente à farmácia. Levou tanto sôco, tanto tapa, que veio de volta à farmácia, cambaleando e reclamando da vitamina:

- Também você não esperou o remédio fazer efeito... respondeu o Serjão!!!

Viva o Corinthians

Acompanhado de Renato Cretella, o corintiano fanático Chico da Adega foi ao Morumbi assistir Corinthians x River Plate, pela Libertadores da América. Foi difícil comprar ingresso, conseguiu com muito custo. Na fila para entrar no estádio, naquela multidão, empurra-empurra, Chico exibia orgulhosamente seu ingresso, adquirido com muito sacrifício.

- Córintia... Córintia... Córintia.

Passou por detrás um torcedor esperto, pegou o ingresso do Chico e se mandou. Pra poder ver o jogo, teve que desembolsar R\$ 70 com um cambista, na compra de novo ingresso.

Para piorar, o Corinthians foi desclassificado.

Viva o Lula Lá!!!

Quando da eleição para presidente da República em 2002, na banca de jornal do Júlio Campbell Penna (Jacaré) diariamente havia tremenda discussão política. O Julinho dizia que o Lula seria eleito, o que um corintiano fanático, o português Ricardo Cipriano, contestava até com uma certa veemência.

- Lula vai ganhar, Cipriano!!!
- Se Deus quiser, não vai não – retrucava o Ricardo.

No dia seguinte à eleição, já com o Lula eleito presidente, Ricardo Cipriano, logo cedo comprando jornal, mandou, todo alegre:

- Jacaré... agora tá bom, finalmente temos um presidente corintiano!!!

“Windows”

Um dos maiores entendidos em informática de Cubatão era o Wendel Bruno, funcionário do Camp, mineiro de Ipatinga. Atendendo telefonema de uma professora do Lorena, pedindo ajuda para resolver problemas em seu computador, Wendel foi cantando as instruções para solucionar os tais problemas. Após alguns minutos, Wendel disse:

- Agora, fecha todas as janelas...

Depois de dez minutos pendurado no telefone, o mineirinho ouviu:

- Alô... desculpe a demora, é que eu estava fechando as janelas, foi até bom, está ameaçando chover...

Zoando na Noite de Autógrafos

Quando cursava o 3º ano da Faculdade de Direito de Santos, chegava sempre cedo às aulas pois ia direto do escritório para a faculdade. Certo dia, Jaldo o Bedel, cansado de ver tantos livros da Receita Federal em seu espaço falou:

- Arlindo, você tem escritório, leva esses livros prá você.

Eram livros da Receita Federal ensinando a declarar o Imposto de Renda, com perguntas e respostas. Junto com o Antonio Roca, Carlos Teixeira, Nilson Xavier, Elidio e Vitalino foi organizada a distribuição para os alunos que estavam chegando, maneira mais apropriada para livrar-se daquele entu-

lho. Por brincadeira, passei a “autografar” os livros dizendo ser o autor. Quando os calouros do 1º ano perceberam, chegaram a fazer fila para ganhar o livro. Teixeira e Roca estavam organizando a fila quando notaram a chegada de um professor da casa.

- Mestre... por favor, receba um livro que o Arlindo escreveu...

- Muito bem... obrigado, parabéns, escutei do professor.

Foi a melhor maneira de ficar livre daquele bagulho.

NOVA DIMENSÃO

ORGÃO INFORMATIVO DA UNIÃO PROGRESSISTA

FACULDADE CATÓLICA DE DIREITO DE SANTOS

ND - UP - N° 1 SETEMBRO - ANO VI - 1979

SAI DESSA VIDA!

NOITE DE AUTÓGRAFOS

Aconteceu no dia 20 de agosto último uma “Noite de Autógrafos” na Faculdade. O livro “Imposto de Renda: Atendimento Telefônico”, autografado pelo Arlindo do 3º noturno, por sinal parabenizado por professores desta Casa.

ELEIÇÕES DO D.A.

O que anda de boca em boca: quando será que o Ismael vai desistir?



Sobre o autor

Filho de Alvaro Ferreira e Amélia Cunha Ferreira, Arlindo nasceu no bairro da Fabril, Cubatão, em 22 de março de 1937, morando até os 16 anos com seus cinco irmãos. Formou-se no primário na 1ª turma do Grupo Escolar Cubatão de Cima em 1948 e, em 1953, completou o Ginásio no Colégio Santista, no município de Santos. Aos 17 anos começou a trabalhar na Fábrica de Fertilizantes de Cubatão – FAFER onde permaneceu até 1954. Transferiu-se posteriormente para Cia. Santista de Papel, de onde se ausentou para servir ao 6º Grupo de Artilharia de Costa Motorizado sendo promovido ao posto de cabo e classificado em terceiro lugar no curso de Sargento. De 1957 a 1967 trabalhou no Banco Ribeiro Carvalho, começando como Caixa até chegar a gerente. Estudioso, formou-se em Técnico de contabilidade no curso de Contabilidade Afonso Schmidt. Estabeleceu-se no ramo de Escritório de Contabilidade na firma Mercúrio Ltda., até 1976. Ingressou na Faculdade Católica de Direito de Santos, formando-se Bacharel em Direito em 1982. Em 1985 foi convidado para ser chefe de escritório na Fundação Cubatense, transferido após para a Prefeitura Municipal de Cubatão, aposentando em 1998 após ocupar cargos em diversos departamentos. Em 1968 foi presidente da diretoria do Esporte Clube Cubatão, tornando-se, posteriormente conselheiro, ocupando este cargo até os dias de hoje. Foi também presidente do IBM Clube em 1967. Em 2002 ajudou a fundar o Instituto Histórico e Geográfico de Cubatão, sendo seu primeiro presidente. Faz parte atualmente do Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Cubatão e também integra a diretoria do Centro de Aprendizagem Metódico e Prático Mário dos Santos, CAMP. Também foi diretor do Esporte Clube Jardim Casqueiro e Associação Atlética Guimarães e do Águia Futebol Clube. Na faculdade ocupou o honroso cargo de 1º representante dos alunos junto a Congregação Diretiva. Em 1962 casou-se com Arlete Lima Gonçalves, filha do ex-vereador Benedito Lima Gonçalves. Da união nasceram quatro filhos: Arlindo, Eliana, Fábio e Fernanda e os netos Natália, Nicolas, Livia, Leandro, Dryele, Malu e Amanda. Sempre demonstrando interesse pela memória da cidade, Arlindo faz questão de ressaltar a importância de se preservar o patrimônio histórico e cultural do município. Sua principal arma na defesa da memória e dos valores culturais da cidade são a caneta, papel e sua privilegiada memória. Desta forma, pequenos textos e fotos sobre o cotidiano e o folclore da antiga Cubatão são produzidos e publicados no jornal local *Acontece* há mais de dez anos. Contando o passado de Cubatão, Arlindo vai pouco a pouco resgatando a história de “paz, amor e tradição” como dizia o poeta Edistio Dias Rebouças Filho.

